ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA
INSTITUTO ECUMÊNICO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

Juntos e Associados

A compreensão e a prática da relação Irmãos e Colaboradores Leigos para a realização da missão na Província Lassalista de Porto Alegre

Selestino José Bortoluzzi

Mestrado em Teologia
Área de Concentração: Teologia e História

São Leopoldo, janeiro de 2006

Livros Grátis

http://www.livrosgratis.com.br

Milhares de livros grátis para download.

JUNTOS E ASSOCIADOS

A COMPREENSÃO E A PRÁTICA DA RELAÇÃO IRMÃOS E COLABORADORES LEIGOS PARA A REALIZAÇÃO DA MISSÃO NA PROVÍNCIA LASSALISTA DE PORTO ALEGRE

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

por

Selestino José Bortoluzzi

em cumprimento parcial das exigências
do Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Teologia
para obtenção do grau de
Mestre em Teologia

Escola Superior de Teologia
São Leopoldo, RS, Brasil
Janeiro de 2006

BORTOLUZZI, Selestino José. *Juntos e Associados - A compreensão e a prática da relação Irmãos e Colaboradores Leigos para a realização da missão na Província Lassalista de Porto Alegre*. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, 2005.

SINOPSE

"Juntos e Associados – A compreensão e a prática da relação Irmãos e Colaboradores Leigos para a Missão na Província Lassalista de Porto Alegre" pretende ser uma tentativa de verificação da vivência da associação Irmãos e Leigos nessa Província.

João Batista de La Salle fez da associação a mola propulsora para estabelecer na Igreja Católica um novo tipo de Instituto, o dos Irmãos das Escolas Cristãs, constituído unicamente por Religiosos Leigos, para oferecer educação humana e cristã à infância pobre e abandonada, primeiro em Reims e, após, em Paris e outras cidades da França.

Durante muito tempo apenas Irmãos assumiam a tarefa educativa nas Escolas do Instituto. Aos poucos, porém, outros professores passaram a colaborar com eles, e em número cada vez mais significativo.

O Concílio Vaticano II devolveu ao Leigo o papel que fora seu nos primeiros séculos da Igreja, quando era chamado a viver, na radicalidade, sua condição de batizado e evangelizador.

Essa abertura atingiu igualmente os Institutos Religiosos, que se abriram à presença e à ação do Leigo, no exercício da missão, e na adoção do carisma do Instituto, como inspiração para a vivência da especificidade ou estilo de vida de Leigo.

As respostas de Irmãos e Colaboradores Leigos de Escolas da Província Lassalista de Porto Alegre possibilitaram uma idéia aproximada de como nela está sendo concretizado o "Juntos e Associados" para a realização da missão do Instituto de ser fator de promoção humana e de anúncio do Evangelho pela educação, especialmente da juventude pobre e excluída nestes tempos da globalização.

BORTOLUZZI, Selestino José. *Juntos e Associados - A compreensão e a prática da relação Irmãos e Colaboradores Leigos para a realização da missão na Província Lassalista de Porto Alegre*. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, 2005.

ABSTRACT

"Together and by association – the understanding and practice of the relation among Brothers and Lay Collaborators in the accomplishment of the mission in the Lasallian District of Porto Alegre" intends to be an attempt to check how the association among Brothers and Lay Collaborators is being lived in this District.

John Baptist de La Salle has turned the association into a motive power to establish a new kind of Institute in the Church, the *Institute of the Brothers of the Christian Schools*, formed only by lay brothers, aimed to offer human and christian education to the poor and the abandoned childhood, first in Reims, and, afterwards, in Paris and other cities of France.

During a long time only the Brothers have accomplished the educational task in the schools of the Institute. However, little by little, an increasing number of lay teachers were led to collaborate.

Because of the Vatican Council II, lay people regained the role belonged to them in the first centuries of the Church: as baptized, they were called to live radically their condition of baptized and evangelizers.

Due to this opening of the Church, the Religious Institutes also have opened their vision in relation to the presence and action of the lay people, not only concerning the mission, but also the adoption of the charism of the Institute as an inspiration to live the specificity or the lay lifestyle.

This background and also the responses from Brothers and Lay Collaborators of Schools from the Lasallian District of Porto Alegre made it possible to get an approximate idea of how the "Together and by Association" has been concretized to the fulfillment of the Mission of the Institute of providing human promotion and the announcement of the Gospel through education, specially in favor of the poor and the excluded young, in this time of globalization.

BANCA EXAMINADORA

Presidente: Prof. Dr. Ricardo Willy Rieth (EST/IEPG)

1º examinador: Prof. Dr. Wilhelm Wachholz (EST/IEPG)

2º examinador: Prof. Dr. Paulo Lari Dullius (UNILASALLE)

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Ricardo Willy Rieth, por sua orientação e pela forma como a fez.

Ao Ir. Edgard Hengemüle, pelo decisivo apoio oferecido para a elaboração desse trabalho.

Ao Ir. Paulo Lari Dullius, por suas orientações e por ter aceito integrar a Banca.

Aos Superiores e aos Irmãos, por seu apoio e incentivo para a realização do meu propósito.

Aos Irmãos e Colaboradores Leigos que participaram da pesquisa.

A todos os que colaboraram para a realização do meu propósito.

Aos meus familiares, por sua compreensão pela interferência do trabalho em nossas relações.

Ao Ir. Antonio Botana, do Secretariado Internacional para a Associação, em Roma, pela disponibilização de material, especialmente no início do trabalho.

DEDICATÓRIA

Aos Irmãos e Colaboradores Leigos que procuram dar o melhor de si para a realização da missão de evangelizar pela educação.

Ao Ir. Pedro Ruedell, e integrantes da equipe na formação do Leigo Lassalista na Província Lassalista de Porto Alegre, por seu comprometimento para o surgimento da associação, entre os anos de 1989-1999; que tal esforço não tenha sido em vão.

Aos Leigos Lassalistas que participaram desses Cursos de Formação, para que continuem, com entusiasmo, seus esforços em prol da associação de Irmãos e Colaboradores Leigos para a missão.

A todos os que me incentivaram na realização de meu propósito.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO **10**

I. O INSTITUTO DOS IRMÃOS DAS ESCOLAS CRISTÃS NOS COMEÇOS **15**

1. ASPECTOS HISTÓRICOS E TEOLÓGICOS 15

1.1 A pobreza de então e a leitura que dela fez La Salle *15*

1.2 Os Movimentos Catequético e Escolar *18*

2. O COMEÇO DAS ESCOLAS CRISTÃS E DO INSTITUTO DOS IRMÃOS DAS ESCOLAS CRISTÃS 21

3. A COMUNIDADE DAS ESCOLAS CRISTÃS 25

4. A COMUNIDADE DOS IRMÃOS: UMA COMUNIDADE RELIGIOSA DE APÓSTOLOS LEIGOS 27

5. A COMUNIDADE DOS IRMÃOS DAS ESCOLAS CRISTÃS: UMA COMUNIDADE DE ASSOCIADOS PARA PROCURAREM, JUNTOS, A GLÓRIA DE DEUS PELAS ESCOLAS CRISTÃS 29

5.1 Associação em Vida de La Salle *30*

5.2 "Vós sois os Legisladores" *30*

5.3 "Escolham um Irmão para Superior" *31*

5.4 "Crescer por dentro". *32*

5.5 Um "Voto Heróico" *33*

5.6 "Juntos e por Associação" *33*

5.7 O "Corpo da Sociedade" e sua função *35*

5.8 "Nosso Superior é La Salle" *37*

5. 9 No meio da treva uma luz: "Volte!" *39*

5.10 O Sonho Realizado: um Irmão como Superior *41*

CONCLUSÃO 42

II. O INSTITUTO DOS IRMÃOS DAS ESCOLAS CRISTÃS HOJE **45**

INTRODUÇÃO 45

1ª PARTE: O INSTITUTO DOS IRMÃOS DAS ESCOLAS CRISTÃS DOS COMEÇOS ATÉ HOJE: VISÃO HISTÓRICA 46

O Instituto no Século XVIII *46*

O Instituto no Século XIX *48*

O Instituto no Século XX *55*

2ª PARTE: PARTICIPAÇÃO DO LEIGO NA REALIZAÇÃO DA MISSÃO DO INSTITUTO 61

2.1 Antes do Concílio Vaticano II (1679-1965) *61*

2.2 A formação e a colaboração dos Leigos na História do Instituto de 1679 a 1965. ..... *61*

2.3 A Eclesiologia do Concílio Vaticano II *69*

2.3.1 Igreja: Conceito 70

2.3.2 Igreja: Povo de Deus 73
2.3.3 O Mistério da Igreja-Comunhão 75
2.3.4 Igreja: Missão 76
2.3.5 Os Leigos: Conceito 78
2.3.6 Os Leigos: Missão 79
2.4 Depois do Concílio Vaticano II (1966/1967-2005) 85
2.4.1 Recorrido histórico 85
2.4.2 Volta aos começos 92
CONCLUSÃO 105

III. JUNTOS E ASSOCIADOS – A COMPREENSÃO E A PRÁTICA DA RELAÇÃO IRMÃOS E COLABORADORES LEIGOS PARA A MISSÃO NA PROVÍNCIA LASSALISTA DE PORTO ALEGRE 107

INTRODUÇÃO 107
1. DA PESQUISA DE CAMPO E SEUS OBJETIVOS 107
2. AS RESPOSTAS E SEU CONTEÚDO 111
2.1 Primeiro Bloco 111
2.2 Segundo Bloco 122
3. PISTAS E PERSPECTIVAS 129
3.1 Possíveis temas 129
3.2 Considerações sobre "luta pelo poder", "confiança entre irmãos e colaboradores leigos" e "responsabilidade pela organização da associação" 131
3.2.1 "Luta pelo poder" entre Irmãos e Colaboradores Leigos 131
3.2.2 "Confiança entre Irmãos e Colaboradores Leigos" 132
3.2.3 "Responsabilidade pela Organização da Associação" ou: "A quem cabe tomar a iniciativa no referente à associação: Os Irmãos dizem que aos Leigos, e os Leigos, que aos Irmãos". 135
3.3 Em termos de prospectivas 138
3.3.1 Formação dos Colaboradores Leigos 139
3.3.2 O estudo da "Teologia do Laicato" 139
3.3.3 A questão do poder 140
3.4 Conclusão 140

CONCLUSÃO 143

BIBLIOGRAFIA 146

INTRODUÇÃO

O tema "Para uma nova compreensão da relação Irmãos[1] e Colaboradores Leigos Lassalistas[2] para a realização da missão de anunciar o Evangelho pela Educação"[3] está diretamente relacionado à Associação – de fundamental importância para a existência da Comunidade das Escolas Cristãs – posteriormente denominada Sociedade das Escolas Cristãs e, por fim, Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs[4].

Antes, porém, de abordar os aspectos nela indicados como fundamentais, parece conveniente explicitar os diversos elementos contidos no tema proposto.

a) "Por uma nova compreensão da relação Irmãos e Colaboradores Lassalistas". O qualificativo *nova* agregado ao termo *compreensão* quer expressar a intenção de, se necessário, ultrapassar a "atual compreensão" da relação Irmãos e Leigos, ou Colaboradores Lassalistas. Contudo, para ir a busca desta *nova compreensão* faz-se necessário verificar qual a compreensão hoje reinante, ou seja, qual é a situação atual da relação Irmãos e Leigos. Uma vez de posse dessa informação, fruto de Pesquisa de Campo, será possível buscar indicativos que apontem ou para a manutenção da atual relação, caso ela corresponda às expectativas, ou para a busca de uma *nova compreensão*, portanto numa linha prospectiva.

b) "Compreensão da relação Irmãos e Colaboradores Leigos Lassalistas". A partir, sobretudo, da II Guerra Mundial (1939 a 1945), vem crescendo a presença dos Colaboradores Leigos nos Estabelecimentos Lassalistas. Independentemente das causas desse fato, o que se verifica é que ele acabou por interferir nas relações entre Irmãos e Leigos, não apenas no que

---

[1] A partir de agora, os termos "Irmão" ou "Irmãos", sem outro indicativo, designam o "Irmão" ou os "Irmãos das Escolas Cristãs", também conhecidos como "Irmãos Lassalistas".

[2] O termo "Colaborador/Colaboradores" é utilizado para indicar os não Irmãos (Leigos) que atuam em obras lassalistas, e o termo "Leigo/Leigos" designa a todos os que buscam viver, em seu estilo de vida, a espiritualidade de La Salle, sejam homens ou mulheres, jovens, educadores e amigos, alunos, ex-alunos, voluntários, pais de alunos, benfeitores, afilhados e simpatizantes ativos do Instituto, (cf. Carta à Família Lassalista, p. 35ss).

[3] Título original do Projeto de Pesquisa apresentado à Banca de Qualificação, no dia 31 de maio de 2005, p. 18.

[4] O termo "Instituto", sem outro indicativo, indicará, a partir de agora, o "Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs", ou "Irmãos Lassalistas".

diz respeito ao trabalho por eles desenvolvido, mas, sobretudo, no modo de realizar esse trabalho em estabelecimentos que, por mais ou menos tempo, pareceram restritos, ou "propriedade exclusiva", à atuação dos Irmãos.

Como os Irmãos encaram esse fato e a abertura por ele pedida? Como os Leigos se vêem atuando lado a lado com os Irmãos, por vezes exercendo uma função que em outros tempos estava reservada unicamente aos Irmãos? E como os Irmãos se vêem atuando lado a lado com os Colaboradores, dividindo com eles um trabalho que antes era só seu? Ou exercendo uma função superior à sua?

c) "Irmãos": Irmãos das Escolas Cristãs, ou Irmãos Lassalistas, do nome de seu fundador, São João Batista de La Salle. Eles integram um Instituto que o documento *Vita Consecrata*[5] designa de "Instituto de Religiosos Irmãos", dado seu caráter laical / não sacerdotal. Neste documento, o Papa afirma que estes religiosos são chamados a ser irmãos de Cristo, irmãos entre si, irmãos de todos os homens, especialmente dos mais pequeninos, os mais necessitados e irmãos para uma maior fraternidade da Igreja.

Blain[6], um dos primeiros biógrafos de La Salle, assim se exprimiu ao se referir à adoção do nome "Irmãos" por parte dos mestres orientados por La Salle: "Por conseguinte o título de Irmãos (...) era o que mais lhes convinha. (...) Esta denominação é adequada pois encerra a definição de seu estado e assinala as tarefas de sua vocação...". A Regra de 1986, em seu artigo 9, afirma: "Os membros deste Instituto chamam-se "Irmãos"; e o art. 53 parece explicitar o sentido dessa afirmação ao anotar: "Os Irmãos querem ser, ao mesmo tempo, irmãos entre si, irmãos dos adultos que contatam e irmãos mais idosos dos jovens que lhes são confiados..."[7]

d) Colaboradores Leigos Lassalistas: Explicitado o termo "Lassalistas", faz-se necessário esclarecer o sentido de "Colaboradores" e "Leigos".

Com o termo "Colaboradores" quer-se designar as pessoas que atuam nas Comunidades Educativas Lassalistas, ajudando os Irmãos na realização da tarefa educativa, especialmente como professores, coordenadores, supervisores ou diretores. Embora, sob o ponto de

---

[5] João Paulo II, *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Vita Consecrata*, nº 60.

[6] Jean-Baptiste BLAIN, *La vie de Monsieur Jean-Baptiste de La Salle Instituteur des Frères des Écoles chrétiennes* v. 1. In: CAHIERS LASALLIENS no. 7, p. 240 – 241.

[7] Irmãos das Escolas Cristãs, Regra, 1986, art. 5.

vista jurídico, sejam funcionários, como “Colaboradores” seu compromisso é com a causa da Educação, assumida como ministério e missão.

“Leigos”: O Dicionário Eletrônico Houaiss[8] traz vários sentidos para esse termo, e outros a ele relacionados (Laical, Laico, Laicidade...). As Instituições Lassalistas, quando se referem a “Leigos”, querem significar as pessoas que não são sacerdotes, nem religiosos/as e nem pertencem a determinados Institutos Seculares.

Em seu estudo *A Dimensão de Laicidade da Vida Religiosa*, Clodovis Boff menciona 10 sentidos para a palavra “Leigo”, que sintetiza em dois: laicidade eclesial e laicidade secular. O primeiro define-se a partir da estrutura ministerial da Igreja Católica, isto é, do ministro ordenado (Papa, Bispo, sacerdote...) e do não-ordenado. Este seria o sentido “técnico” de Leigo. No segundo, se refere ao gênero de vida: o Leigo vive sua vida no mundo, ao passo que o Religioso vive num local à parte, embora trabalhe no mundo[9].

e) Província Lassalista de Porto Alegre.

Considerando que se trata da “compreensão” e da “prática” da relação Irmãos e Colaboradores Leigos da Província Lassalista de Porto Alegre, parece convir uma breve informação histórica sobre esta.

Enquanto viveu João Batista de La Salle, e até 1777, o Instituto constituiu uma única estrutura de governo, dirigida pelo Irmão Superior Geral. Contudo, desde 1708, La Salle solicitava a um ou outro Irmão Diretor visitasse as Comunidades de Irmãos de uma região, para ouvi-los e resolver pequenos problemas e informá-lo do andamento da Comunidade e da Escola. A única divisão existente decorria do idioma falado: mais ao norte e leste da França, o Francês e, no sul e oeste, o idioma “d’Oc”, diferente do Francês propriamente dito.

Em 1777, o Superior Geral, Irmão Florêncio, dividiu o Instituto em três Distritos, ou Províncias – termo mais empregado no Brasil e na América Latina para designar cada uma das divisões administrativas do Instituto. Em 1850 os Distritos eram 16, passando a 39, em 1882, e a 60, em 1934. Hoje são 52..

---

[8] Instituto Antônio Houaiss, *Dicionário Eletrônico Houaiss de Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001.

[9] Clodovis BOFF, *A Dimensão de Laicidade da Vida Religiosa*, p. 22-23.

Os três primeiros Irmãos chegaram ao Brasil em 19 de março de 1907. Outros nove no dia 28 de abril, e mais 22, a 30 de dezembro do mesmo ano. Eles pertenciam ao Distrito francês de Cambrais. Mas, no dia 6 de fevereiro de 1909 o Superior Geral, Irmão Gabriel Maria, criou o Distrito do Brasil, confiando a ele a animação e a expansão da obra lassalista no País, o que ocorreu até 24 de fevereiro de 1958, quando o então Superior Geral, Irmão Nicet Joseph, em visita ao Brasil, desmembrou o Distrito do Brasil em Província de Porto Alegre e Província de São Paulo.

A partir de então, a Província de Porto Alegre, que inicialmente abrangia os Estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, estendeu sua ação ao Distrito Federal e aos Estados do Amazonas, Pará e Maranhão, e, a partir de 1992, a Moçambique, na África.

Integram essa Província 162 Irmãos, vivendo em 28 Comunidades Religiosas, das quais oito são consideradas "Comunidades Missionárias – cinco no Nordeste do País e três em Moçambique. Nas 28 Comunidades Educativas (Rede La Salle) atuam cerca de 2160 integrantes do Corpo Docente e Técnico-Administrativo. Os educandos acolhidos nessas Comunidades Educativas, do Pré-escolar ao Ensino Superior, ultrapassam 21.830[10]

f) "Para a realização da missão de anunciar o Evangelho pela Educação". Esta foi a missão que a Igreja Católica confiou ao Instituto, quando o aprovou, em 1724, ao afirmar:

> Os Irmãos devem, sobretudo, ter cuidado de instruir os meninos, principalmente aos pobres, nas coisas necessárias a bem viver e cristãmente; que o zelo pela educação da infância, de acordo com as normas da lei cristã, deve constituir a principal característica e como que o espírito de seu Instituto[11].

Por sua vez, na Regra de 1986, no artigo 11, encontra-se:

> Impressionado pela situação de abandono dos 'filhos dos artesãos e dos pobres', São João Batista de La Salle descobriu, à luz da fé, a missão de seu Instituto como resposta concreta a sua contemplação do desígnio salvífico de Deus. Para responder a esse mesmo desígnio e a semelhantes carências, o Instituto quer ser, no mundo de hoje, uma presença da Igreja evangelizadora [12].

Esta é, em síntese, a Missão confiada aos Irmãos e, por extensão, àqueles e àquelas que com eles colaboram no exercício da tarefa educativa.

---

[10] Dados fornecidos pela Mantenedora, no dia 12 de dezembro de 2005

[11] Bento XIII, Bula In apostolicae dignittis solio, in: *Regras Comuns e Constituições dos Irmãos das Escolas Cristãs*. Ed. Mimeografada, 1947, Canoas. "Introdução".

[12] Irmãos das Escolas Cristãs, *Regra de 1986*, art. 11.

Espera-se, através dessa Introdução à Introdução, ter facilitado a compreensão dos termos contidos no título do trabalho. Daí porque, num primeiro momento, serão abordados, os aspectos relacionados aos começos do Instituto, i. é, os aspectos históricos externos e internos e os aspectos teológicos presentes quando de seu início.

A seguir, será o momento de estudar o instrumento de que se valeu São João Batista de La Salle para realizar o projeto de Deus, e também seu, porque era sua resposta à contemplação do projeto divino e da realidade humana diante do mesmo.

Será, então, a ocasião de estudar a Comunidade, por ele vista como dom de Deus, constituída por religiosos leigos que buscam imitar a primeira Comunidade de Jerusalém no modo de viver, e cuja razão de ser é o anúncio do Evangelho pela Educação, para a realização do desígnio salvífico do Senhor. Ao fazê-lo, a Comunidade coloca-se a serviço da Trindade para procurar a glória de Deus, o que se fará através da manutenção das Escolas Cristãs e gratuitas para a educação humana e cristã dos “filhos dos artesãos e dos pobres”.

Esta Comunidade encontra sua força na coesão interna e na obediência ao Superior e aos Regulamentos que se impõe, pois, para garantir sua autonomia interna, ela não conta com respaldos jurídicos ou canônicos. É uma Comunidade nova, cujo futuro depende dessa coesão e obediência, mas, sobretudo, da Associação. Desde o começo La Salle chamou os mestres e, depois, os Irmãos a participar de seus esforços em prol da fundação, estruturação, consolidação e expansão da Sociedade das Escolas Cristãs.

Foi essa Associação, transformada em compromisso votal em 1694, quando La Salle se associou a 12 Irmãos para constituírem o núcleo do Instituto, que desempenhou um papel decisivo na história dos começos da Instituição e possibilitou sua continuação até os dias atuais, quando tenta tomar novo impulso, associando, agora, os Colaboradores Leigos à missão de anunciar o Evangelho pela Educação.

O estudo da história do Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs nos Começos é o assunto do primeiro capítulo deste trabalho, e o Hoje será o tema do segundo capítulo.

I. O INSTITUTO DOS IRMÃOS DAS ESCOLAS CRISTÃS NOS COMEÇOS

1. Aspectos históricos e teológicos

São João Batista de La Salle e a fundação do Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs situam-se nos séculos XVII e XVIII, em plena "Época Moderna". O século XVII francês, também chamado "Século das Luzes", por seu progresso nas Ciências, Letras e Artes, foi, também, um século de sombras, de pobreza, segregação e diferenças sociais enormes, de grande ignorância religiosa e educacional, de violência e de guerras.

1.1 A pobreza de então e a leitura que dela fez La Salle

Na França de então a pobreza[13] era endêmica[14] e onipresente[15]. Vauban, Ministro de Luís XIV, no início do século XVIII, estimava que 10% da população do Reino, então de cerca de 20.000.000 pessoas, era de mendigos. Para outros, entre 5 a 20% da população era pobre e "sem esperanças de ascensão social"[16]. Situação ainda pior enfrentavam os miseráveis, que viviam na insegurança permanente.

As famílias eram, em geral, muito numerosas e a mortalidade infantil grande. A vida era dura e muito difícil, e o perigo da perda do trabalho tornava os menos qualificados os mais vulneráveis. Essa perda, uma doença, uma intempérie, uma colheita infeliz significavam a fome e a miséria, e a incerteza quanto ao futuro: um período de recessão econômica era trágico para todos. Os salários, sempre baixos, tornavam-se ainda menores pelo grande número de

---

[13] "Pobre é o que não consegue atender a suas necessidades básicas e às de sua família". Benoît GARNOT, *Société, cultures et genres de vie dans la France moderne XVI – XVIII siècle*, p. 81.

[14] " A pobreza não é coisa nova no Ocidente. Porém, melhor dominada e sem dúvida menos gritante, ela aparece na alta Idade Média como um dom de Deus, uma possibilidade de salvação oferecida tanto aos fracos, em sua provação, quanto aos poderosos, graças a uma caridade ritual...". Jean-Claude Schmitt, A História dos Marginais, in: Jacques Le GOFF, *A História Nova*, p. 274.

[15] Vincent MILLIOT, *Cultures, sensibilités et société dans la France de l'Ancien Regime*, p. 61.

[16] Ibid., p. 61.

feriados, e não acompanhavam a elevação do custo de vida. Por isso, todos eram obrigados a trabalhar, "inclusive as crianças, em geral desde os 8 anos"[17].

Para minorar essa situação aflitiva do "mundo majoritário dos dominados" foi criado, no século XVII, o "Escritório dos Pobres". Para gozar dos benefícios da assistência oficial, os pobres deviam residir numa paróquia e constar da relação dos assistidos por ela. Os recursos provinham, em geral, da "Taxa dos Pobres". A paróquia recebia as verbas do Tesouro Real, através da "Esmola Geral", e um sacerdote as administrava. Fora dela começava "o mundo dos errantes, dos miseráveis de toda a espécie, dos desertores, dos estropiados, dos vagabundos permanentes[18], que constituíam uma 'população flutuante'"[19], totalmente desassistida.

De outra parte, a forma de considerar o pobre variou através dos tempos. A primeira, a de vê-lo como imagem do Cristo sofredor, fora a visão da Idade Média, quando "o pobre, imagem viva de Cristo, era santificado"[20]. Mas, ao mesmo tempo, outra corrente começou a ganhar corpo. Para ela, "a pobreza aparecia cada vez menos como a realização dos ideais cristãos"[21], e o pobre, sobretudo o mendigo, passaram a ser vistos, sobretudo pelas elites, como "um perigo social", porque difusores de heresias, veiculadores de epidemias, promotores de tumultos, libertinos e vagabundos. Isso recomendava separá-los do resto da sociedade, pois seria mais fácil controlá-los. Passou-se, então, no século XVIII, à racionalização e à laicização das políticas assistenciais, que assumiram um caráter utilitário e pedagógico: os pobres deviam merecer a esmola que recebiam e aprender os rudimentos de uma profissão. Surgiram os "ateliês" de caridade. Foi a segunda etapa, que abriu o caminho para a terceira, a da exclusão dos mendigos da sociedade: eles deviam ser separados para mais facilmente serem corrigidos, cristianizados e obrigados a trabalhar. Surgiram, então, a partir de 1657, os "Hospitais Ge-

---

[17] B. GARNOT, op. cit., p. 80.

[18] "A vagabundagem tampouco é um fenômeno novo. Desde as "Grandes Invasões" e as migrações da Alta Idade Média, a mobilização dos homens é extrema, crescendo ainda mais do século XI ao XIII, graças ao desenvolvimento econômico dos campos e das cidades". J. C. SCHMITT, op. cit., p. 274.

[19] V. MILLIOT, op. cit., p. 60.

[20] Ibid., p. 62.

[21] Ibid., p. 62.

rais”[22], a serem construídos em todas as cidades e lugarejos maiores. Eles seriam, ao mesmo tempo, prisão, lugar de trabalho, asilo e lugar de reforma moral, no dizer de Garnot[23].

Contudo, essa forma de exclusão encontrou duas resistências. A solidariedade entre os pobres: juntos poderiam melhor defender-se e enfrentar as autoridades que procuravam excluí-los, e a solidariedade dos que propunham sua educação. Como o vício conduzia à pobreza, “a educação poderia permitir lutar eficazmente contra as más inclinações”. Então, pelo fim do século XVII, começou a desenvolver-se “um ensino caridoso, elementar e gratuito, animado por comunidades religiosas ou leigos piedosos”. “É nessa perspectiva que João Batista de La Salle (1651-1719), fundador dos Irmãos das Escolas Cristãs, oferece um perfeito exemplo desse movimento”[24].

Antecipando-se a essa afirmação de Milliot, La Salle abordou diversas vezes, em seus escritos[25], a questão da pobreza e de seus “funestíssimos” efeitos para os filhos dos operários e dos pobres, e de como Deus atuou para remediar a esta terrível situação[26]. Como seus pais, além de não terem maior instrução, estavam o dia inteiro ocupados em ganhar o pão para si e seus filhos, deixavam a estes entregues à própria sorte. O resultado desse abandono, ou seja, desta falta de instrução (Catecismo) e de educação eram efeitos morais desastrosos para o resto de suas vidas.

É essa situação trágica que faz com que o Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs seja “de grandíssima necessidade”[27]. É que Deus, em sua Providência, através dele, “coloca em lugar dos pais e mães pessoas bastante instruídas e zelosas”[28], os Irmãos, para instruir e educar seus filhos. Este “o ideal que motivou a instituição das Escolas Cristãs”[29]. O fruto que elas de-

---

[22] “A idade clássica é, de ato, a do “internamento”. A expulsão dos mendigos não basta para exorcizar o medo do crime, nem para satisfazer o desejo de higiene social – a partir de então, eles serão internados. Em 1657, é criado em Paris o Hospital Geral, logo reproduzido em todo o reino”. J. C. SCHMITT, op. cit., p. 277-278.

[23] B. GARNOT, op. cit., p. 84.

[24] V. MILLIOT, op. cit., p. 65.

[25] Irmãos das Escolas Cristãs. *Regras Comuns* (1705), Cap. 1, art. 4, 5 e 6 – CL 25, p. 16; João Batista de La Salle (La Salle). Meditações para o Tempo do Retiro (MR), 193,2; 194,1, p. 440.

[26] Um desses escritos de La Salle são as Meditações. Elas se dividem em três blocos: “Meditações para os Domingos do Ano” (MD), de nº 1 a 77; “Meditações sobre as principais festas do Ano” (MF), de nº 78 192; “Meditações para os dias de Retiro” (MR), de nº 193 a 208.

[27] Irmãos das Escolas Cristãs. *Regras Comuns* (RC) (1705), Cap. 1, art. 4 – CL 25, p. 16; La Salle. MR, 193,2, p. 440.

[28] La Salle. MR 193,2., p. 440.

[29] Irmãos das Escolas Cristãs. *RC 1705*, Cap. 1,5.

vem produzir? "... prevenir essas desordens e impedir suas perniciosas conseqüências". Por isso é "fácil compreender qual seja sua importância e necessidade"[30].

Inserido nesse contexto o Irmão devia, em sua ação educativa, refletir sobre os efeitos desse quadro de abandono dos meninos pobres, primeiro por sua condição de substituto dos pais e mães desses meninos; depois e, sobretudo, porque Deus o chamara "para esse ministério". Por isso, lhe dirá La Salle que, como ministro de Deus, deve instruir e exortar os que Deus lhe confiou, segundo a graça recebida de Deus, e conduzi-los com atenção e vigilância, "a fim de cumprirdes para com eles o principal dever dos pais em relação a seus filhos[31].

Mas Deus não fez do Irmão apenas um ministro. Fez dele, também, um arquiteto[32]. Como tal ele deve "lançar o fundamento da religião e da piedade cristã no coração dessas crianças, sem o que muitas delas ficariam abandonadas"[33].

A leitura que La Salle fez da pobreza do seu tempo, e de seus efeitos, pode ter conotações sociológicas. Mas suas conclusões estão longe das de Marx ou de outros sociólogos, porque se situam na linha da fé e da promoção integral da pessoa humana: "Deus teve a bondade de remediar tão graves inconvenientes pelo estabelecimento das Escolas Cristãs, nas quais se ensina gratuitamente e só pela glória de Deus"[34]. Diante de tantos benefícios decorrentes da instituição das Escolas Cristãs, o Irmão era convidado a agradecer "a Deus a bondade que tem em querer servir-se de vós, para proporcionar tão grandes vantagens às crianças..."[35].

1.2 Os Movimentos Catequético e Escolar

Os Movimentos Catequético e Escolar foram a segunda forma de resistência e de defesa dos pobres[36]. O movimento catequético, parte de um movimento mais amplo, de reforma pastoral e religiosa, marcou a vida da Igreja Católica na França no século XVII, tal como marcara a da Itália, no século XVI, ainda antes do Concílio de Trento. Para ele, as escolas cristãs eram uma necessidade de primeira ordem, sobretudo na França, onde a situação religi-

---

[30] Irmãos das Escolas Cristãs. *RC 1705*, Cap. 1,6.
[31] La Salle. MR 193,2, p. 440.
[32] Ibid., p. 440
[33] Ibid., p. 440
[34] La Salle. MR 194,1, p. 440.
[35] Ibid., p. 440
[36] Miguel Adolfo CAMPOS MARINO, *Itinerario Evangélico de San Juan Bautista de La Salle* – Contribución al estudio de los fundamentos evangélicos de la vida religiosa, p. 92-96.

osa era mais difícil, especialmente devido às guerras de religião. Por isso, pode-se afirmar que o movimento em favor da escola popular é fruto de uma autêntica preocupação pastoral. Em geral, os propagadores do movimento catequético advogavam, também, a criação de escolas. É o que constata Michel Sauvage quando afirma que: "o movimento em favor da escola popular, no século XVII, nasceu da inquietude apostólica; a escola aparece geralmente como obra da Igreja e está orientada efetivamente à educação da fé[37].

O movimento da escolarização enfrentava o fato de a população viver ainda, até certo ponto, numa civilização oral que pouco valorizava o saber ler e escrever. A crescente consciência da necessidade do ensino popular levou a muitas iniciativas em favor da abertura de escolas, ou da escolarização. Embora alguns julgassem o ensino aos pobres desnecessário, porque "não convém instruir o povo", a Igreja Católica conferia ao ensino elementar uma crescente importância, e o encarava como uma transformação sociológica. De outra parte, o desenvolvimento da cultura, a difusão da imprensa, exerciam uma influência importante neste movimento de escolarização[38].

Mas os tempos haviam mudado. É o que constata o mesmo autor quando afirma:

> Por fim, essa "inquietação apostólica", aliada às modificações sociais havidas, levou os que propunham a escola como fator de *"reforma cristã"* a atribuir à escola uma papel mais amplo. Eles "davam-se perfeitamente conta de sua função terrestre, razão pela qual apresentavam a leitura e a escrita como "meios" a serviço da instrução religiosa, considerada como seu único "fim[39]. O resultado dessa dupla dimensão da escola, "lugar privilegiado para a catequese da infância" e para o ensino "da leitura e da escrita a serviço da instrução religiosa", foi o surgimento, a partir do início do século XVI, de mais de 50 Congregações Religiosas dedicadas à educação das meninas[40].

Fechando o círculo, a escola passou a ser vista ainda sob um outro prisma: "O que não impedia aos mais perspicazes dentre eles de adivinhar a função da escola para o Estado, e se preocupassem por seu progresso técnico e metodológico"[41]. Foi o que ocorreu, por exemplo, com as Escolas Cristãs, fundadas por São João Batista de La Salle, conforme adiante se verá. Ou para Charles Demia, que afirmava

---

[37] Michel SAUVAGE, *Catequesis y Laicado* – Participación de los laicos en el ministerio de la Palabra divina y misión en la Iglesia del religioso laical educador, p. 454.
[38] Ibid., p. 454.
[39] Ibid., p. 454.
[40] Ibid., p. 515.
[41] Ibid., p. 454.

> não haver meios para acabar com a fonte de tantas desordens e de reformar cristãmente as cidades (...) que estabelecendo pequenas escolas para a instrução dos meninos do povo pobre, aos quais, com o temor de Deus e os bons costumes, se lhes ensinaria a ler, escrever e contar[42]

Por isso, quando Luiz XIV, em 1698, decretou a obrigatoriedade da escola e de a mesma receber gratuitamente os meninos pobres, estava apenas oficializando o que os promotores dos movimentos catequético e escolar defendiam.

Mas Demia, no texto mencionado, introduz três outros aspectos muito importantes. O primeiro: "Mestres capazes de lhes ensinar estas coisas". O segundo: o ensino da catequese e "dessas coisas" colocaria os meninos pobres em condições de terem uma boa profissão e, mesmo, progredirem "nos empregos mais consideráveis". O terceiro:

> [...] as fábricas e as manufaturas se encheriam, pouco a pouco, de bons aprendizes que poderiam, a seguir, tornar-se excelentes mestres, dado que nessas escolas se lhes ensinaria a obrigação que têm de trabalhar fiel e aplicadamente e dos meios dos quais se deveriam servir para santificar e fazer frutificar seu trabalho[43].

Dentro desse belo quadro há um problema: "Mestres capazes de lhes ensinar estas coisas". Isso dependia de escolha acertada e de uma boa formação, algo difícil numa época em que se apontava a ignorância espiritual e profissional dos mestres, sua falta de estabilidade e de perseverança na profissão, por sinal muito pouco considerada pela opinião pública. Para contornar essas dificuldades afirmava-se que eles deveriam viver em comunidades estáveis de leigos, de caráter supralocal, por facilitar a identidade de seus membros, a continuidade de sua missão, sem a interferência indevida de autoridades eclesiásticas. Uma autoridade comum os preservaria de desvios doutrinais. La Salle acrescentará a esses meios a estruturação do Seminário para Mestres Rurais, idéia preconizada antes por Chennevières e Demia.

Por isso, acertam os primeiros biógrafos ao afirmarem que foi nesse contexto que se originou a vocação escolar de La Salle[44] e o início de sua ação educativa. Ou, no dizer de M. Sauvage: "A obra de São João Batista de La Salle é a continuação desses movimentos cate-

---

[42] Charles DEMIA, Remontrances..., ap. M. SAUVAGE, op. cit., id., ibid., nota 6. O título completo da obra de Demia é: "Admoestações aos MM. Prepostos dos comerciantes, magistrados e principais habitantes da cidade de Lyon, sobre a necessidade e a utilidade das escolas cristãs para a instrução dos meninos pobres".

[43] Ibid., p. 454.

[44] Francisco Elias MAILLEFER , *Vida do Senhor João Batista de La Salle, sacerdote, doutor em teologia, ex-cônego da igreja catedral de Reims e fundador dos Irmãos das Escolas Cristãs*, in Ms CA, p. 11; Ms RE, p 15; J. B. BLAIN I, op. cit., p. 145.

quético e escolar franceses do século XVII, tributários, por sua vez, do movimento italiano do século XVI”[45].

2. O começo das Escolas Cristãs e do Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs

Até o início da ação educativa de La Salle, apenas as escolas para meninas tinham tido êxito. Caberá a ele dar às escolas para meninos a organização que as fará exitosas. Contudo, não foi o fato de ter ensinado catequese aos meninos pobres de São Sulpício, durante sua estada em Paris, e de ser o executor testamentário das Irmãs do Menino Jesus, de Reims, que o levaram a dar-se conta da necessidade de escolas para os meninos pobres ou envolver-se na criação delas.

Quem o levou a ocupar-se disso, e a dar à sua vida um rumo totalmente imprevisto, foram Adriano Nyel, de Ruão, e uma piedosa senhora, de Reims. Ele próprio o afirma no “Memorial dos Começos”:

> Foram estas duas ocasiões (...) que me levaram a interessar-me pelas escolas para meninos. Antes, eu não havia pensado nisso, não porque não tivesse tido esta idéia, (...). Mas a idéia não conseguira penetrar em minha mente nem me propus realizá-la. Tanto assim que, se tivesse suspeitado que o cuidado de simples caridade que eu tomava pelos mestres-escola me levaria até obrigar-me a viver com eles, tê-lo-ia abandonado. Pois, por reação natural, considerava inferiores a meus lacaios aqueles que teria que empregar nas escolas, sobretudo no começo[46].

Depois de hospedar o Sr. Nyel, La Salle colaborou com ele para o êxito de sua iniciativa, mas sem maiores preocupações pela escola em si. Na “Memória dos Começos”, ele dirá que, no início, seus cuidados com as escolas, e seus mestres, eram apenas exteriores, ou seja, sem maiores compromissos.

> Eu imaginava [dizia em um Memorial que ele mesmo escreveu para informar os Irmãos sobre o modo como a Divina Providência dera origem ao Instituto] que o cuidado que tomava das escolas e dos mestres seria simplesmente exterior e não me levaria além da solicitude que desenvolveria para assegurar-lhes a subsistência e velar para que exercessem a profissão com piedade e zelo...[47].

Assim, passo a passo, sem se dar conta, ele começou a aceitar “sua vocação de fundador de uma Sociedade que anunciaria o Evangelho aos pobres através da educação”[48]. Deus, conforme sua afirmação, o levou a isso “de modo imperceptível e em etapas sucessivas, de

---

[45] M. SAUVAGE, op. cit., p. 514.
[46] J. B. BLAIN I, op. cit., p. 167.
[47] Ibid., p. 167.
[48] E. BANNON, *La Salle: Fundador y Peregrino*, p.28.

maneira que um compromisso me levava ao outro, sem nada poder prever desde o início”[49]. Desse modo, imperceptivelmente, acabou auxiliando Nyel na abertura das Escolas São Maurício, São Tiago e São Sinforiano, em Reims, e nas de Laon, Guise, Château Porcien e Rhétel. Foi nessa última, aliás, que realizou sua primeira experiência de Seminário para a formação de Mestres Rurais.

Para que os mestres melhor realizassem seu ministério reuniu-os em comunidade, e com eles e Nyel, foi assumindo a organização – renovação – da escola e o preparo e a estabilização dos mestres em sua profissão. Isso lhe permitirá desenvolver, ao longo de quase 40 anos, algumas iniciativas que marcarão a história da educação.

Quando Nyel retornou a Ruão, em 1685, La Salle assumiu sozinho a direção dessas escolas, e dos Irmãos que as dirigiam. A partir de então, seu projeto educativo para a educação dos “filhos dos artesãos e dos pobres” começa a tomar um rumo definido. Por ele, as Escolas Cristãs não se limitam a instruir os alunos nas verdades da fé ou, segundo o conceito da época, a proporcionar-lhes a salvação. Ao ensinar a ler, escrever e contar, elas oferecem, também uma educação humana, i. é, visam à formação integral dos alunos, atendendo aos dois aspectos fundamentais da pessoa: o humano e o cristão. É essa dupla dimensão que se encontra expressa, por exemplo, na Méd. 160, sobre São Luís, Rei da França:

> Em vosso emprego, deveis unir o zelo pelo bem da Igreja com o zelo pelo bem do Estado, do qual vossos discípulos começam a ser membros e o serão completamente no dia de amanhã. Procurareis o bem da Igreja fazendo deles verdadeiros cristãos, dóceis às verdades da fé e às máximas do Santo Evangelho. O bem do Estado o procurareis ensinando-lhes a ler, a escrever e tudo quanto é vosso ministério, no que se refere ao exterior. Mas é necessário que, junto com os conhecimentos humanos, venha a piedade; do contrário, vosso trabalho seria pouco útil[50].

Algumas opções, como o ensino em francês, apenas para meninos filhos de operários e pobres, nas cidades, ministrado por religiosos leigos, para poderem dedicar-se inteiramente a esse quefazer educativo, estão presentes desde o início de sua atividade fundacional.

Contudo, a relação dos resultados do projeto educativo de la Salle é bem mais extensa. Deve-se, ainda, a ele o haver cooperado para a generalização do ensino; o haver reconhecido o valor da escola popular e haver-se entregue à sua promoção; o haver concorrido ao surgimento da “civilização escolarizada”; o haver influído no estabelecimento de um currículo de-

---

[49] J. B. BLAIN I, op. cit., p. 169.
[50] La Salle, MF 160,3, p. 360.

finido para a escola primária gratuita; o haver participado significativamente da introdução da língua materna como base do ensino elementar; o haver ajudado na melhoria técnico-pedagógica da escola primária, particularmente com a adoção, sistematização e difusão do método simultâneo de ensino; o haver marcado presença em várias frentes de ensino, particularmente no ensino elementar e no esboço do ensino secundário moderno e da educação e-mendativa; o haver colaborado para amenizar a disciplina escolar; o haver elevado o conceito do professor primário, o haver contribuído para caracterizá-lo como profissional e haver impulsionado seu preparo, com a criação da Escola Normal moderna; o haver redigido um manual clássico em pedagogia: o Guia das Escolas Cristãs; o haver criado a primeira congregação docente católica constituída só de religiosos Irmãos (não sacerdotes), que continuou e globalizou sua ação educativa[51].

Em mestres sem preparação para o magistério, no início por ele tidos como "inferiores a meus lacaios", La Salle procurará elevar a auto-estima, chamando a atenção deles para sua condição de "embaixadores e ministros de Jesus Cristo"[52], "secretários de Deus"[53], arquitetos da Igreja"[54], "bons pastores"[55], continuadores dos Apóstolos"[56], "Anjos da Guarda"[57] de seus discípulos. Através deles contribuiu para desclericalizar o Ministério da Palavra, até então re-

---

[51] Edgard HENGEMÜLLER, *Uma Leitura das Leituras*, p. 158ss.

[52] "Vós sois os embaixadores e ministros de Jesus Cristo no vosso emprego. Por isso, deveis desempenhá-lo como representantes do próprio Jesus Cristo" (2 Cor 5,20). MR 195,2, p. 445.

[53] "Vossos alunos deveriam sentir que são a carta por Ele ditada e escrita por vós todos os dias em seus corações, não com tinta, mas pelo Espírito de Deus vivo, que atua em vós e por vós, mediante a virtude de Jesus Cristo" (2 Cor 3,3). MR 195,2, p. 445.

[54] "Como bons arquitetos e segundo a graça de Jesus Cristo que Deus lhes deu, essas pessoas procuram lançar o fundamento da religião e da piedade cristã no coração dessas crianças..."MR 193,2, p. 440.

[55] "No Evangelho de hoje, Jesus Cristo compara aqueles que têm direção de almas a um bom pastor que tem grande solicitude por suas ovelhas. Uma das qualidades que o bom pastor deve possuir é conhecer todas as ovelhas distintamente. Esta também deve ser uma das atenções primordiais dos que se dedicam à educação dos outros: conhecê-los e discernir o modo de tratar com eles" (Jó 10,11.14). MD 33,1, p. 90.

[56] "Deus escolheu a São Paulo para pregar o Evangelho aos gentios (...). Sem querer comparar-vos a este grande Santo, e guardada a devida proporção entre o vosso emprego e o dele, podeis dizer que fazeis a mesma coisa e exerceis idêntico ministério em vossa profissão. Por isso, deveis considerar vosso emprego, de que estais encarregados por parte dos pastores, dos pais e das mães, como uma função das mais importantes e mais necessárias na Igreja". (Gl 1,15-16) MR199,1, p. 455.

[57] "Por isso, os alunos têm necessidade de Anjos visíveis que, com suas instruções e bons exemplos, os estimulem a apreciar e praticar os ensinamentos do Evangelho (...). Tal é a função que deveis desempenhar junto de vossos discípulos. A exemplo dos santos Anjos da Guarda, deveis exortá-los à prática das máximas do S. Evangelho (...) MR 197,2.

servado aos clérigos, e elevar à dignidade de ministério a profissão de educadores dos meninos do povo. E fez dele um ministério eclesial[58].

Para ele, o ministério dos Irmãos estava a serviço da Igreja. Nele, segundo a MR 193,2, deviam agir como "bons arquitetos" que, segundo a graça que Jesus Cristo lhes concedeu, "procuram lançar os fundamentos da religião". Contudo, não querendo deixar dúvidas, faz desse serviço eclesial o tema específico de duas de suas Meditações para o Tempo do Retiro. Na de nº 200, "O que deveis fazer para tornar vosso ministério útil à Igreja" ele recomenda aos Irmãos:

> Considerai que, por vosso emprego, deveis trabalhar na edificação da Igreja sobre o fundamento lançado pelos Apóstolos, mediante a instrução das crianças que Deus confiou a vossos cuidados e que entram na estrutura do edifício [da Igreja][59].

Na de nº 201,1 sua insistência assume contornos bem mais concretos. O Irmão é ministro de Deus, de Jesus Cristo e da Igreja, à qual deve dar provas sensíveis de amor pelo zelo em seu ministério. Como ministro da Igreja, ele não deve esquecer que ela é o "Corpo de Jesus Cristo", de quem deve seguir as ordens ao anunciar sua palavra aos alunos. Isso porque:

> A Igreja tem grande zelo pela santificação de seus filhos. Por isso, é dever vosso participar desse zelo, (...). Esforçai-vos, pelo vosso zelo, de tal maneira, que deis provas sensíveis de que amais aos que Deus vos tem confiado, assim como Jesus Cristo a sua Igreja. Fazei-os entrar realmente na estrutura desse edifício [da Igreja].

Logicamente, um mestre dedicado a ministério tão santo deve ter uma espiritualidade muito especial: uma espiritualidade ministerial, que pode ser resumida assim:

> O educador cristão, impregnado do espírito de fé, contempla, em sua oração, guiada pelo Espírito Santo, o mistério de Cristo, o plano único de Deus; desse Deus que se revela na vida e quer salvar a todos em Cristo. Dá-se conta das necessidades da juventude, comunga com a vontade salvífica de Deus, e se oferece ao Pai, no Espírito e por Cristo, para contribuir para "salvar" a essa juventude: para ajudá-la a viver segundo o espírito do cristianismo em todas as horas de sua vida[60].

Essa espiritualidade se caracteriza essencialmente pela unidade entre o trabalho e a vida espiritual. É o que declara, nos "Pequenos Tratados"[61], quando recomenda ao Irmão que não faça diferença entre o que se refere a ele como Irmão e o que se refere à sua salvação e

---

[58] "É preciso que eu anuncie o Evangelho do Reino de Deus, pois para isto é que fui enviado" (Lc 4,43). "Podeis também afirmar de vós mesmos que é para isso que Jesus Cristo vos enviou, e a Igreja, da qual sois ministros, a isso vos destina". MR 199,2, p. 456.

[59] La Salle, MR 200,1, p. 458.

[60] Saturnino GALLEGO, *Huellas fecundas* – Compendio de la Historia del Instituto de los Hermanos de las Escuelas Cristianas, v. II, p. 33.

[61] La Salle, *Coleção de Vários Pequenos Tratados para uso dos Irmãos das Escolas Cristãs*, p. 183.

perfeição. Quanto melhor desempenhar os deveres de seu ministério, tanto mais estará garantindo sua salvação e perfeição, "contanto que o façais em vista da ordem de Deus".

3. A Comunidade das Escolas Cristãs

Após o retorno de Nyel a Ruão, em 1685, La Salle tomou algumas iniciativas para assegurar a coesão e a consolidação da obra nascente. Assim, em 1686 convocou uma primeira Assembléia dos Irmãos – cerca de 15. Nela trataram da primeira forma da Regra, a "Prática do Regulamento Diário", emitiram um Voto de Obediência e elegeram um novo Superior. Era o início de uma nova Congregação Religiosa, mas sem amparo jurídico e canônico.

Esse desamparo obrigava a Comunidade a depender de si mesma e a buscar sua própria autonomia. Ela a teria na medida da coesão entre seus membros e da obediência ao Superior, ao qual obedeciam em virtude do voto feito. A uniformidade no viver, resultante da "Prática do Regulamento Diário", e um dinamismo sempre maior na realização do objetivo de anunciar o Evangelho através da instrução e da educação dos meninos pobres a eles confiados por Deus, seriam o fruto desse embasamento da Comunidade.

Coesão e obediência. Em suas Meditações, La Salle insiste, com freqüência, sobre a importância e a necessidade de ambas para a Comunidade. Assim, no tocante à coesão, depois de afirmar que "a Comunidade é o lugar que Deus vos destinou como residência habitual"[62], assegura que viver nela, de modo regular, "é estar na barca de Jesus e os discípulos".

Mas, para ele, a Comunidade é bem mais que isso. É uma "pequena família"[63], na qual deve reinar a coesão, ou, segundo ele, "a caridade e a união". Tal é a importância e a fundamentalidade desse aspecto que dedica a MD 65 à "união que deve existir entre os Irmãos". Nela se refere pelo menos oito vezes à caridade, cinco vezes à caridade e união e outras tantas à mansidão que devem reinar na Comunidade. Alusões semelhantes podem ser encontradas, ainda, nas MF 91,2 e 113,2, entre outras. Em síntese, esse clima de coesão – caridade, caridade e união – que deve existir entre eles decorre do fato de que "somos Irmãos" e a Comunidade "nossa mãe"[64]. Sem coesão a Comunidade deixa de existir. É por isso que La Salle tanto

---

[62] La Salle, MD, 6,1, 25.
[63] La Salle, MF 169,3, p. 382.
[64] La Salle, MD 68,3, p. 170

insiste nesta união (coesão): “Perdida a união, tudo está perdido. Conservai-a, pois, cuidadosamente, se quiserdes que vossa Comunidade perdure”[65].

Blain, ao comentar a adoção do nome “Irmãos das Escolas Cristãs” – “era o que lhes correspondia” –, apresenta uma verdadeira espiritualidade da fraternidade:

> Esta denominação é adequada, pois encerra a definição de seu estado e assinala as tarefas de sua vocação. Este nome lhes recorda que a caridade que deu origem a seu Instituto há de ser sua alma e sua vida; que ela deve presidir todas as suas deliberações e inspirar-lhe todos os seus desígnios. (...) Este nome lhes manifesta a excelência de seu trabalho, a dignidade de seu estado e a santidade de sua profissão. Lhes diz que, sendo Irmãos...”[66].

Salientada a importância da coesão, cabe fazer o mesmo em relação à obediência, “a primeira e principal de todas as virtudes que adornam uma Comunidade”[67].Ela é, ainda, “o fundamento da Comunidade”. Sem ela, “nem mereceria o nome de Comunidade”. Aliás, “sem ela uma comunidade não pode subsistir”[68]. Isso porque a obediência é “a graça de estado de quem vive em Comunidade”, estado que se abandona “por haver perdido o amor a Regra e às práticas da Comunidade”[69], i. é, à obediência.

Tudo isso torna fácil compreender porque a Comunidade passou a ser o ponto referencial da vida do Irmão: era nela que viviam e oravam, e era dela que partiam, cada dia, para o exercício do ministério apostólico de anunciar o Evangelho pela Educação. Nos primeiros tempos a palavra *Comunidade* significava tanto uma casa quanto o conjunto das Casas e Escolas dirigidas pelos Irmãos. Mais tarde La Salle passou a utilizar, para este último conceito, a expressão “Sociedade das Escolas Cristãs” e, após, “Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs”.

Acentuava, ainda, a importância da Comunidade o fato de ela possuir uma dimensão mística. Ela se propunha lembrar, por sua vida e dinamismo, as primeiras comunidades cristãs. Este parece ser o sentido dessa afirmação que se encontra em Maillefer[70]. Assim como aquelas eram um sinal para os habitantes de Jerusalém, assim a Comunidade dos Irmãos devia sê-lo para os habitantes do local em que estivesse inserida. Daquelas dirá o autor dos Atos dos

---

[65] La Salle, MF 91,2, p. 233.
[66] J. B. BLAIN I, op. cit., p. 240-241.
[67] La Salle, MD 12,3, p. 46
[68] La Salle, MD 7,2, p. 30.
[69] La Salle, MD 12,3, p. 46.
[70] F. E. MAILLEFER, op. cit., p. 70.

Apóstolos que "todos os fiéis viviam unidos e tinham tudo em comum" [71], ou, "A multidão dos fiéis era um só coração e uma só alma"[72].

Outrossim, a Comunidade era para eles um Dom de Deus. Fora Ele que os chamara a viver nela para melhor poderem se dedicar à instrução e à educação dos meninos pobres. Não mediante retribuição, mas para servir à Trindade e seu desígnio salvífico. Ou, por outra, procurar a glória de Deus. Era para isso que o Irmão a Ele se consagrava: "para procurar Vossa glória quanto me for possível e Vós o pedirdes de mim"[73].

4. A Comunidade dos Irmãos: uma comunidade religiosa de Apóstolos Leigos[74]

Essa Comunidade, dom de Deus, sem amparo jurídico e canônico, que dependia apenas de sua coesão interna, que se esforçava para obedecer ao Superior e viver a Prática do Regulamento Diário e que procurava a glória de Deus através do ministério educativo em favor dos meninos pobres acolhidos às Escolas Cristãs, era diferente de todas as Comunidades surgidas até então: integram-na unicamente Leigos. La Salle a pensou e a quis assim, consciente e obstinadamente. Considerou esse aspecto fundamental e fez tudo o que esteve a seu alcance para que assim fosse. Apesar dos percalços surgidos, não abandonou seu projeto de uma Comunidade Laical no seio de uma Igreja Clerical.

Ele fundara uma Comunidade de Irmãos que trabalhava na edificação do Reino pelo anúncio da Palavra através da Escola. É, portanto, um leigo que participa no ministério da Palavra. O pensamento de La Salle a esse respeito é claro e sólido: é pelo catecismo dado na escola que o Irmão participa do ministério apostólico da Palavra. É desse modo que ele participa na missão sacramental da Igreja. É a essa realidade que se refere em suas Meditações, especialmente aquelas para o Tempo do Retiro, embora nelas não se encontre afirmado o caráter laical dos Irmãos: ele é dado como admitido *a priori* e vivido sem problemas. Ele é fruto da vontade formal de La Salle.

O desejo do Arcebispo de Reims, de assegurar para sua arquidiocese o privilégio e os benefícios das Escolas Cristãs de La Salle, foi por este visto como uma ameaça à autonomia da Comunidade, e o levou a deixar Reims e partir, em 1688, com dois Irmãos, para Paris, on-

---

[71] At. 2,44.
[72] At. 4,32
[73] J. B. BLAIN I, op. cit., p. 313; Alphonse HERMANS, *Les voeux des Frères des Écoles Chrétiennes avant la bulle de Benoît XIII*, p. 42.
[74] M. SAUVAGE, v. 2, p. 75ss.

de assumiu a direção de uma escola na Paróquia São Sulpício e instalou a sede do Instituto. Mas, também aí La Salle foi obrigado a defender a Comunidade das tentativas de interferência de autoridades eclesiásticas.

Através do "Memorial sobre o Hábito", de 1689/1690, expressou claramente seu pensamento sobre a originalidade do Instituto. Nele definiu a Comunidade dos Irmãos, e seu hábito, nem eclesiástico nem secular, como específico de religiosos leigos. No documento La Salle expressa claramente seu pensamento:

> 2. Essa Comunidade chama-se comumente Comunidade das Escolas Cristãs e atualmente não está estabelecida nem fundada a não ser sobre a Providência. (..) 3. Ocupam-se nesta Comunidade em manter as escolas gratuitamente, somente nas cidades, e em fazer o catecismo todos os dias, mesmo nos domingos e festas. (...) 9. Os que compõem esta comunidade são todos leigos, sem estudo [clássico] (...) 10. Não se recusariam, apesar disso, pessoas que tivessem estudado, mas (...) à condição de nunca mais estudar [Latim e Grego]: a) porque o estudo [desses idiomas] não lhes é necessário; b) porque isso seria no futuro ocasião para abandonar seu estado; c) porque os exercícios da comunidade e o emprego nas escolas exigem um homem totalmente liberado[75].

O texto, contudo, mostra claramente que o hábito era um aspecto secundário. O que estava em jogo era o caráter laical da Comunidade e que a razão fundamental dela era a função eclesial específica dos Irmãos, expressa no item 10c: "os exercícios da Comunidade e o emprego nas escolas exigem um homem totalmente liberado". Não era como os mestres dos povoados e aldeias, que não estavam totalmente disponíveis e careciam de estabilidade em sua profissão. Não assim o Irmão. Nenhuma ocupação exterior deveria distraí-lo de sua função de ministro da Palavra de Deus através do Catecismo. A ela se entregava inteiro, com todo seu tempo, seu coração e seu trabalho. Toda sua vida estava em função de seu ministério. A proibição absoluta de entrar no estado clerical e exercer alguma função eclesiástica suprimirá, pela raiz, qualquer dúvida[76]. E a Igreja Católica ratificou essa decisão na Bula *In Apostolicae Dignitatis Solio*, de Bento XIII, quando aprovou o Instituto, em 26 de janeiro de 1725: "Que nenhum dos Irmãos ambicione o Sacerdócio, nem aspire às Ordens Eclesiásticas"[77].

---

[75] J. B. BLAIN I, op. cit., p. 349-350.

[76] Eles não poderão ser sacerdotes nem aspirar ao estado eclesiástico, nem cantar nem usar sobrepeliz ou desempenhar alguma função na Igreja. Regra de 1705, CL 25, p. 16.

[77] Regras Comuns e Constituições dos Irmãos das Escolas Cristãs – 1947, p. V.

5. A Comunidade dos Irmãos das Escolas Cristãs: uma comunidade de associados para procurarem, juntos, a glória de Deus pelas Escolas Cristãs

A expressão "Juntos e por Associação" aparece pela primeira vez nos escritos de La Salle na "Fórmula dos Votos de 1691"[78], quando ele e os Irmãos Gabriel Drolin e Nicolas Vuyart se associaram para a consolidação da Sociedade das Escolas Cristãs. Tanto ela, ou "Juntos e Associados"[79], significam outro aspecto fundamental para a Comunidade dos Irmãos istãs. Será essa Associação que assegurará sua continuidade e a das Escolas Cristãs, "Obra de Deus" segundo a expressão do profeta Habacuque[80], que La Salle fizera sua[81].

Os termos "associar" e "Associação", apontam para

> a existência de um vínculo, de caráter permanente, entre um grupo de pessoas, as quais, juntas, procuram alcançar um fim proposto, para o que atuam de forma coesa, de acordo com as regras estabelecidas de comum acordo, podendo ser punidas na ocorrência de faltas [82].

Em seus escritos, La Salle empregou esses termos apenas 13 vezes. Delas, a que parece explicitar melhor o sentido a eles dado por La Salle se encontra na passagem em que explica "a que obrigam os Votos dos Irmãos das Escolas Cristãs":

> A manter as Escolas por associação, com aqueles que se associaram na Sociedade, e os que se associarão a seguir, em qualquer lugar a que possa ser enviado, ou fazer qualquer coisa em que possa ser empregado pelos Superiores[83].

Apesar do uso restrito, La Salle atribuiu à Associação tal importância para a vida do Irmão e do Instituto que fez dela objeto de um dos votos específicos dos Irmãos: o Voto de Associação, assim expresso na Fórmula dos Votos de 1694:

> Prometo e faço voto de unir-me e permanecer em sociedade com os Irmãos... para manter, juntos e por associação, as escolas gratuitas, em qualquer lugar a que eu seja enviado... (...) os quais votos, tanto de associação, como o de estabilidade na dita sociedade e o de obediência... prometo guardar por toda a vida[84].

---

[78] J. B. BLAIN I, op. cit., p. 313.

[79] Esta seria, em português gramatical, a tradução correta da expressão "Juntos e por Associação". [N. do A.]

[80] Hc 3,2a. "Senhor, eu ouvi a vossa mensagem e enchi-me de temor diante da vossa obra".

[81] "Domine, opus tuum": "Senhor tua obra". Jean-Baptiste de LA SALLE, Regras que me impus, ap. J. B. BLAIN, op. cit., v. 2. CL 8. Roma, 1961, p. 318-319.

[82] Conceito estabelecido a partir do *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa* – Versão Eletrônica. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001; *Nouveau Dictionnaire de l'Académie française*. Paris: Jean-Baptiste Coignard, 1718. Alain REY, *Dictionnaire historique de la langue française*. Paris: Le Robert, 1992.

[83] Jean-Baptiste de LA SALLE, Récueil des differents petits traités à l'usage des Frères des Écoles Chrétiennes (R). Cahiers Lasalliens 15. Roma, 1963, p. 4.

[84] Alphonse HERMANS, op. cit., p. 42.

5.1 Associação em Vida de La Salle

A fundação das Escolas Cristãs não foi obra exclusiva de La Salle, mas de todos os Irmãos que "com ele se associaram para consolidar o Instituto e garantir a continuidade das Escolas Cristãs"[85]. Os primeiros biógrafos[86] situam os primeiros contatos de La Salle com as mestres em 1679, com a chegada de Adriano Nyel a Reims, para a abertura de uma escola para os meninos pobres. La Salle o acolheu e o hospedou em sua casa. "Estes foram os primeiros compromissos de La Salle no estabelecimento das escolas gratuitas"[87], cujo êxito o preocupava. Mas não a ponto de se ocupar diretamente dos mestres. Contudo, à medida que as deficiências de Nyel e dos mestres foram aparecendo, La Salle passou a se interessar cada vez mais pelas escolas gratuitas que ajudara a fundar, e por seus mestres, por perceber a importância e necessidade delas para a instrução e a educação dos meninos pobres. Aos poucos elas ocuparão um lugar cada vez mais importante em sua vida, até se tornarem algo seu. Neste momento as escolas gratuitas serão suas escolas, os mestres de tais escolas passarão ao centro de suas atenções, e ele acabará abraçando a vocação escolar.

Sua presença na vida dos mestres foi aumentando. Orientava-os, esforçava-se para torná-los competentes e piedosos e, ao mesmo tempo, encaminhá-los para um tipo de vida novo e original: o de religiosos leigos (não clérigos). São dessa época a Prática do Regulamento Diário, a adoção do nome Irmãos das Escolas Cristãs, e de um hábito singular, i. é, nem clerical e nem civil, ou leigo[88]. Isso, porém, não impediu o surgimento de séria crise, que o levou a renunciar ao Canonicato e a distribuir os seus bens aos pobres. Assim fez-se pobre como os Irmãos aos quais acolhera e com os quais vivia.

5.2 "Vós sois os Legisladores"

O retorno de Nyel a Ruão, em 1685, e a assunção da direção de todas as Comunidades e obras permitiu a La Salle prosseguir em seu projeto de vida religiosa laical para os Irmãos. Embora dispersos em várias cidades, seu projeto visava fazer deles uma Comunidade Religiosa, com um modo de vida uniforme. Para facilitar o alcance desse objetivo deu início, em

---

[85] Atento, pela ação de Deus, ao abandono humano e espiritual dos "filhos dos artesãos e dos pobres", São João Batista de La Salle consagrou-se à formação de professores inteiramente dedicados à instrução e à educação cristã. Reuniu-os em Comunidade e, com eles, fundou, depois, o Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs". J.-M. de La SALLE, *Regra dos Irmãos das Escolas Cristãs*, p. 19.

[86] Irmão Bernard, Francisco Elias MAILLEFER e João Batista BLAIN.

[87] F. E. MAILLEFER , op. cit., p. 53.

[88] J. B. BLAIN I, op. cit., p. 299.

1686, às chamadas "Assembléias de Reims": cada ano, por ocasião das férias escolares, reunia os Irmãos para um retiro e o estudo de questões relativas à Comunidade. Na primeira delas, em 1686, teve a impressão de que "eles estavam como que flutuantes e indecisos em sua vocação", o que o levou a propor-lhes "se ligarem ao bem por meio de compromissos santos e duradouros"[89], o que aceitaram, emitindo o Voto Anual de Obediência. Nessa ocasião, La Salle desempenhou um papel pedagógico importante. Associou os Irmãos a suas preocupações, aceitou-os como participantes na tarefa de fundação e estruturação da Sociedade das Escolas Cristãs, deixou-lhes a iniciativa e preparou-os para tomarem decisões referentes à Comunidade, como se fossem os únicos responsáveis por ela. Segundo Blain[90], La Salle:

> […] os fez compreender que a ordem que já reinava na casa deveria fazê-los pensar nos meios de mantê-la; que a Regularidade, que é a alma de uma Comunidade, supunha sábios regulamentos, e que era necessário pensar em observá-los antes que estabelecê-los (...) Vós sereis, vós mesmos, os vossos legisladores. (...) Desejo tomar, convosco, medidas para vos fixar em vosso estado, firmar vossa vocação, cimentar vossa união e começar a construir o edifício do qual vós sois as primeiras pedras.

Foi assim que o biógrafo tentou retratar a primeira participação conhecida dos Irmãos na fundação e no governo do Instituto. Ou, por outra, como La Salle os associou à sua ação fundadora. Foi o primeiro passo de um processo que, em oito anos, os levou a se associarem definitivamente na consolidação e expansão do Instituto, transformando esse modo de agir e de viver no Voto de Associação. Por ele prometeram viver, associados e em Comunidade, sua consagração e sua missão de tornar acessível a salvação aos filhos dos artesãos e dos pobres através das escolas cristãs.

5.3 "Escolham um Irmão para Superior"

Também pode ser vista sob o prisma da Associação a primeira tentativa de João Batista de La Salle de deixar o Superiorato em 1686. Aos Irmãos reunidos observou que já são em número suficiente para se governarem por si próprios, e que "para o bem comum, seria importante, e até mesmo necessário, que escolhessem um Superior, em cujas mãos ele colocaria o governo do Instituto"[91]. O que os Irmãos fizeram, mas as autoridades eclesiásticas não aceitaram, determinando a La Salle que reassumisse o cargo. Isso porque julgaram

---

[89] F. E. MAILLEFER , op. cit., p. 86.
[90] J. B. BLAIN I, op. cit. p. 232.
[91] F. E. MAILLEFER , op. cit., p. 87.

> censurável que um sacerdote, doutor e ex-cônego da catedral, obedecesse, sem mais nem menos, a um leigo sem titulação alguma: fizeram-lhe ver os inconvenientes que isso representava e obrigaram-no a reassumir o cargo de Superior[92].

5.4 "Crescer por dentro".

Todavia, é em fatos posteriores a 1690 – o Voto de 1691 e a 1ª. Assembléia (Capítulo) Geral de 1694 – e nos documentos a eles relacionados – a Fórmula dos Votos de 1691 e de 1694 e a ata relativa à reeleição de La Salle como Superior, também de 1694 –, que aparece claramente o papel da Associação para a vida e o futuro do Instituto.

O biógrafo Blain refere-se à perplexidade de La Salle ante a situação do Instituto após 10 anos de trabalhos e esforços, "com poucos Irmãos, sem quase nenhum progresso de sua obra e no temor de vê-la perecer", o que não estava muito longe da verdade, pois "provavelmente, se ele tivesse morrido" – uma grave enfermidade quase o levara ao túmulo – "a Comunidade teria sido sepultada com ele na mesma tumba"[93]. Diante dessa situação, além de recorrer à oração, ao retiro e à penitência, centrou sua reflexão na necessidade da "consolidação da obra de Deus".

> Era visível que oscilava. Apesar de lhes ter dado um objetivo comum e bem concreto, apesar da vida interna da Comunidade, apesar do hábito, dos regulamentos, dos votos, de ter aceitado ser seu confessor e diretor espiritual da Comunidade (...). Faltava algo muito importante: era preciso crescer por dentro. Eis o clarão fulgurante que lhe revelou a oração e que o levou a uma série de conclusões[94].

E, para fazê-la "crescer por dentro" tomou decisões de relevo: a) não abrir novas obras, para favorecer uma sólida retomada dos Irmãos; b) visitar anualmente todas as Comunidades, como forma de manter os Irmãos no fervor; c) admitir "Irmãos Serventes", para favorecer a dedicação dos Irmãos que atuavam nas escolas. Às quais o biógrafo acrescenta:

> 1º. associar-se com os dois Irmãos (...) e se ligar a eles por um voto irrevocável, para prosseguir na consolidação da obra. – 2º. procurar, perto de Paris, uma casa apropriada, para restabelecer a saúde dos Irmãos cansados e doentes. – 3º. reunir nela, durante o tempo das férias escolares, todos os seus filhos e de com eles fazer um retiro, para lhes devolver, com seu primeiro fervor, o espírito e a graça de seu estado (...) e lhes restituir sua primeira caridade. – 4º. estabelecer um noviciado para a formação dos novos integrantes da Sociedade[95].

Isso tornou 1691 duplamente importante. Nele, oficializou-se o caráter laical dos Irmãos, e encaminhou-se a consolidação e posterior expansão das Escolas Cristãs.

---

[92] F. E. MAILLEFER, op. cit., p. 89.
[93] J. B. BLAI I, op. cit, p. 303.
[94] S. GALLEGO, *Vida y Pensamiento de San Juan Bautista de La Salle* – II Escritos, p. 237-238.
[95] J. B. BLAIN I, op. cit. p. 312.

5.5 Um "Voto Heróico"

La Salle chegara aos 40 anos e havia 12 vinha dirigindo, sozinho, a Sociedade das Escolas Cristãs. A situação referida o levara à convicção de que necessitava comprometer-se ainda mais fundo com a obra que Deus lhe confiara. Mas não queria mais fazê-lo sozinho. Decidiu por em prática sua decisão de associar os Irmãos Gabriel Drolin e Nicolas Vuyart, dos mais antigos da Sociedade, à tarefa de dirigir o Instituto. No dia 21 de novembro de 1691, os três se consagraram à SS. Trindade para

> […] procurar, com todas as nossas forças e quanto de nós depender, o estabelecimento da Sociedade das Escolas Cristãs, do modo que nos parecer ser o mais agradável e o mais vantajoso para a dita Sociedade (...) desde agora e para sempre (...) fazemos Voto de Associação e de União para procurar e manter o dito estabelecimento, sem desistir, embora fiquemos só três nela e nos vejamos obrigados a mendigar e a viver só de pão (...) prometemos fazer unanimemente e de comum acordo, tudo o que, em consciência e sem consideração humana de espécie alguma, julgarmos necessário para o maior bem da dita Sociedade[96].

Esta decisão foi de especial importância por sua repercussão na consolidação e posterior expansão da Sociedade e por seus desdobramentos, a partir de 1694 até a eleição do 1º Superior Geral do Instituto, em 1717.

Mais que Voto de Associação e de União foi um ato de fé e de confiança em Deus e em sua Providência. Ela levara La Salle a se entregar totalmente à consolidação das Escolas Cristãs, vistas por ele como "Obra de Deus". Para estabelecê-las renovara a escola e preparara mestres competentes e piedosos, para fazer delas instrumentos de salvação para os meninos pobres. Agora, como resposta à situação desesperadora em que se encontravam, e para garantir sua continuidade e expansão, ele se uniu a dois Irmãos. Com eles emitiu um Voto de Associação e de União, conhecido, também, como "Voto Heróico". A fórmula que o expressou, clarifica o conceito lassaliano de "Associação", base do estabelecimento da Sociedade das Escolas Cristãs: agir "Juntos e por Associação" significa "agir unanimemente e de comum acordo" em todas as decisões necessárias para a vida da Sociedade, em nome do vínculo existente entre eles.

5.6 "Juntos e por Associação"

Se em 1691 lançara os fundamentos, em 1694 a construção da Sociedade, via Associação a doze Irmãos, atingiu uma dimensão nova e mais ampla. Sem maiores crises, o Instituto continuava a "crescer por dentro": nenhuma obra nova fora aberta, o Noviciado, sob a orien-

---

[96] J. B. BLAIN I, op. cit. p. 313.

tação de La Salle, correspondia ao esperado e os candidatos – numerosos – se apresentavam por iniciativa própria. Nesse contexto decidiram realizar o 1º Capítulo Geral, para tratar da fixação das Regras e da emissão dos Primeiros Votos Perpétuos.

O 1º Capítulo Geral aconteceu após o inverno rigoroso de 1693-1694, quando a fome atingiu praticamente toda a França. A escassez de recursos e o preço dos produtos submeteram as Comunidades dos Irmãos a enormes dificuldades e obrigaram La Salle a retornar o Noviciado de Ruão para Paris, por ser aí mais fácil a ajuda.

O Capítulo iniciou no dia 30 de maio de 1694. Ao retiro seguiram-se a análise e a aprovação das Regras. Por fim, no dia 6 de junho de 1694, La Salle e doze Irmãos emitiram os Votos Perpétuos de Associação, Estabilidade e Obediência. Segundo Maillefer havia empenho por parte dos Irmãos em fazê-lo, pois havia oito anos vinham emitindo e renovando o Voto Anual de Obediência"[97]. Através desses Votos o Instituto passou a estar nas mãos de treze Associados, com um núcleo, o "Corpo da Sociedade", mencionado duas vezes na Fórmula dos Votos. O Corpo de Três, de 1691, passara a Treze, em 1694. Por isso, os dois fatos são tidos como dois momentos de um mesmo acontecimento. Mais tarde, La Salle assim resumirá as obrigações contraídas pelos Votos então emitidos:

> 1. A manter as escolas por associação, com os que se associaram na Sociedade e os que a ela se associarão no futuro, em qualquer lugar a que alguém seja enviado ou para fazer qualquer outra coisa em que possa ser empregado pelos Superiores. 2. A permanecer estável na dita Sociedade durante o tempo pelo qual se tenha comprometido, sem poder sair por própria iniciativa e por qualquer pretexto que seja. 3. (...) sujeitar-se a pedir esmola e viver apenas de pão antes que abandonar dita Sociedade e as escolas. 4. A obedecer: primeiro, ao Superior da Sociedade (...); segundo, aos Diretores locais (...); terceiro, ao Corpo desta Sociedade [98].

A Fórmula de Votos, redigida por La Salle, impressiona por sua dimensão teológica e pelo alcance da finalidade do Instituto. Ela inicia mergulhando o Irmão no Mistério Trinitário, cuja glória ele se compromete buscar com todo o afã e disponibilidade:

> Santíssima Trindade, Pai, Filho e Espírito Santo, prostrado com o mais profundo respeito ante vossa infinita majestade eu me consagro inteiramente a Vós, para procurar Vossa glória quanto me for possível e Vós o pedirdes de mim[99].

---

[97] F. E. MAILLEFER , op. cit., p. 117.

[98] Coleção de Vários Pequenos Tratados para Uso dos Irmãos das Escolas Cristãos, ap. S. GALLEGO, op. cit., p. 684.

[99] J. B. BLAIN I, op. cit., p. 313; Alphonse HERMANS, op. cit., p. 42.

Mas essa glória de Deus, o Irmão não a buscará só, mas associado e de comum acordo com os outros Irmãos. Também eles contemplaram a glória de Deus e assumiram o mesmo compromisso. Por isso "prometo e faço voto de unir-me e permanecer em sociedade com [os Irmãos] que se uniram para manterem juntos e por associação as escolas gratuitas, em qualquer lugar a que seja enviado". Em qualquer circunstância, "mesmo que seja obrigado, para fazê-lo, a pedir esmola e a viver de pão somente", e do que lhe for mandado, porque ele prometeu "desempenhar na dita Sociedade o emprego a que seja destinado".

O "Eis porque prometo e faço Voto de Obediência, tanto ao Corpo da Sociedade, como aos Superiores, os quais votos de Associação e de Estabilidade na dita Sociedade, e de Obediência, prometo guardar inviolavelmente por toda a vida"[100], é a justificativa de sua disponibilidade: a "Obra de Deus", na qual ele está empenhado, com seus Irmãos, juntos e por associação, realiza tanto bem para os educandos e para a Igreja que ele se compromete em permanecer na Sociedade das Escolas Cristãs para o resto de sua vida.

5.7 O "Corpo da Sociedade" e sua função

A emissão do Voto Perpétuo de Associação, com os Votos a ele relacionados de Estabilidade e de Obediência, e a reeleição de La Salle para Superior, fazem de 6 de junho de 1694 um dia fundamental e fundacional. Para alguns estudiosos de La Salle e sua obra esse dia deveria ser considerado o da fundação oficial do Instituto, pela Emissão do Voto de Associação, pela reeleição de La Salle e pela Ata que a complementa e explicita.

Tal como em 1686/1687, La Salle crê chegada a hora de entregar o cargo a um Irmão. Após a grave doença que quase o levara à morte, e a associação aos Doze Irmãos, está convencido da necessidade dessa eleição, pois ela envolve a autonomia da Sociedade: se ele falecer antes de dotá-la de um Superior Irmão, ela corre o perigo de nova intervenção da autoridade eclesiástica e da perda da autonomia das Escolas Cristãs, pela qual tanto lutara.

Além do mais, "desde que aumentara o número de Irmãos, tinha a intenção de entregar a direção do Instituto nas mãos deles, pois, não convinha que continuasse como seu Superior [por ser sacerdote]"[101]. Por isso lhes propôs a eleição do um novo Superior. Embora contrários, os Irmãos votaram unanimemente, e por duas vezes, em La Salle: queriam que ele conti-

---

[100] O original se encontra nos Arquivos da Casa Geral, em Roma.
[101] F. E. MAILLEFER , op. cit., p. 118.

nuasse sendo o Superior deles. Ante o desconcerto de La Salle, os Irmãos significaram-lhe, pela votação unânime, ser essa a vontade de Deus, mesmo porque eles não mudariam de posição. O motivo, como anota Maillefer, é que "o bem do Instituto exigia que La Salle continuasse à sua frente". Mas, "quando o Instituto estivesse suficientemente firme, aí, sim, estaria livre para renunciar ao cargo em favor de um Irmão[102].

La Salle aceitou a ponderação dos Irmãos, mas pediu-lhes que o dito constasse em ata, para que, no futuro, se soubesse dos motivos do ocorrido. Na ata, transcrita no Caderno de Votos e firmada por todos, salientava-se, em primeiro lugar, o aspecto associativo e, após, as conseqüências do ato realizado:

> Nós, (...) depois de ter-nos associado com o sr. João Batista de La Salle, sacerdote, para manter juntos e por associação as escolas gratuitas pelos votos feitos ontem, reconhecemos que, como conseqüência de nossos votos e da associação que contraímos por eles, elegemos por Superior o sr. João Batista de La Salle, ao qual prometemos obedecer com inteira submissão em virtude de nosso voto, bem como aos que ele nos dê por superiores.
>
> Declaramos igualmente pretender que a presente eleição que fizemos do dito sr.de La Salle por Superior, não tenha posteriormente nenhuma conseqüência, pois é nossa intenção que depois dele, no futuro e para sempre, não haja ninguém recebido entre nós nem eleito como Superior, que seja sacerdote ou que tenha recebido as sagradas ordens, e que não teremos sequer nem admitiremos a nenhum Superior que não esteja associado e haja feito voto como nós, e como todos os que, em continuação, se associarão a nós.[103].

Em síntese: embora sacerdote, La Salle continuava como Superior dos Irmãos porque eles assim o desejavam. Após ele, porém, não haveria mais sacerdote como Superior da Sociedade. Era a reafirmação de seu caráter laical e da autonomia interna do Instituto. Para La Salle ficou, mais uma vez, a certeza de que Deus o conduzira à fundação de uma obra totalmente original, constituída unicamente por Leigos para a educação dos "filhos dos operários e dos pobres". Os Capitulares retornaram a suas Comunidades. Quanto ao Instituto, embora continuasse em seu propósito de crescer por dentro, passará, a partir de então a pensar na expansão da obra das Escolas Cristãs. Desde que as novas obras fossem pedidas por sacerdotes ou bispos, ou com seu consentimento e possibilitassem ao Instituto "servir a Igreja em tudo o que estava de acordo com o espírito de sua vocação"[104].

Após sete anos, a política de crescer por dentro e de não abrir novas obras, apresentava resultados realmente significativos. Por isso, entendeu La Salle que o Instituto estava em con-

---

[102] F. E.MAILLEFER, op. cit., p. 119.
[103] S. GALLEGO, op. cit., p. 276-277.
[104] F. E. MAILLEFER , op. cit., p. 120.

dições de privilegiar a expansão, começando por Paris, onde abriu mais três escolas, sendo uma um Seminário para Mestres Rurais. Assim, as cinco escolas da Capital somavam mais de 20 salas e atendiam a mais de 1000 alunos. Julgou, ainda, oportuno atender ao pedido que, desde 1694, lhe fazia o Bispo de Chartres. Submeteu o pedido à apreciação dos Irmãos e deles obteve, como resposta, "que lhe enviariam sete Irmãos"[105].

Com a fundação de Chartres, em 1699, a Sociedade iniciou um período de expansão que a levou a abrir, até 1710, 37 novas obras, em 20 cidades, uma das quais em Roma, para onde enviou dois Irmãos em setembro de 1702. A escola foi aberta após sérias dificuldades, como "Escola Papal", provisoriamente em 1705 e, de modo definitivo, em 1709. Agora havia em Roma, apesar do título, uma escola ao estilo lassaliano, que chamava a atenção por seu método de ensino, pelo seu estilo, pelo zelo de seu mestre e por sua gratuidade[106]. Segundo Blain, essa escola significava "o desejo de levar seu Instituto à capital da Catolicidade e de estender-se, um dia, sob a sua proteção, a todas as partes da Igreja"[107].

5.8 "Nosso Superior é La Salle"

Em 1702, como fruto de intrigas de sacerdotes que desejavam assumir o Superiorato do Instituto, pelo menos em Paris, e de problemas surgidos entre os Irmãos, o Cardeal-Arcebispo de Paris demitiu La Salle do cargo de Superior e nomeou um eclesiástico para substituí-lo, o que os Irmãos não aceitaram apesar dos apelos de La Salle, afirmando "que não reconheceriam outro Superior se não a La Salle (...) e que, se fossem forçados a aceitar outro Superior, voltariam para sua terra e abandonariam o Instituto"[108]. Essa atitude enfureceu o Cardeal, por entender, no dizer dos biógrafos, ser "extremamente grave que um punhado de gente sem título algum [meramente leigos], não acatassem ordens suas"[109].

A ameaça de exílio para La Salle, do abandono do Instituto pelos Irmãos, do fechamento das cinco/seis escolas gratuitas na Paróquia São Sulpício, fez com que "os principais Irmãos de sua Comunidade" buscassem rapidamente um acordo com o Vigário Geral e com ele acertassem as condições para a aceitação do novo Superior: ele não poderia tocar nos regulamentos da Comunidade e restringiria sua presença a uma vez por mês. Quanto a La Salle,

---

[105] J. B. BLAIN I, op. cit., p. 370.
[106] S. GALLEGO, op. cit., p. 330-331.
[107] J. B. BLAIN I, op. cit, p. 392.
[108] F. E. MAILLEFER , op. cit., p. 138.
[109] Ibid., p. 138.

continuaria a dirigi-los como até então. O Cardeal-Arcebispo aceitou o acordado e deu-se o caso por encerrado.

Pela leitura dos biógrafos constata-se que foram os Irmãos que tomaram a iniciativa, estabeleceram as condições e decidiram acolher o superior eclesiástico. La Salle limitou-se a visitar o Cardeal e a aceitar o acordado. É que, segundo eles, La Salle e os Irmãos tinham bem presente a Ata de 1694 pela qual, afora La Salle, os Irmãos não teriam outro Superior Eclesiástico[110]. Se eles aceitaram as condições propostas, foi porque La Salle continuaria a ser o Superior efetivo da Comunidade. É na Associação, e na Ata em que os Irmãos explicitaram sua posição, que devem ser buscadas as razões da atitude dos Irmãos e de sua intransigente defesa da autonomia da Comunidade, algo fundamental para La Salle e para eles.

Contudo, há outros aspectos que mostram como os Irmãos tomaram a peito seu papel de Associados com La Salle. Assim, foram os Irmãos que aconselharam La Salle a buscar uma nova residência para a Comunidade, bem longe de São Sulpício, o foco das intrigas contra ele; que tomaram algumas iniciativas para melhorar a situação econômica da Comunidade; que manifestaram a La Salle seu desagrado pela forma como o pároco de São Sulpício o tratava, a ponto de alguns não quererem mais continuar atuando na paróquia; que pediram a La Salle, depois de muito agüentar, que lhes permitisse deixar a Paróquia São Sulpício, dizendo-lhe que só voltariam se pudessem trabalhar e viver em paz; que pressionaram a La Salle para a exclusão de membros indesejáveis ou para sua não readmissão[111]*;* que se opuseram à readmissão do Irmão Nicolas Vuyart, um dos dois Irmãos do compromisso de 1691: sua deserção num dos momentos mais amargos para La Salle era imperdoável[112].

Outrossim, foi um Irmão que se ofereceu para preparar-se para que La Salle pudesse reabrir a Escola Dominical, tão procurada pelos jovens carentes de maior preparo profissional; foi um Irmão que assinou as condições para os Irmãos retornarem à Paróquia São Sulpício; foram os dois Irmãos que assumiram a escola de Darnétal que tomaram a iniciativa de apresentar-se ao Arcebispo de Ruão e informá-lo acerca das Escolas Cristãs. Em decorrência o Arcebispo pediu a presença de La Salle, e abriu-lhe as portas para o estabelecimento de ditas escolas na cidade.

---

[110] Sobre esse aspecto ver citação da Ata, p. 37.
[111] F. E. MAILLEFER , op. cit., p. 171.
[112] S. GALLEGO, op. cit., p. 378.

De sua parte, La Salle ouviu a opinião de um ou dois Irmãos antes de se retirar ao Convento dos Carmelitas Descalços, em Paris, para um retiro; pediu a alguns Irmãos, em 1708 e nos anos seguintes, para ajudá-lo mais diretamente no governo do Instituto, visitando as Comunidades em seu lugar, resolvendo as questões mais simples e auxiliando-o no encaminhamento das mais sérias; reuniu, em 1710, os "principais Irmãos" para tratar dos Irmãos Diretores, de suas funções e de sua Regra, para definir claramente as funções deles e dos Irmãos Serventes nas Comunidades e Escolas. Assim, aos poucos, os Irmãos foram assumindo seu papel de Co-fundadores, graças à iniciativa de La Salle de associá-los sempre mais à sua missão de fundador da Sociedade das Escolas Cristãs.

5. 9 No meio da treva uma luz: "Volte!"

Uma ocasião exemplar dessa crescente consciência e assunção do seu papel, por parte dos Irmãos, pode ser encontrada nos fatos sucedidos entre 1712 e 1714, após ter-se La Salle dirigido a Marselha, para visitar a Comunidade. Os contratempos aí surgidos, aliados a outros, anteriores à visita, reforçaram sua crença, surgida em Paris, de que sua presença não colaborava para o bom funcionamento da "Obra de Deus"[113]. Tanto Blain, como Maillefer, afirmam que, então, se apoderou dele uma grande angústia, que o fez pensar em esconder-se e desaparecer, para que as Escolas Cristãs tivessem paz. Por fim, mergulhou no que os autores místicos denominam de "noite escura da alma". Tentando encontrar a paz e uma resposta para a situação foi de Marselha a Mende, daí a Grenoble, à Grande Cartuxa, e, por fim, a Parmênia.

Ao mesmo tempo, preocupado com a situação dos Irmãos enviou um Irmão de Grenoble a Paris, e o substituiu na sala de aula. Ao retornar, o Irmão comunicou-lhe que os Irmãos se ressentiam de sua longa ausência, da interrupção da correspondência, do procedimento inadequado de alguns Irmãos e, sobretudo, do que ocorria em Paris, onde o Irmão Bartolomeu, Diretor da Comunidade, se deixara levar por um Superior Eclesiástico, interessado em retirar de La Salle a direção da Comunidade e separá-la do restante da Sociedade. Caso exitosa a iniciativa o Instituto ter-se-ia esfacelado e ruído, exatamente por lhe faltar o vínculo da Associação.

---

[113] "Suas dúvidas não são mero produto de uma ilusão subjetiva. (...). Suspeita que sua presença impede o desenvolvimento e o crescimento da obra de Deus. Duvida, também da consciência de sua função, de seu carisma pessoal no interior da Comunidade". M. A. CAMPOS MARINO, op. cit, p. 255.

Vendo que a situação se deteriorava, e que o Superior Eclesiástico se valia dos recursos destinados à Comunidade para obrigar os Irmãos a aceitarem seus projetos, alguns Irmãos das Comunidades de Paris, de São Dionísio e de Versalhes, invocando o Corpo da Sociedade e o Voto de Obediência que La Salle emitira, decidiram escrever-lhe, ordenando-lhe retornasse a Paris.

> Senhor e Prezadíssimo Pai: Nós, principais Irmãos das Escolas Cristãs, tendo em vista a maior glória de Deus, o maior bem da Igreja e de nossa Sociedade, reconhecemos que é de suma importância que o Senhor volte a assumir a direção da Santa Obra de Deus, que é também sua, já que Deus quis servir-se de sua pessoa para fundá-la e guiá-la durante tão longo tempo. Todos estamos convencidos de que Deus lhe deu e continua dando as graças e talentos necessários para governar devidamente esta nova companhia, que é de tanta utilidade para a Igreja e é de justiça que testemunhemos que o Senhor sempre a guiou com grande êxito e edificação. Por isso, lhe pedimos humildemente e lhe ordenamos em nome e da parte do Corpo da Sociedade, ao qual o Senhor prometeu obediência, que assuma imediatamente a direção geral de nossa Sociedade.

Recebida a carta, e após madura reflexão, La Salle pôs-se a caminho, chegando a Paris a 10 de agosto de 1714. Para Saturnino Gallego, "de sua experiência mística La Salle tirara uma convicção profunda: 'O Instituto continuava vivo porque era Obra de Deus, nada mais'"[114]. Mas ele chegou, também, a outra conclusão: se o Instituto sobrevivera sem ele, se os Irmãos tinham sabido enfrentar a situação, então estavam em condições de assumir a sua direção. Por isso, embora retomando o cargo, pediu um auxiliar, sendo-lhe indicado o Irmão Bartolomeu, a quem La Salle deixou a administração da Sociedade. Pediu, ainda, que os Irmãos elegessem um outro Superior para o Instituto, no que foi atendido só dois anos após.

Do havido entre 1712, quando La Salle partiu para o Sul, e 1714, quando retornou a Paris, sobressai a importância fundamental do vínculo contraído por La Salle ao associar-se aos 12 Irmãos, em 1694. O número dos Irmãos com o Voto Perpétuo de Associação fora aumentando. Mas em todos parecia haver algo comum: sentiam-se responsáveis pelo futuro da Sociedade das Escolas Cristãs. Fora essa responsabilidade que os levara a preocupar-se pela situação do Instituto na ausência de La Salle e a escrever-lhe, pedindo-lhe que voltasse a Paris. O apelo à Associação e aos compromissos assumidos em nome dela devolveram a paz a La Salle e a normalidade ao Instituto.

Como, porém, os Superiores Eclesiásticos da Comunidade de Paris continuassem a perturbar a vida do Instituto, e especialmente do Noviciado, por controlarem os recursos des-

---

[114] S. GALLEGO, op. cit., p. 522.

tinados aos Irmãos, La Salle decidiu, em 1715, retornar o Noviciado a Ruão, e deixar cada vez mais ao Irmão Bartolomeu a administração da Sociedade das Escolas Cristãs.

5.10 O Sonho Realizado: um Irmão como Superior

Aos poucos os Irmãos deram-se conta que a idade e a saúde de La Salle começavam a fraquejar, e que era necessário eleger um Irmão como Superior antes que ele viesse a falecer. Decidiram, por isso, convocar um Capítulo Geral e aceitaram a sugestão de La Salle no sentido de enviar um Irmão, munido dos necessários poderes, para expor aos Irmãos das Comunidades o objetivo do Capítulo, obter a aprovação deles para as decisões que nele seriam tomadas e convocar "os principais Irmãos", isto é, os Diretores das Comunidades para o dia da Festa da Ascensão do Senhor de 1717. De posse de tais documentos, o Irmão Bartolomeu partiu no início de dezembro de 1716, regressando definitivamente a Ruão no fim de abril de 1717, após visitar todas as Comunidades, exceto a de Roma. Pelas assinaturas das atas da visita às Comunidades, o Instituto contava, no dia 16 de maio de 1717, com 102 Irmãos.

Após salientar aos 16 Capitulares a importância das decisões que iriam tomar, La Salle se retirou, deixando a eles a condução dos trabalhos e a tomadas das decisões, a primeira das quais foi a escolha do Irmão Bartolomeu para 1º Superior Geral do Instituto e a indicação, a pedido dele, de dois Irmãos como Assistentes – era o "Corpo da Sociedade" ampliando a estrutura de governo. Após procederam à revisão das Regras, da Regra do Irmão Diretor e da Guia das Escolas Cristãs, e entregaram a redação definitiva desses documentos a La Salle. No dia 23 de maio de 1717, concluídos os trabalhos, La Salle, o Irmão Bartolomeu e os 15 Irmãos Capitulares renovam os Votos Perpétuos de Associação, de Estabilidade e de Obediência, na presença dos vários grupos existentes na Casa de Saint Yon que, assim, foram as testemunhas de um ato que não mais se repetiria na História do Instituto.

Após fazer registrar a documentação do 2º Capítulo Geral por um notário, o Irmão Bartolomeu informou as Comunidades das decisões tomadas e enviou-lhes as Regras, a Regra do Irmão Diretor e a Guia das Escolas Cristãs. E, La Salle, como Fundador, pôde ver o Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs, "Obra de Deus e sua"[115] atingir a forma por ele pensada:

---

[115] "Nós (...) reconhecemos que é de suma importância que o Senhor volte a assumir a direção da Santa Obra de Deus, que é também sua, já que Deus quis servir-se de sua pessoa para fundá-la e guiá-la durante tão longo tempo". J. B. BLAIN II, op. cit., p. 118.

um Instituto Laical, dirigido por um Irmão, consagrado ao Ministério Apostólico da Educação e aberto ao futuro e à história.

> O próprio Instituto alcança sua definição, faltando apenas a aprovação romana. É uma Comunidade. Tem hábito singular; afirma sua laicidade total; professa três votos perpétuos [Associação, Estabilidade e Obediência]; dispõe de Regras adequadas; declara a educação integral seu campo de apostolado eclesial, mediante a escola cristã; considera indispensável a gratuidade total; tem sua hierarquia: um [superior] geral, dois assistentes, dois visitadores, um diretor em cada casa; está, pois, centralizada e, ao mesmo tempo, considera-se supradiocesana; não deseja a isenção; e aspira à plena personalidade jurídica, civil e canônica,o que converteria os Irmãos em religiosos[116].

Após cumprir algumas formalidades legais, La Salle entregou ao Irmão Bartolomeu sua biblioteca particular e os contratos referentes a obras do Instituto. No dia 7 de abril de 1719, Sexta-feira Santa, encerrou seu "Itinerário Evangélico", não sem antes lembrar aos Irmãos a Associação que com eles contraíra. Suas últimas palavras resumiram sua vida: "Adoro em tudo a vontade de Deus a meu respeito"[117].

Conclusão

Ao tratar do Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs nos começos, o objetivo foi o de situar a figura de La Salle e sua obra na época e no quadro geográfico em que aconteceram: a França, na segunda metade do século XVII e no primeiro quartel do século XVIII, em plena Era Moderna. Essa época foi, em primeiro lugar, uma época de luzes, sobretudo por seu progresso nas Ciências, Letras e Artes e pelas figuras que nelas se destacaram, e pelo início da Revolução Industrial. Mas, ao mesmo tempo, foi uma época de sombras, pela grande pobreza e segregação social, pelas diferenças gritantes ligadas às Categorias Sociais, pela grande ignorância religiosa e humana, e pelas muitas guerras.

Essas sombras motivaram reações em favor, sobretudo, dos pobres e da educação, então aos cuidados da Igreja, que também respondia pela Assistência Social. Entre essas reações ocupam lugar especial os Movimentos Catequético e Escolar, que encontrarão em João Batista de La Salle e suas iniciativas educacionais o instrumento apropriado para procurar a solução para o problema da ignorância entre os filhos dos artesãos e dos pobres.

Nascido em 1651, La Salle se preparou para o sacerdócio. Mas Deus iria introduzir em sua vida uma variável imprevista. Através de pessoas e acontecimentos levá-lo-á a colaborar

---

[116] S. GALLEGO, op. cit., p. 552.
[117] F. E. MAILLEFER , op. cit., p. 218 e J. B. BLAIN I, op. cit., p 174.

para a fundação das Escolas Cristãs, totalmente gratuitas, para oportunizar educação humana e cristã aos meninos pobres. Para tanto La Salle foi, aos poucos, e sem se dar conta, fazendo seu o projeto de Deus das Escolas Cristãs, e passará a vê-las como "Obras de Deus". Para que essa obra fosse exitosa ele se dedicou à preparação dos mestres, uma classe então desprezada, e à renovação da escola. Para assegurar a continuidade dessas iniciativas reuniu os mestres em Comunidade e com eles fundou, depois, o Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs[118].

De outra parte, essa Comunidade, considerada como Dom de Deus, irá assumindo características próprias: seus integrantes, os Irmãos das Escolas Cristãs, optarão pelo caráter laical e adotarão um hábito que os diferenciará dos Clérigos e dos Leigos. Comprometendo-se por um Voto Anual de Obediência, farão da coesão entre si e da obediência ao Superior e aos Regulamentos por eles estabelecidos a base do dinamismo para o exercício do Ministério da Palavra, através da instrução, pelo Catecismo, e da educação, mediante o ensino de outras disciplinas, dois aspectos de uma única realidade: a educação humana e cristã dos filhos dos artesãos e dos pobres.

Sem amparo jurídico e canônico, os Irmãos e seu Fundador ver-se-ão obrigados a defender a autonomia da Comunidade e seu ministério apostólico dos entraves postos sobretudo pelas autoridades eclesiásticas e pelas Corporações de Mestres. Nesse seu empenho em prol da Comunidade, depois chamada de Sociedade e, por fim, de Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs, La Salle contou com o apoio primeiro dos mestres e, após, dos Irmãos. Sua política de envolvê-los em todos os aspectos ligados ao estabelecimento dos regulamentos e estruturas de apoio da Comunidade, da sua consolidação e expansão, até a entrega aos Irmãos do Governo do Instituto, em 1717, dois anos antes de sua morte, fez com que o Instituto fosse obra de Deus, de La Salle e dos Irmãos.

A esse envolvimento dos Irmãos, La Salle deu o nome de "Associação". Ela teve um de seus momentos mais decisivos em 1691, quando La Salle associou a ele dois outros Irmãos no Governo do Instituto. Três anos após, em 1694, durante a 1ª Assembléia, ou Capítulo Geral, serão 12 os Irmãos que se associarão a La Salle, através do Voto de Associação, e dos Votos a ela relacionados de Estabilidade e Obediência. A partir de então o Instituto teve um

---

[118] Irmãos das Escolas Cristãs, *Regra de 1986*, art. 1, p. 17.

núcleo responsável por sua direção, o “Corpo da Sociedade” e deixou clara e definitiva sua opção pelo caráter laical dos Irmãos.

É em razão do papel da Associação, tanto na Fundação quanto em sua continuidade e nos dias atuais, que ocupou o lugar destacado a ela no desenvolvimento deste capítulo.

II. O INSTITUTO DOS IRMÃOS DAS ESCOLAS CRISTÃS HOJE

Introdução

No capítulo I tentou-se ver como La Salle deu início às Escolas Cristãs, mediante o preparo de mestres "competentes e piedosos" e da renovação da escola, para "torná-la acessível aos 'filhos dos artesãos e dos pobres', e sinal do Reino e meio de salvação"[119].

Através de sua aproximação e ação, ele foi encaminhando os mestres para um novo tipo de vida religiosa, diferente das existentes então: o Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs, que com eles fundou, seria constituído unicamente por religiosos leigos – Instituto Religioso de Irmãos, no dizer da *Vita Consecrata*. Juntos estabeleceram, como elementos fundamentais de sua identidade, além de seu caráter laical, a vivência comunitária e a consagração a Deus, expressa basicamente pelo voto de Associação, tudo a serviço da missão do Instituto: o anúncio da Boa-Nova do Evangelho através de uma educação hoje denominada de integral.

Neste capítulo procurar-se-á, após uma visão da história do Instituto de 1726 aos dias atuais (1ª parte), estudar a presença e a participação do Leigo na realização da missão do Instituto (2ª parte). Primeiro, antes do Concílio Vaticano II, o grande acontecimento eclesial do século XX, e, após o mesmo, para ver como o Instituto se apropriou da visão eclesiológica referente aos Leigos.

Separando os dois, uma breve visão da eclesiologia do Vaticano II, no que se refere à Igreja-Comunhão e ao papel do Leigo nos tempos pós-conciliares. Será à luz dessa eclesiologia que se fará a passagem ao segundo momento e, sobretudo, ao que se denominará de "Volta aos Começos", quando se buscará ver como, apesar das grandes mudanças havidas, as intuições fundamentais de La Salle continuam atuais e como, a partir da eclesiologia conciliar e de outros documentos da Igreja Católica, o Instituto necessita envolver sempre mais os Leigos

---

[119] Irmãos das Escolas Cristãs, *Regra de 19*86. Cap. 1,3.

Colaboradores e Associados na sua missão educativa, para que possa efetivamente desincumbir-se da missão que a Igreja lhe confiou. Esse envolvimento e essa partilha da missão poderão trazer conseqüências profundas, sobretudo para a identidade dos Irmãos.

1ª parte: O Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs dos começos até hoje: visão histórica

No capítulo I, tratou-se dos começos do Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs. Para o este estudo, é importante a vivência da associação: os fatos e a metodologia, através dos quais La Salle envolveu os Irmãos no estabelecimento, consolidação e expansão de seu Instituto, e que os levaram a assumir plenamente a sua direção antes que ele falecesse.

Far-se-á, inicialmente, uma breve síntese da trajetória histórica do Instituto após a morte de seu fundador, La Salle, até os anos recentes, salientando-se, num segundo momento, o início da atuação dos Leigos para a realização da missão do Instituto e a ampliação de seu campo de ação.

O Instituto no Século XVIII

No século XVIII europeu produzem-se significativas mudanças econômicas, sociais e culturais. Enquanto o conjunto da Europa continua sendo de base agrária, a Inglaterra inicia a revolução industrial. Do ponto de vista social, persistem as Ordens, mas, no seio da Terceira verifica-se a crescente ascensão econômica, social e política da burguesia. No domínio das mentalidades, é o século “das luzes”, do iluminismo racionalista, que teve reflexos também fora da Europa, como, p.ex., na independência dos Estados Unidos da América.

Na França, o grande acontecimento foi a Revolução, que aboliu o que restava do regime feudal, suprimiu a realeza e deificou a razão. Napoleão Bonaparte, de regresso da exitosa campanha do Egito, e sob o amparo de suas vitórias militares, proclamou-se Imperador, realizou a reforma administrativa e procurou reconciliar os franceses com a Igreja Católica, com a qual firmou Concordata, em 1808.

Segundo Bédel (*Études lassalliennes*, nº 6), o Instituto Lassalista, neste cenário, passou por quatro períodos:

a) De *expansão* (entre 1724 e 1751). Iniciou com o reconhecimento jurídico e canônico, através das Cartas Reais e da Bula de Aprovação, datadas, respectivamente, de 1724 e 1725. Nesse período, houve notável expansão, especialmente no Sul da França. Foram abertas 64 comunidades religiosas e 70 escolas. Desse modo o Instituto contribuiu para a escolarização, a renovação cristã pós-tridentina e a implantação do Francês como idioma oficial.

A mesmo tempo enfrentou várias dificuldades: houve resistências internas à aceitação de aspectos da Bula de Aprovação, e a grande expansão levou à abertura de muitas comunidades de apenas dois membros, e à existência de diretores de escola sem o preparo necessário para sua função. De outra parte, a fidelidade do Instituto ao Papa gerou-lhe a oposição de parlamentares, juristas galicanos e jansenistas. Eminente personagem, nesse período, foi o Irmão Timóteo. Rigault (II, 316) o vê como o segundo fundador do Instituto.

b) De *estabilização* (1751-1777). Neste período, afirma-se a personalidade e a autonomia do Instituto frente à autoridade eclesiástica. Um caso paradigmático ocorreu em Ruão, onde a interpretação da bula de aprovação criou uma situação crítica, ante o intento do arcebispo de fazer-se superior eclesiástico e tutor do Instituto, inspecionar suas casas, exigir prestação de contas, e a autorizar Capítulos, além de atribuir-se poderes em relação aos votos. Canonistas consultados esclareceram que somente o Papa tinha tais poderes com relação aos Irmãos. Essa tensão terminou com a decisão do então Superior Geral, Irmão Florêncio (1767-1777), de transferir a casa-sede de Ruão para Paris.

Administrativamente, o fato mais relevante foi a divisão do Instituto na França em três Províncias, e a realização dos primeiros capítulos provinciais do Instituto.

c) *Consolidação* (1777-1790). O personagem de proa, neste tempo, foi o Irmão Agathon, superior por dois períodos (1777-1797). Ele privilegiou a formação espiritual e pedagógica dos Irmãos, valendo-se, para tanto, de circulares e de obras, como “As doze virtudes de um bom mestre”.

Os Irmãos mantêm-se próximos ao povo através da instrução gratuita. A gratuidade vale, inclusive, para os internatos, de tipo prevalentemente prático, para filhos de famílias em melhores condições econômicas, nos quais o que é pago são os serviços diferentes do ensino.

Aristocratas e filósofos, não raro, vêem mal os Irmãos e seu trabalho, por razões às vezes diversas: pelo fato de gozarem da proteção real; por promoverem a generalização do ensino entre a classe popular; por darem ensino religioso; por sua continuada fidelidade à fé católica e ao Papa. O Instituto sofreu com o advento da Revolução e suas decisões. Com a supressão do dízimo do clero, muitas escolas acabaram fechadas. Os noviços diminuíram. Irmãos deixaram de renovar votos ou se afastaram. Os que ficaram temiam a suspensão do Instituto.

d) *Destruição* (1790–1804). A “Ilustração” do século XVIII pouco afetara os Irmãos. Mas, quanto à Revolução, opuseram-se a ela, por seu caráter anticlerical. Quando ela impôs o

juramento de fidelidade, poucos o fizeram. E o Instituto foi supresso, em 1792, com os demais Institutos seculares. Em conseqüência, os Irmãos se dispersaram. Alguns se afastaram do Instituto. Outros continuaram fiéis, continuando, inclusive, a lecionar como professores particulares. Houve os que se expatriaram, e os que foram presos, pelo menos por algum tempo, como o Irmão Agathon, e mortos, como seu secretário, o Irmão Salomão.

A ascensão de Napoleão Bonaparte abriu novas possibilidades: A volta, em 1804, do Irmão Frumêncio, que Pio VI havia nomeado Vigário Geral na Itália, permitiu o reerguimento do Instituto, com o "resto" que sobreviveu à Revolução.

O Instituto no Século XIX

Este século, politicamente, desenvolve as sementes plantadas pelas revoluções americana e francesa. Implementa-se a democracia, com base na idéia da soberania do povo e com práticas como o sufrágio universal. Crescem o sentimento e os movimentos nacionalistas, com algumas nações buscando sua independência, outras unificando-se, e mais outras fazendo reivindicações de caráter nacionalista. As correntes que predominam e se digladiam são as dos liberais e conservadores. Na área econômica, impõe-se o liberalismo, com sua lei da oferta e da procura. Produz-se a revolução industrial, com a utilização do carvão mineral e da máquina a vapor. O trabalho passa a categoria de mercadoria. Produz-se emigração do campo e a concentração de operários nas cidades, em condições duras de trabalho. Isso, no terreno teórico, leva ao desenvolvimento de idéias socialistas, por um lado, e da doutrina social da Igreja Católica, por outro, tendo como representantes de proa, respectivamente, Marx e Engels (*Manifesto Comunista*) e Leão XIII (*Rerum Novarum*). No campo prático, isso produz, de uma parte, o sindicalismo, e de outra, intentos católicos como os Vicentinos e os Círculos Católicos. Os países beneficiados com a revolução industrial se lançam à conquista de colônias. E, em nível intercontinental, se estabelecem os primeiros tratados de livre comércio. Socialmente, nasce a classe média, situada entre a burguesia e o operariado. No mundo religioso, advoga-se a liberdade de escolha de cada indivíduo e a separação entre a Igreja e o Estado.

Nesse século, conforme Bédel, o Instituto passou por três fases: Restauração, progresso e desenvolvimento.

a) Na *restauração* produziu-se o restabelecimento oficial, a restauração interna e o renascimento das obras escolares. Ela ocorreu entre 1805 e 1830, sob Napoleão e a monarquia restaurada. Napoleão reestruturou o ensino público e responsabilizou por ele a Universidade

Imperial, da qual o Superior lassalista fazia parte: os Irmãos, oficialmente reconhecidos, voltaram ao ensino que lhes era habitual, o primário, que lhes foi particularmente entregue pelo Imperador, e para cuja reorganização contribuíram. Mas, a presença napoleônica na Itália criou ali dificuldades para os Irmãos que nela atuavam.

A unificação da Holanda e da Bélgica, pelo tratado de Viena, obrigou os Irmãos que estavam na Bélgica a voltarem à França. Ali, durante este período, o Instituto enfrentou principalmente dois problemas: o da habilitação (brevê) para o exercício do magistério e o do ensino mútuo. A certa altura, as autoridades quiseram exigir o brevê de cada Irmão individualmente, o que foi recusado pelos superiores. Por fim acordou-se que a autorização de ensinar era dada ao Instituto como um todo e que, para cada Irmão, o brevê seria substituído pela "obediência" dada pelo superior [120]. De outra parte, sistematizadores e difusores do modo simultâneo de ensino, em lugar do individual, em voga na época da fundação do Instituto, os Irmãos se opuseram ferrenhamente ao método chamado mútuo, importado da Inglaterra, quando as autoridades tentaram impô-lo.

Na restauração interna, os superiores e os capítulos se esforçaram para que os modos de apresentar-se, de viver e de ensinar dos Irmãos fossem iguais aos que vigoravam antes da Revolução. Tais esforços se viram dificultados por parte de Irmãos antigos, por hábitos de vida independente adquiridos durante a Revolução, e por parte de Irmãos jovens, marcados pelas idéias novas por ela difundidas.

O número de Irmãos passou a crescer, pelo retorno de antigos e o recrutamento de novos, formados em vários noviciados no país e fora dele (Itália, Bélgica). Com relação às obras escolares, os Irmãos reassumiram escolas em que trabalhavam antes da Revolução e assumiram novas, na França e fora dela (Córsega, Itália, Bélgica, Ilha da Reunião, Guiana Francesa). Na restauração da monarquia, abriram-se novas alternativas além da escola elementar: escolas de magistério, casas de correção, escolas para aprendizes, internatos.

Mas não sem dificuldades, a principal das quais a insuficiência de Irmãos, cujo número não crescia conforme o desejado, inclusive pelo desvio de potenciais candidatos para as

---

[120] Recebia o nome de "Obediência" o documento pelo qual o Irmão Superior transferia o Irmão de uma Comunidade a outra, e na indicava o trabalho a ser realizado pelo Irmão na Comunidade à qual era enviado.

numerosas novas congregações docentes nascidas na França. Houve, ainda, uma nova edição do “Guia das Escolas”, em 1811, e outra, em 1829, mas apenas com tímidas modificações.

b) Entre 1830 e 1850, na Europa foi o tempo de alternância entre a organização política contestada, via revolução, e restaurada, ou substituída por outra muito semelhante. Em 1830, na França, a monarquia legítima foi substituída pela “monarquia de julho”, mais liberal; a Bélgica se torna independente da Holanda; na Itália, as perturbações são reprimidas pela Áustria. Em 1848, na França, restabeleceu-se a República e, logo após, o Império. Em Roma, foi proclamada a República, que obrigou Pio IX a fugir. Mas as forças francesas ali o reinstalam, em 1850. A independência da Bélgica favoreceu o regresso e o progresso do Instituto. Na Itália, apesar da movimentação política, os Irmãos puderam trabalhar em relativa paz.

No Instituto como um todo, após a fase anterior, mais voltada para o passado, os anos de 1830 a 1850 foram caracterizados por diferentes tipos de evolução e progresso. Isso pela presença, no governo geral, de Irmãos da pós-revolução e por assembléias de representantes de Irmãos que tomavam em consideração novas exigências, especialmente no domínio do ensino. Esse progresso se expressou primeiramente em aumento numérico. Assim, as casas, em 1828, eram 228; em 1838, 322; em 1848, 540; e em 1850, 604. Os alunos, em 1828, eram 75.000; em 1838, 141.000; em 1848, 220.000; e em 1850, 249.000. Esse progresso se traduziu, ainda, em crescente expansão geográfica, ocorrida sobretudo no início do governo do Irmão Felipe (1838), quando se afirmou o caráter supra-nacional do Instituto, com a abertura de obras no Canadá, na Suíça, nos Estados Unidos, na Turquia, no Egito e na Alemanha.

Tal aumento e expansão exigiam e, efetivamente, levaram à adaptação dos organismos de governo: para ajudá-lo, no governo das várias regiões em que o Instituto se localizava, o Superior passou a ser auxiliado por um crescente número de Assistentes. Em 1830, são 4; em 1838, 6; e em 1844, 8. Em nível mais local, agrupamentos de casas próximas passavam a constituir Distritos (na França), ou Províncias (nos outros países), coordenados por Visitadores ou Provinciais, que os acompanhavam e alocam os Irmãos, excetuados os Diretores.

Esse progresso verificou-se especialmente no domínio do ensino. Questão espinhenta, no século XIX, foi a da liberdade de ensino. Com relação a ela, houve também alternância, com momentos em que governos controlavam mais rigidamente o sistema nacional de ensino, e outros em que instituições e a Igreja podiam estabelecer sua própria rede de escolas. Na França, foi a lei Guizot, de 1833, que reconheceu essa liberdade, o que permitiu aos Irmãos a

abertura de “escolas livres”, mas exigiu-lhes submeter-se a exames para terem reconhecida sua capacidade e receberem autorização para lecionar. Por essa mesma lei, o Estado organizou o ensino primário, fixando particularmente os programas deste. Os Irmãos vinham hesitando entre permanecer na tradição e introduzir o novo. A lei Guizot levou-os a fazer adaptações no “Guia das Escolas”, tarefa para a qual foi eleito um “comitê” próprio. Entre as modificações realizadas, estavam: a adoção de certos procedimentos do modo mútuo de ensino; a supressão do castigo físico; a ampliação de conteúdos e outros. Em 1850, nova lei, a de Falloux, organizou o ensino secundário, o que abriu aos Irmãos novas possibilidades além do ensino primário: cursos noturnos para adultos em cidades industriais; cursos para jovens aprendizes; cursos de comércio e de agricultura; classes especiais preparatórias para “Artes e Ofícios”; atuação em prisões ou orfanatos (também na Itália, Bélgica e Alemanha); além da continuidade do trabalho em pensionatos e em Escolas Normais, estas em número limitado na França, mas já existentes também na Itália e na Bélgica.

A necessidade de pessoal para atender ao crescente número de obras não facilitou a conveniente formação profissional dos Irmãos. O “comitê” encarregado de rever o “Guia” propôs medidas para tal melhora. Mas só algumas foram aprovadas. Existiam os Noviciados. Mas o acento destes era mais espiritual. Especialmente na França e Itália, houve vários estilos de Escola Normal que ajudaram na formação profissional de base dos Irmãos, mas cuja melhoria, no conjunto, foi restrita. E a primeira vez que se falaria em brevê superior foi em 1843, ano em que o Superior pediu à Academia de Paris para que dois Irmãos pudessem submeter-se a exames para obtê-los.

c) No período de 1850-1875, na França continua a alternância anterior no referente à organização política. Em 1852, há a volta ao regime de tipo monárquico, com Luís Napoleão Bonaparte passando de presidente a imperador. Com crescente oposição, e com a derrota na guerra franco-prussiana (1870), instala-se um governo provisório republicano. Em pouco tempo, porém, o poder passa novamente a partidários da restauração monárquica. Mas, em 1875 estabelece-se definitivamente a república. Também na Bélgica verificam-se alternâncias políticas. Na Itália e na Alemanha, realiza-se a unificação, em 1870. E nos Estados Unidos da América, o acontecimento mais importante é a Guerra da Secessão (1861–1865). Não só nessa época, mas ao longo do século XIX, há a crescente decadência do Império Otomano. O que favoreceu a emancipação de povos cristãos, especialmente na região balcânica.

Neste período, continuou o Superiorato do Irmão Felipe (iniciado em 1838 e concluído em 1874). A continuidade desse governo foi um dos fatores que contribuiu para que os 25 anos em questão (1850 a 1875) fossem uma espécie de época de ouro do Instituto, com um desenvolvimento ainda maior que o verificado na etapa anterior. Numericamente, os Irmãos passaram de 4.621 a 10.664; os noviços, de 517, a 1708; e as comunidades, de 604, a 1213. Cresceu também o número de obras criadas ou assumidas e de alunos atendidos. Geograficamente, foi ao longo desses anos que a obra lassalista se estabeleceu, temporária ou permanentemente, na Inglaterra, Malásia, Índia, Austrália, Birmânia, Ceilão, Indochina, Grécia, Romênia, Ilha Maurício, Ilhas Seychelles, Madagascar, Argélia e Tunísia. Esta instalação no sudeste asiático, nas ilhas do sudeste da áfrica e na África Francesa do Norte deu–se no contexto da expansão colonial européia e do movimento missionário daquele tempo. Ao mesmo tempo, em 1863, o Instituto chegou à América Latina, através da abertura de obra no Equador..

Na França, o desenvolvimento mais forte verificou–se no Segundo Império, em parte arrefecido pelos acontecimentos de 1870–1871. Também repercutiram negativamente na obra lassalista as alternâncias políticas na Bélgica e a unificação da Itália e da Alemanha, especialmente em função da *Kulturkampf* de Bismarck. Já no Canadá, os ventos foram favoráveis ao desenvolvimento, bem como nos Estados Unidos, onde houve dificuldades apenas em alguns lugares, devido à Guerra da Secessão.

A especialidade dos Irmãos, quase em toda parte, continua sendo o ensino primário. Mas eles seguem criando ou assumindo outros tipos de obras, especialmente centradas na classe popular. O Irmão Felipe revela particular apreço pelos meios populares e preocupação por sua educação, sentimentos que comunica aos Irmãos. Estes acompanham aprendizes sem primário ou recém saídos dele. Colocam-nos junto a um “mestre” (artesão) habilidoso, ou os recebem em aulas vespertinas ou em instituições de aprendizagem próprias, ensinando-lhes, conforme o caso, junto com a iniciação profissional, a leitura, a escrita, o catecismo e as orações, e preparando-os à primeira eucaristia. Cuidam, ainda, de orfanatos, na Prússia, Alemanha e Áustria e, depois, na França, nos Estados Unidos da América e no Piemonte. Inclusive, em alguns centros, atendem a surdo-mudos, para o que têm de aprender a linguagem dos sinais. Criam obra para limpadores de chaminé e das ruas de Paris, os quais instruem e ajudam a perseverar na fé. Reúnem adultos após os ofícios paroquiais para fazê-los passar utilmente o domingo à tarde, com oração, leitura, diálogos, palestras e preparo aos sacramentos antes das festas. São as “obras de São Francisco Xavier”, em cujos encontros também se faz coleta para

doentes e familiares falecidos. Os Irmãos dão ensino religioso em prisões. Atuam em “obra militar”, que reúne soldados para lazer, instrução e favorecimento da vida cristã. Na guerra franco-prussiana, Irmãos fazem o papel de padioleiros e enfermeiros. Mantêm internatos, para formar jovens cristãmente e livrá-los dos perigos que poderiam encontrar em outras escolas. Esses centros, em países de missão, também acolhem não-católicos. As obras têm predominantemente caráter prático: formam para a indústria e o comércio, em alguns casos para a floricultura e a horticultura. Na França, eles serviram de modelo para o Estado criar o “ensino especial”. Mas estão também atentos, também, à classe média. Para ela especialmente fazem funcionar colégios de ensino médio, em geral orientados ao trabalho, mas que, em países como a Inglaterra e os Estados Unidos da América, preparam aos estudos universitários. Preocupação nova, nesta fase da história do Instituto, é a de os Irmãos não limitarem seu zelo pelos alunos ao tempo em que estes freqüentam a escola, mas de acompanharem os egressos para afastá-los das más companhias e continuarem a sua formação. Por isso, criam “obras de perseverança”: aos domingos e em festas reúnem os ex-alunos para a celebração eucarística e a doutrina cristã. E, finalmente, trabalham em favor da formação dos professores leigos. Por exemplo, na Bélgica, em uma escola normal que dirigem, orientam retiros para eles. Em Madagascar, preparam professores para escolas que eles mesmos não podem assumir.

Esses aumentos e diversificações demandam esforço para manter a coesão do conjunto e a multiplicação das divisões administrativas, com o que os Distritos, que em 1852 eram 9, em 1872 passaram a 28, e as Províncias, no mesmo período, de 10 passaram a 18. No fomento e administração desse progresso, ajudaram muito os Assistentes e os Capítulos Gerais. Os Assistentes, em 1858 eram 9; em 1874, 11; e em 1875, 12. Em 1873 foi eleito o primeiro Assistente não francês. Braços direitos do Superior, os Assistentes, entre outras tarefas, respondiam às cartas que cada Irmão escrevia, de dois em dois meses, ao Superior. Quanto aos Capítulos, neste período, ocorreram sete. Deliberaram sobre aspectos da vida e atividades dos Irmãos, sua formação espiritual e pedagógica, e questões ligadas ao Instituto em crescimento, como o aumento das casas para formar novos Irmãos e, pelo menos uma vez (em 1873), a suspensão temporária da abertura de novas casas, decisão que, ao parecer, não sustou o ritmo em andamento. Alguns deles foram convocados para discernir sobre questões particularmente difíceis, como a da gratuidade do ensino para todos os alunos. Representantes do Estado, mais em certos momentos, menos em outros, consideravam a educação como um bem a ser pago. Isso criou tensões com os Irmãos que atuavam em escolas de municipalidades, e para os quais a

gratuidade devia continuar absoluta, como vinha sendo praticada desde o início do Instituto. Inicialmente, fincaram pé em sua posição. Examinaram a questão particularmente nos Capítulos de 1854, 1858, 1861 e 1864. Diante de ameaças, inclusive de supressão do Instituto, tiveram de ceder em vários lugares e cobrar dos pais pelo ensino oferecido. Em 1879, a Santa Sé, depois de repetidas derrogações, concedeu ao Instituto rescrito autorizando o ensino não exclusivamente gratuito.

A multiplicidade e variedade dos compromissos assumidos pelos Irmãos para atender o maior número possível de jovens, enfrentar o anticlericalismo em seu desígnio de laicizar o ensino, e continuar a formação dos alunos após o período escolar, tiveram repercussões nem sempre positivas. Significaram locais inadequados para salas de aula e muitos alunos na mesma sala; residências dos Irmãos sem as condições necessárias; Irmãos sobrecarregados de trabalho, sem tempo para equilibrar as ocupações profissionais com os exercícios espirituais e para cuidar de sua formação em geral; Irmãos mal-edificantes e Diretores sem o devido preparo e, conseqüentemente, Irmãos desistindo do Instituto.

Mas, no conjunto, o Irmão Felipe ajudou os Irmãos eficazmente a produzirem frutos de santidade, com sua presença em retiros que presidia, com circulares que lhes enviava e com obras que compôs ou fez compor. Auxiliou-os no cultivo do dinamismo apostólico excepcional expresso nos trabalhos realizados e nos avanços pedagógicos produzidos: adoção do sistema legal de pesos e medidas e de novo tipo de escrita; renovação de programas de estudos; atualização de enfoques educativos, como atenção maior à formação do julgamento que ao cultivo da memória; publicação de livros didáticos.

Alguns elementos de síntese: com relação ao seu tempo, os Irmãos do século XIX tiveram dificuldade para se situarem no mundo transformado do pós-Revolução Francesa. Numa visão atual, faltou-lhes a compreensão intelectual de sua época e a reflexão sobre o modo de responder aos apelos desta, para dar-lhes perspectivas mais amplas. Com relação, particularmente, à educação, souberam dar respostas concretas às necessidades educativas dos alunos, por permanecerem perto de suas vidas. No trabalho com eles, tinham fim apostólico, mas também a difusão do ensino era vista como fonte de progresso. Esse trabalho realizaram-no ou inseridos no sistema público ou com escolas “livres”. E, com ele, contribuíram à universalização e gratuidade do ensino, teses que seus detratores depois abraçaram, acrescentando-lhes, porém, a da laicidade.

O Instituto no Século XX

Entre 1875 e 1904

O Instituto entra no século XX num período de relativa paz no mundo, mas de crescente aversão na França (1875-1904). Ele chega à sua maturidade, na volta do século. Em 1880, celebrara o segundo centenário de sua fundação. Os anos de 1888 e 1900 correspondem aos da beatificação e canonização de La Salle. Geograficamente, ele chega a ser plenamente internacional e ecumênico: entre 1868 e 1905, faz-se presente em mais nove países europeus, quatro na Ásia, um na África, e dez na América.

Em seu governo: unifica-se a denominação das divisões administrativas, e todas passam a chamar-se Distritos. Cria-se o cargo de Visitador Geral, que visita as sedes dos Distritos e as casas de formação, para garantir a unidade. A figura do Visitador ganha novos contornos: deixa de ser também diretor de uma casa para ocupar-se apenas com seu Distrito. Mais próximo dos Irmãos, cresce em importância.

A vida religiosa e a formação dos Irmãos seguem preocupação importante: fixa-se mais o tempo e a regulamentação de cada etapa de formação. Entre estas se destacam a criação de noviciado missionário, em Paris, e a novidade de o Escolasticado desta cidade preparar para a universidade. Impulsionam-se os estudos religiosos, com exames anuais e a concessão de diploma para a conclusão dos cursos básico e superior. Introduzem-se retiros de 15 e 20 dias em preparação aos votos trienais e de 30 dias antes dos perpétuos. E, em 1887, inicia o Segundo Noviciado, com duração de três meses, para aprofundar a formação de Irmãos vindos de todo o mundo. Na área da vida religiosa, é de se notar que, nestes anos, baixou muito o número de Irmãos sem votos.

Em termos de educação, o Instituto ingressa nos tempos modernos e suas exigências; e as obras escolares chegam à sua maturidade. Passa-se, por exemplo, a dar atenção à psicologia aplicada à educação. Publicam-se obras pedagógicas e revista semanal ("Educação Cristã"). Continua prevalecendo o trabalho na escola primária e prossegue a variedade de outros tipos de obras já em andamento. Por exemplo, as de ensino comercial, como a Academia Comercial de Quebec, que celebrizou este ensino através do recurso do "escritório modelo". A essas modalidades, acrescentam-se outras: escolas de formação de marinheiros, academias militares, escolas de minas ou de artes (como as Escolas São Lucas, na Bélgica). As obras escolares lassalistas granjeiam prestígio por sua qualidade: em 1900, na Exposição Internacional de Paris,

elas arrebatam 4 grandes prêmios, 14 medalhas de ouro e 21 de prata. Nas escolas lassalistas, a formação cristã continua sendo ponto de honra. A atenção aos egressos segue viva. E os antigos alunos assumem suas responsabilidades de cristãos: a “Associação São José Bento Labre”, em 1887, cria o Sindicato dos Pequenos Empregados na Construção, origem da Federação Francesa (cristã) de Trabalhadores. Questão espinhenta foi a luta empreendida nos Estados Unidos da América, sobretudo por bispos, para conseguir que a Santa Sé autorizasse a introdução do latim no currículo escolar, coisa contrária à tradição lassaliana.

Na França, os inimigos do ensino católico primeiro opõem-se, como já visto, à gratuidade. Depois tentam, sem sucesso, impedir que os legados destinados às escolas “livres” cheguem a seus destinatários. Em 1886, decretam o ensino público neutro, isto é, laico. Em 1889, suprimem a isenção do serviço militar dos Irmãos. Em 1895, taxam fortemente as congregações religiosas. Em 1901, proíbem as congregações docentes não autorizadas a continuar ensinando. E em 1904, proíbem todo ensino congregacional. Os Irmãos eram 10.000. Espalharam-se pelo mundo. Destruído em seu berço, o Instituto se fez mais universal que nunca.

Entre 1904 e 1919

É o tempo que segue à supressão do Instituto na França e suas possessões, e em que ocorre a Primeira Guerra Mundial. Muitos Irmãos franceses vão a países longínquos, entre os quais o Brasil e Cuba, onde, em Havana, criam uma escola de catequistas. Outros se exilam em países fronteiriços, levando para aí noviços ou internos, ou abrindo obras educativas a serviço do país que os acolheu. Anciãos ficam em casas destinadas a eles pelo governo, mas sem poder lecionar. E outros seguem ensinando secularizados. Em alguns locais dependentes da França, puderam continuar sua ação. Por exemplo, na Cochinchina, porque suas escolas ali eram consideradas como pontos avançados da cultura francesa. Onde não podem atuar em obras próprias, atuam em escolas alheias, dão catequese extra-escolar, dão aulas particulares, dirigem atividades esportivas, integram círculos de estudos.

Do ponto de vista apostólico, no conjunto do Instituto, ganha novo impulso o preparo das crianças à primeira comunhão, permitida, por Pio X, a elas desde o uso da razão. O mesmo Pio X declara os Irmãos apóstolos do catecismo. Esse é tempo de forte movimento missionário: em Premiá de Mar, cria-se fundação para formar Irmãos para a América Latina. Irmãos Irlandeses, na cidade do Cabo, abrem obras que admitem tanto brancos quanto negros. Traduzem-se manuais didáticos do francês e superiores incentivam a produção de outros em

outras línguas. Sai o “Manual do Catequista”. Cria-se, em 1907, o “Boletim do Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs”, até hoje existente. E, num dos Capítulos, cria-se Associação de Mestres Cristãos. Incrementa-se o estudo de idiomas, incluídos os clássicos. Durante a guerra, houve obras lassalistas destruídas ou fechadas, na Turquia, Armênia, Albânia, Iugoslávia. O Irmão Superior, sentindo-se inseguro na Bélgica, foi para a Inglaterra e daí para a França. Irmãos franceses exilados regressaram para engajar-se no exército. Como a guerra ajudou a esquecer a lei anti-congregacional de 1904, outros voltaram para reabrir escolas.

Entre 1919 e 1939

Neste período entre as duas grandes guerras, no mundo tudo passa a acontecer em escala planetária, e no Instituto, já plenamente internacional, repercute qualquer acontecimento mais significativo em nível global. Nele, essa nova realidade universal se reflete, entre outras coisas, em forte movimento missionário. Estimulado decididamente por capítulos como o de 1928, a esse movimento aderem particularmente países como a França, a Bélgica, a Itália, a Espanha, a Irlanda, a Holanda, o Canadá e os Estados Unidos. Em muitos países e regiões, há progresso intenso: Estados Unidos, Canadá, América Latina (Venezuela, Bolívia, Peru, Santo Domingo, Costa Rica, Aruba), Egito, Palestina, Inglaterra.

Mas os movimentos políticos e as guerras causam grandes estragos: na Alemanha, a chegada do nazismo produz o fechamento de várias casas. A anexação da Áustria pela Alemanha trava o progresso lassalista ali em marcha. A grande guerra destrói o trabalho realizado pelo Instituto nos países centro-europeus. Na Espanha republicana, especialmente na guerra civil de 1936 a 1939, muitas casas são arrasadas ou transformadas em centros bélicos. Muitos Irmãos são aprisionados, condenados à prisão ou a trabalhos forçados, e 157 são executados. A guerra greco-turca acaba com a maioria das casas da Turquia. No México, em 1926, a “perseguição de Calles” proíbe o ensino nas escolas católicas. E na Colômbia, em 1930, a subida dos liberais ao poder significa a expulsão dos Irmãos dos colégios.

Internamente, os capítulos do tempo não promovem maiores mudanças. Uma significativa foi a de passar o Segundo Noviciado de três a nove meses. Na área da educação, incentivou-se a abertura a novas correntes pedagógicas, bem como os estudos profissionais e teológicos. Implantam-se confrarias para estimular alunos à vida cristã e despertar vocações. Inicia-se o trabalho com a Ação Católica. Há trabalho com voluntários e ex-alunos.

Oficialmente ainda não são aceitos leigos como professores, embora o Extremo Oriente e os países árabes já contem com eles. E entre as muitas atividades educativas estão, por exemplo, o atendimento aos filhos de presidiários, em Pompéia, e as obras ecumênicas que os Irmãos mantêm em lugares como o Líbano e o Distrito de Colombo.

No campo administrativo, é no tempo do Irmão Allais-Charles, eleito em 1923, que os superiores começam a visitar também outros Distritos além dos da França e da Itália. Em 1936, a casa sede é transferida para Roma. E é nesse tempo que, nos Distritos, se implementa a criação e funcionamento de conselhos auxiliares do Visitador.

Entre 1939 e 1966

Se, por um lado, entre 1939 e 1966, há extraordinário progresso científico, por outro, desenrola-se a Segunda Guerra Mundial (1939 – 1945). Ela ocasiona muitos estragos às obras lassalistas, faz com que a sede do Instituto se transfira para o Sul da França, que a casa geral, em Roma seja ocupada como hospital, e que surjam novos tipos de obra, como internatos para menores mutilados de guerra.

Após a guerra, cria-se a “cortina de ferro”, atrás da qual as escolas lassalistas desaparecem. Mudanças políticas exigem deslocamentos, como o da saída dos Irmãos de Cuba. Na África produz-se a independização de muitos países. Sem esquecer outras regiões, sobretudo o Oriente, é para a África que se volta mais intensamente o movimento missionário do Instituto. Em meio a todas essas vicissitudes, para o Instituto, esse foi tempo de apogeu: Em 31 de dezembro de 1965, contava com 16.800 Irmãos, 1.550 comunidades e 700.000 alunos.

Afora a criação do cargo de Vigário Geral, o Capítulo Geral de 1946, como que à margem da guerra e suas conseqüências, volta-se para questões internas, em geral hoje consideradas de somenos importância. O de 1956 preocupa-se com o serviço educativo aos pobres; rejeita a introdução do sacerdócio entre os Irmãos; faz uma revisão da Regra algo mais profunda que o de 1946; com relação à formação, insiste na fundação de um Instituto de Teologia ligado à Lateranense de Roma – o “Lassalianum”; e – grande mérito seu – decide o melhor estudo de La Salle, decisão da qual resultou, entre outros, a coleção dos “Cadernos Lassalianos”, da qual o primeiro volume saiu em 1959. Já antes disso, em 1950, Pio XII havia declarado São João Batista de La Salle patrono do Magistério. Em 1945, ocorreu a fundação, no México, das Irmãs Guadalupanas de La Salle. E em 1961, realizou-se pela primeira vez a reunião intercapitular de Visitadores.

Nestes anos, merece ser lembrada, dentro dos movimentos preparatórios ao Concílio Vaticano II, uma aproximação maior ao espírito e à prática da liturgia da Igreja Católica. Na relação com esta, a solicitação feita à Santa Sé para intervir junto a bispos desfavoráveis às vocações religiosas laicas. Ao interior do avanço da modernidade, a introdução paulatina de recursos como o rádio, o cinema, o automóvel, não sem resistências. No campo apostólico, o surgimento, em Turim, da "União dos Catequistas de Jesus Crucificado". E na área da educação: fatos como o crescimento da presença dos professores leigos, paralelo à contratação de mulheres para os serviços caseiros; a aceitação de meninas como alunas; e a pressão por abrir o serviço educativo para além da escola; continuação do impulso aos estudos superiores e às publicações, ponto em que é de destacar a criação do Instituto São Pio X, na Espanha; a criação de outras instituições, como Universidades, nos Estados Unidos da América, no México e na Colômbia, a Escola Normal São Tiago Apóstolo, na Guatemala, para a formação de professores e líderes comunitários indígenas, e a Fundação La Salle de Ciências Naturais, na Venezuela; e o trabalho de educação popular através da rádio, como na Bolívia e na Colômbia.

Entre 1966 e 2005

O período mais recente (1966 a 2005) seguiu o Concílio Vaticano II (1962-1965), o qual, entre outras coisas, abriu a Igreja ao mundo e pediu às congregações religiosas uma atualização, dentro da fidelidade às suas fontes. No Instituto, esta atualização foi definida e impulsionada pelo Capítulo Geral de 1966-67. Ele estimulou a uma fidelidade a La Salle mais dinâmica que literal; apelou à responsabilidade pessoal e à ação subsidiária, no coletivo; reafirmou definitivamente o caráter laical do Instituto; advogou mais pela unidade na diversidade do que pela secular uniformidade; incluindo estes e outros elementos, se autodefiniu, na Declaração sobre "O Irmão das Escolas Cristãs", na qual, além disso, afirmou ou reafirmou questões como as dimensões constitutivas da vocação do Irmão, a vivência integrada dessas dimensões, a valorização da comunidade e das relações mais humanas, a abertura a formas educativas diferentes da privilegiada que é a escola, a necessidade da mais decidida volta aos pobres, da qualificação do serviço educativo, da revisão das obras e do preparo dos Irmãos; e consubstanciou tudo isso na "Regra dos Irmãos das Escolas Cristãs", documento mais inspirador que normativo, vivido *ad experimentum* a partir de 1967 e aprovado em 1987.

Passou-se a um tempo de relativa anomia. Paralelamente aos que souberam passar a viver uma vida mais personalizada, houve religiosos que não souberam o que fazer com a li-

berdade que se lhes deu e Diretores que se sentiram desorientados em suas novas funções. Houve vacilações quanto aos conteúdos e formas de formação e multiplicidade de experimentos nesta área até se chegar outra vez a um equilíbrio relativo. Junto aos que souberam aderir à renovação profunda, houve os que se limitaram a mudanças superficiais (do nome, do vestuário...). O consumismo, hedonismo, secularismo minaram a não poucos Irmãos, e as saídas que se seguiram foram numerosas.

Além desse fato (o Vaticano II e suas conseqüências), vale apontar ainda, neste último período, que no relativo à vida religiosa houve uma experiência passageira de realizar "promessas" como forma alternativa aos votos. No domínio da educação, verificou-se um disparo na quantidade de educadores leigos nas escolas, uma vez que as obras não pararam de crescer e o número de Irmãos de diminuir (em 1981, eram 10.000; hoje são 6.000); realizaram-se várias experiências para incrementar a associação dos leigos à pedagogia e à espiritualidade lassalianas; a unidade pedagógica foi obstaculizada pela presença do Instituto em realidades muito diferentes e por ter que atender a legislações de ensino muito variadas; e, por toda parte, multiplicaram-se, ao interior das obras, os tipos de serviços educativos. Houve novidades, como a volta a Cuba e o renascimento na Europa Central. Distritos como os do Brasil continuam a tradição missionária indo a regiões mais necessitadas, como o Tocantins, o Norte e Nordeste, e a Moçambique. E seguem os sofrimentos para realizar a missão, em lugares onde há guerras e genocídios, como a Judéia e Palestina, a Eritréia e a Etiópia, Ruanda e Burundi; nacionalização de escolas, como na Birmânia; e perseguição, como no Vietnã, donde Irmãos se expatriaram, e outros permaneceram em condições heróicas. Em nível de organização e governo, cresceu a internacionalização do Instituto: junto ao francês, passou a admitir o espanhol e inglês como línguas oficiais e, depois de superiores franceses, houve dois norte-americanos, um espanhol e um latino-americano no comando geral. Além disso, o Superior deixou de ser vitalício. Houve variação no número e no tipo de Assistentes, os quais, aliás, foram substituídos por Conselheiros. O Instituto foi dividido em regiões, a partir da proximidade geográfica e/ou cultural. Ao lado dos Distritos, surgiram também delegações. E aumentou a participação das bases: a maioria dos delegados aos Capítulos Gerais passaram a ser eleitos. Estabeleceu-se a prática de capítulos regionais e distritais. E o Capítulo Geral de 1976 foi precedido por uma ampla consulta através de questionário a ser preenchido por cada Irmão.

2ª parte: Participação do Leigo na realização da missão do Instituto

2.1 Antes do Concílio Vaticano II (1679-1965)

Tendo como pano de fundo a História do Instituto nos séculos XVIII, XIX e XX, apontar-se-ão agora iniciativas na linha da formação dos mestres, ou da colaboração entre Irmãos e Leigos no exercício da missão educativa.

O levantamento feito aponta para dois aspectos: o trabalho desenvolvido em favor do aperfeiçoamento dos mestres, e a reação, nem sempre favorável, à crescente presença de mestres e mestras no corpo docente das escolas dos Irmãos. Aponta, ainda, para sinais que prenunciavam um novo rumo, depois claramente indicado pelo Concílio Vaticano II.

Inicialmente, chama a atenção a "teimosia" com que os Irmãos retomaram sua vida religiosa e apostólica após a Revolução Francesa de 1789, quando o Instituto foi praticamente extinto, após 1904, e, nos dias atuais, em alguns países da Europa Central há pouco libertos da dominação russa, ou em países ainda sob regime comunista (Cuba e Vietnã). Ou então, para serem fiéis à sua missão, apesar dos obstáculos criados pelos governos. Essa vontade decidida de recomeçar e de lutar pelo que acreditavam ser sua missão, encontrava sua fonte na inspiração fundacional de La Salle "movido a fundar uma Comunidade de homens que, iluminados por Deus e comungando no seu desígnio salvífico, associaram-se para responder às necessidades dos jovens pobres e afastados da salvação"[121].

Outro aspecto marcante se refere à forma de realizar este ministério. Bédel, em seu "Balanço Final", conclusivo do estudo do Século XIX (1804-1874), assim se expressa:

> O que impressiona é o dinamismo que animou os Irmãos e conduziu o Instituto do seu modesto recomeço [1804] a um desenvolvimento que se acelerou fortemente no tempo do Irmão Felipe, projetando-se para além dele. (...) [fruto], sobretudo, de seu senso de pertença ao Instituto e a um espírito de corpo que os levava a adotar sem problemas as soluções apontadas (...).O que realmente merece permanecer na memória do Instituto é que esse dinamismo (...) irrompeu nesses Irmãos que, (...), se esforçaram, sincera e fielmente, para viver sua consagração religiosa, mostrando-se apóstolos zelosos e bons educadores[122].

2.2 A formação e a colaboração dos Leigos na História do Instituto de 1679 a 1965.

Outro aspecto significativo é o que diz respeito à presença do Leigo e sua colaboração, ou não, na efetivação desse dinamismo. As datas limites propostas referem-se ao início da a-

---

[121] Irmãos das Escolas Cristãs, *Regra de 1986*, art. 47.

[122] Henry BÉDEL, *Initiation à l'Histoire de l'Institut des Frères des Écoles Chrétiennes* – XIX Siècle 1805-1875. Études Lasalliennes (EL 9), p. 203-204.

ção de La Salle junto aos mestres no início do que viriam a ser, depois, as Escolas Cristãs (1679) e o Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs, e ao encerramento do Concílio Vaticano II (1965), aberto por João XXIII em 1962, quando a Igreja Católica assumiu uma nova eclesiologia em relação aos leigos.

Aqui cabem duas leituras. Uma corresponde ao que se vivia no mundo ocidental. A outra, ao mundo oriental, nos países de missão, onde os Irmãos foram chamados a atuar. Enquanto no primeiro o trabalho nos centros escolares era realizado unicamente por Irmãos, no Oriente, onde os centros educativos estavam inseridos em países de minoria cristã e católica, os Irmãos, praticando um ecumenismo "lassaliano" – desde La Salle as escolas dos Irmãos estavam abertas a todos – além de receber alunos de diversas tradições religiosas[123], recorriam a professores leigos, nem sempre católicos, para realizarem seu ministério educativo.

Feitas essas observações voltar-se-á aos "Começos", como forma de tentar perceber a evolução da relação Irmãos e Leigos ao longo da História do Instituto.

Para iniciar seu trabalho, La Salle recorreu a mestres leigos, sem maior preparo para o magistério, e, com eles, abriu as primeiras escolas, em 1679. Quase todos eles o abandonarão, mas seus substitutos, melhor dispostos, no dizer de um dos primeiros biógrafos[124], possibilitar-lhe-ão iniciá-los no magistério e na vida comunitária. Com eles, ainda, La Salle irá realizar seu projeto das Escolas Cristãs, que supunha a renovação da escola, "para torná-la acessível aos pobres e propiciá-la a todos como sinal do Reino e meio de salvação"[125], e o preparo dos mestres para a realização desse objetivo. Dessa dupla ação de La Salle resultou o Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs, cuja origem é assim descrita pela Regra de 1986:

> Atento, pela ação de Deus, ao abandono humano e espiritual dos "filhos dos artesãos e dos pobres", São João Batista de La Salle consagrou-se à formação de professores inteiramente dedicados à instrução e à educação cristã. Reuniu-os em Comunidade e, com eles, fundou, depois, o Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs[126].

Graças ao seu trabalho, os mestres, aos poucos, assumirão como seu o projeto de La Salle e a ele se associarão para, "juntos e por associação", viverem como religiosos consagrados leigos, em comunidade o ministério apostólico da educação, especialmente a dos po-

---

[123] Saturnino GALLEGO, *Huellas Fecundas*, p. 233 e 246.
[124] F. E MAILLEFER , *Vida de São João Batista de La Salle*, p. 67-68.
[125] Irmãos das Escolas Cristãs, *Regra de 1986*, art. 3
[126] Ibid., art. 1.

bres[127], somente das cidades, conforme opção de La Salle. Para que os benefícios da Escola Cristã pudessem chegar aos pequenos povoados, La Salle organizou o Seminário para Mestres Rurais, com objetivos bem definidos, segundo se lê na "Memória sobre o Hábito", de 1690:

> 4. Aplicam-se também em formar mestres-escola para a campanha, em casa separada da comunidade, chamada seminário. Os que ali são formados permanecem somente alguns anos até estar completamente formados, tanto na piedade quanto no tocante a seu emprego[128].

Após o fim traumático do Seminário de São Dionísio (1708-1711) La Salle não tentou nova abertura. Mas a idéia fora lançada e, a seu tempo, frutificará e os Irmãos farão dela uma de suas formas de preparar Irmãos para o Magistério e professores para o ensino primário. Assim colaboravam para a escolarização dos países para onde se dirigiram.

É o que salienta Bédel ao tratar da "Diversidade de Atividades dos Irmãos", no tempo do Irmão Anacleto e nos primeiros anos do mandato do Irmão Felipe (1830 e 1838), por ele considerada como a época do "Progresso"[129]. Ao abordar as "Atividades relacionadas ao ensino habitual dos Irmãos", assim se refere às "Escolas Normais":

> Os progressos do ensino elementar exigiam o preparo dos mestres. As Escolas Normais respondiam a essa necessidade e, ao mesmo tempo, contribuíam para a evolução desse tipo de ensino. (...)" "A formação de mestres leigos fora considerada nos inícios do Instituto, mas através de breves realizações[130]

Este pioneirismo de La Salle aparece também em 1691. Diante da situação em que se encontrava, La Salle decidiu não aceitar novas obras e fazer o Instituto crescer por dentro. Para isso, alugou uma casa nos arrabaldes de Paris, transformou-a em lugar de retiros e de formação continuada para os Irmãos. Lá, após primeiro retiro, resolveu conservar consigo alguns jovens Irmãos para um período de aprofundamento na vida religiosa. Contudo, para que isso fosse possível, pois era época de aulas, La Salle recorreu a uma "fórmula insólita", no dizer de Gallego: escreveu a alguns dos últimos alunos do "Seminário para Mestres" e lhes indicou uma escola dos Irmãos, pedindo-lhes a atendessem até o Natal, o que os convidados aceitaram e fizeram, servindo-lhes os três meses, inclusive, como aperfeiçoamento no magistério[131].

Parece, porém, que essa idéia inovadora – Leigos atuando com os Irmãos, na escola dos Irmãos –, não despertou a atenção destes, na ocasião, como parte da herança pedagógica

---

[127] Irmãos das Escolas Cristãs, *Regra de 1986*, art. 10.
[128] J. B. BLAIN I, op. cit., p. 349-354.
[129] H. BÉDEL, EL 9, p. 79 a 139.
[130] Ibid., p. 129-130.
[131] J. B. BLAIN I, op. cit., p. 315; S. GALLEGO, op. cit., S. 1, p. 243.

de La Salle. Talvez ele próprio não tenha percebido o alcance e as possibilidades decorrentes dessa "fórmula insólita". Passar-se-á muito tempo antes que os Irmãos acolham professores leigos em suas escolas como colaboradores em sua tarefa educativa.

Bédel, após referir-se às experiências relativas à formação de mestres no início do Instituto, afirma que as Escolas Normais começaram na Alemanha e chegaram à França em 1810. E continua:

> No século XIX os Irmãos, por seu papel no ensino primário, pareciam destinados a assumir a preparação dos mestres-escolas. Em 1829 assumiram a direção de uma Escola Normal em Rião. (...). De 1834 a 1845, a escola recebe igualmente, de junho a agosto (...), mestres das escolas rurais que não tinham os benefícios da mesma formação que os alunos da Escola Normal[132].

Terá sido o primeiro "Curso Normal de Férias" ministrado pelos Irmãos? Eles dirigiram essa escola, pertencente ao Governo, até 1880, quando foram obrigados a deixá-la.

Na Bélgica, a iniciativa foi de outro tipo: numa Escola Normal confiada aos Irmãos, o Irmão Diretor, a partir de 1846, "organizou igualmente retiros para os mestres em exercício"[133]. Mais adiante[134] o autor volta a se referir a essa Escola, mas em outro contexto. Tanto na França quanto na Bélgica as autoridades passaram a dificultar a ação apostólica e educativa dos Irmãos em favor dos alunos e dos mestres. A razão era a "insistência dos Irmãos em manterem a gratuidade absoluta em suas escolas". Diante disso as autoridades exigiram o fim desses retiros para mestres nas Escolas Normais de Malonne e Carlsburgo.

Esses textos mostram que os Irmãos, em seu ministério educativo, se preocupavam, ao mesmo tempo, com o aperfeiçoamento profissional e com a formação dos mestres, mesmo das escolas públicas. De acordo, aliás, com a tradição pedagógica de La Salle.

Ao abordar a "Presença do Instituto pelo Mundo", o citado autor descreve inicialmente essa presença nos "Países Cristãos de Presença Recente". Sobre o trabalho dos Irmãos no Canadá chama a atenção algo novo: os Irmãos "aproveitam o sistema escolar em vigor para multiplicar as escolas". É que o sistema adotado pelas autoridades deixava "uma grande margem de iniciativa aos cidadãos", e confiava a administração das escolas a comissões escolares, cu-

---

[132] H. BÉDEL, op. cit., p. 130.
[133] Ibid., p. 131.
[134] Ibid., p. 164.

jos membros são eleitos[135]. Mas não se menciona como procederam os Irmãos. Caso eles tenham aplicado o sistema em suas escolas seria mais uma novidade nas escolas lassalistas.

A seguir, Bédel fala dos "Países Não Cristãos – Ilhas do Sudeste da África", onde estão as Ilhas Reunião, Maurício, Seychelles e Madagascar, nas quais os Irmãos então atuavam. A respeito da última oferece-se mais um exemplo de iniciativa pioneira, na linha do iniciado por La Salle, e motivada pela realidade local e pelas necessidades do Reino:

> Uma nova escola foi aberta em Tananarivo (...). Um Irmão nela assegura o funcionamento de um curso noturno para preparar mestres para as escolas que os Irmãos não podiam assumir pessoalmente, sobretudo após 1874, quando apenas dois Irmãos permaneceram na Ilha[136].

Por fim, o mesmo autor refere que, desde 1843, em Paris e outras cidades, "mestres capazes garantiam uma boa formação a esses jovens [aprendizes] e os Irmãos participavam organizando os cursos da noite para aprendizes (...)"[137].

Mas é em Gallego que encontramos maiores referências a essa relação educativa Irmãos e Leigos. Assim, em 1891, os Irmãos iniciam a publicação da revista mensal "Educação Cristã", "com a colaboração de pedagogos leigos"[138]. Adiante, em relação ao trabalho dos Irmãos na Irlanda, observa que em Waterford "realizaram a criação mais interessante, caso tenha sido realmente assim: uma [Escola] Normal ao mesmo tempo que Escolasticado para os Irmãos". Trata-se de algo realmente novo: Irmãos e Leigos preparando-se juntos para o magistério. Isso por volta de 1895. Realmente, uma idéia inovadora![139].

Outra forma de colaboração entre Irmãos e Leigos pode ser encontrada na criação, pelos Capítulos Gerais de 1905 e 1907, da Associação de Mestres Cristãos, "de excelentes resultados, sobretudo na Itália"[140]. Já em Cuba, aonde chegaram em 1905, os Irmãos logo construíram uma escola primária e um colégio. "Depois abriram uma Escola de Catequistas, para multiplicar o trabalho dos Irmãos"[141].

Mas, a partir de certo momento, parece ocorrer uma mudança de atitude no tocante à presença dos Leigos nas escolas dos Irmãos. Sob o título "Atividade Educativa", o autor sali-

---

[135] H. BÉDEL, op. cit., p. 179.
[136] Ibid., p. 188.
[137] Ibid., p. 196.
[138] S. GALLEGO, op. cit., p. 178.
[139] Ibid., p. 191.
[140] Ibid., p. 202.
[141] Ibid., p. 211.

enta que, nessa linha, os Capítulos Gerais de 1923, 1928 e 1946 desempenharam um papel importante, porque "ainda não era aceito que Leigos fizessem parte do corpo docente do colégio". A razão: "o temor da mundanização das comunidades". Para evitar esse perigo o Capítulo Geral de 1923 proibiu a abertura de novas obras até o Capítulo de 1928. Desse modo se poderia "atender melhor às obras, sem o "perigo" de ter que recorrer a Leigos". Gallego acredita que essa decisão estaria relacionada ao fato de as obras do Extremo Oriente, "abertas entre budistas, e as abertas em países árabes, contarem com professores Leigos, muitas vezes não católicos, embora sem problemas para a obra educativa". E também ajudaria a entender porque, ainda em 1928, o Capítulo se valeu do apelo missionário de Pio XI para incentivar "fortemente a ida de Irmãos às terras de missão distantes. As duas decisões se espelharam claramente nas estatísticas das Comunidades"[142].

Uma leitura mais atenta desse texto permite deduzir que, na Europa, a maneira de proceder do Instituto era diferente da do Extremo Oriente. Enquanto naquela "ainda não era aceito que Leigos fizessem parte do corpo docente", no Extremo Oriente "contavam com professores Leigos", mesmo que não fossem católicos. Algo compreensível por se tratar de escolas inseridas em regiões onde os católicos eram minoria em relação à confissão religiosa da maior parte da população e em relação aos cristãos.

Outra observação intrigante, e talvez demonstrativa do conceito que muitos Irmãos europeus tinham dos professores leigos, é: "pois temiam a mundanização das comunidades". Não deixa de ser estranho que Irmãos vejam nos professores Leigos a origem de problemas na vivência da vida religiosa, quando ela devia ser procurada no interior da própria comunidade. Por fim, fica a impressão de que a insistência da ida de Irmãos às missões do Extremo Oriente não era tanto para atender ao apelo missionário de Pio XI, mas uma forma de afastar os professores leigos, pelo menos os não-católicos, das escolas dos Irmãos. É o que parece significar a observação "As duas decisões se espelharam claramente nas estatísticas das Comunidades". Esse posicionamento em relação à presença de Leigos no corpo docente chegava ao Capítulo Geral e, através dele, à norma para o Instituto.

---

[142] S. GALLEGO, op. cit., p. 233. Parece interessante, ainda, a observação feita ao pé da página, após a referência aos músicos nos internatos. "Havia iniciado a aceitação de 'cozinheiros leigos'. Aonde os Irmãos podiam dedicar-se à escola, não se encontravam braços para os ofícios temporais. Por essa data [1923?] os leigos entram em nossas cozinhas e refeitórios. Porém nunca se admitia uma mulher".

Contudo, parece que, apesar do "reflexo" nas estatísticas das Comunidades, no Oriente as coisas continuaram a ser entendidas de modo um pouco diferente. Pelo menos é o que se pode deduzir do afirmado sobre o Distrito de Colombo, dentro das "Novidades no Índico e Pacífico", no período que antecede à 2ª Guerra Mundial:

> Suas obras escolares, inimitáveis no Ocidente, contavam com milhares de alunos de todas as religiões e com a ajuda de muitos professores leigos, também de diferentes religiões, mas respeitosos do cristianismo. (...) Cada vez mais esse professorado leigo é selecionado entre os melhores ex-alunos do próprio centro[143].

Para realidades diferentes, soluções diferentes, sem fugir da finalidade das obras educativas lassalistas. E o fato de os professores serem escolhidos, cada vez mais, entre os melhores ex-alunos, parece indicar a preocupação de contar com professores já possuidores do espírito que animava tais instituições. Os tempos são outros, mas a forma de proceder desses Irmãos do Extremo Oriente não deixa de chamar a atenção.

Após a Guerra de 1939 a 1945 a situação começou a se alterar de modo crescente, através da presença sempre maior de professores leigos nos centros escolares, como resultado da recuperação e ampliação dos centros danificados pela guerra e, também, "para suprir a diminuição dos Irmãos", ou então "para ministrar a Educação Física, tornada integrante do currículo"[144]. Depois será a vez dos leigos na cozinha e no refeitório. Mais adiante serão as leigas que se ocuparão desses afazeres[145]. Mas, então, a presença feminina também se fizera significativa no corpo docente.

A novidade da situação, pelo menos no ocidente, levou o Instituto a uma atitude ambígua em relação aos Leigos. Enquanto alguns apontam para a necessidade de abertura, outros pedem o fechamento à presença e à colaboração dos Leigos. Paralelamente, haverá fatos que se constituirão em apelos em favor da abertura.

Na linha do fechamento situa-se o Capítulo Geral de 1946, no qual os Capitulares assumiram dupla posição. A primeira diz respeito ao acontecido durante a guerra, quando muitas escolas se haviam obrigado a recorrer a professores, e mesmo professoras, para suprir a ausência de Irmãos. Algo, portanto, justificado e emergencial. Os Irmãos Capitulares assim o entenderam e aceitaram, ou "toleraram", essa presença. Como, porém, as escolas continuas-

---

[143] S. GALLEGO, op. cit., p. 246.
[144] Ibid., p. 261.
[145] "Na cozinha tornou-se corrente a presença feminina". Ibid., p. 261.

sem a contar com a colaboração de tais professores, os Irmãos Capitulares manifestaram-se contrários a essa continuidade e recomendaram uma "reorganização religiosa de nossas escolas", a eliminação urgente do elemento feminino e a redução progressiva do elemento civil. E, para facilitar a aplicação dessas providências, recomendaram aos Superiores que evitassem a abertura de qualquer escola que significasse o aumento de professores leigos.

Todavia, enquanto os Irmãos Capitulares propunham esse rumo para o Instituto, surgiram fatos, ou apelos em favor da abertura e da colaboração com os Leigos: em 1946, no México, as Irmãs Guadalupanas de La Salle, fundadas por um Irmão, recebiam a aprovação canônica e desenvolviam suas obras apostólicas em íntima união com o Instituto. Em 1948, em Turim (Itália), a União dos Catequistas de Jesus Crucificado e Maria Imaculada, iniciada por um Irmão, recebia a aprovação de Instituto Secular. Em Roma, em 1950, por ocasião do cinqüentenário da canonização de São João Batista de La Salle, Pio XII declarou o fundador do Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs "especial padroeiro junto de Deus de todos os professores que se dedicam à educação da infância e da adolescência"[146]. Desse modo, enquanto, de um lado, o Instituto parecia querer fechar-se sobre si, alheio aos sinais em favor da abertura, a Igreja Católica reforçava esses sinais e a apontava como o caminho a ser por ele seguido.

Muitos Irmãos entenderam a mensagem enviada pela Igreja Católica e se dispuseram a segui-la. Outros, porém, pareciam esperar pelo retorno a um passado sem volta. Essa ambigüidade pode ser encontrada entre os Irmãos Capitulares de 1956: enquanto alguns consideravam a presença dos Leigos como "um mal necessário", outros, a maioria, como "um fato providencial", contanto que os Irmãos soubessem associar-se "a cooperadores na obra da educação e não a mercenários".

Essa presença dos Leigos nos centros lassalianos crescerá cada vez mais. É o que deixa entender a afirmação: "A crescente aceitação dos professores leigos nos centros educativos"[147]. Esses professores deviam ser "integrados, preparados e promovidos"[148], segundo os Visitadores participantes da Reunião Intercapitular de 1981. Nela constataram, ainda, "a não compreensão e aproveitamento dos diversos graus de pertença, votados no Capítulo Geral de

---

[146] Henrique JUSTO, *La Salle Patrono do Magistério*, p.339.
[147] Ibid., p. 284.
[148] Ibid., p. 285.

1976”[149]. Por fim, uma observação parece indicar a situação da maioria dos centros educativos lassalistas no referente à relação Irmãos e Leigos. Segundo eles “Em grande número deles [centros lassalianos] há professores leigos e os Irmãos constituem clara minoria”[150].

Esses exemplos bastam para mostrar que, ao longo dos duzentos e cinqüenta anos da existência do Instituto, a preocupação pela formação dos mestres sempre esteve presente entre os Irmãos, embora nem sempre tenha recebido a devida atenção. Dependendo das realidades encontradas nos locais em que atuavam, souberam abrir-se mais ou menos à presença e à colaboração dos professores leigos. Se momentos houve em que essa presença não foi bem vista, hoje ela não apenas é aceita como é desejada, a ponto de, a partir do Capítulo Geral de 1966/1967, ter sido criada e desenvolvida uma doutrina sobre a participação dos Leigos nas Comunidades Educativas Lassalistas.

2.3 A Eclesiologia do Concílio Vaticano II

Antes do estudo da “Participação do Leigo na realização da missão apostólica do Instituto”, é oportuno tentar compreender a Eclesiologia proposta pelo Concílio Vaticano II (1962-1965). Este é o objetivo do que segue.

Este Concílio ofereceu à Igreja Católica uma oportunidade privilegiada para debruçar-se sobre si mesma e sobre o mundo. A última vez que tentara fazê-lo fora em 1870, no Concílio Vaticano I, interrompido pela entrada das tropas de Garibaldi em Roma, quando da Unificação da Itália. Até certo ponto, aquele Concílio acentuara o fechamento da Igreja Católica sobre si mesma e em relação a um mundo que enfrentaria grandes mudanças científicas e técnicas, duas grandes guerras, a aplicação da teoria marxista ao Império Russo, o lançamento de duas bombas atômicas sobre o Japão, e as primeiras viagens espaciais.

Ao encerrarem o Vaticano II, os Padres Conciliares haviam aprovado 16 documentos, resultantes da análise da Igreja Católica enquanto tal, de suas relações com as outras Igrejas e com o mundo, ou então de aspectos por ela tidos como muito importantes. Entre os documentos destacam-se a Constituição Dogmática *Lumen Gentium* e a Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*: enquanto o primeiro trata da Igreja Católica em si, o segundo estuda o seu papel no

---

[149] H. JUSTO, op. cit., p. 284.
[150] Ibid., p. 287.

mundo; um diz do conceito que a Igreja Católica faz de si mesma, o outro, do papel que ela está chamada a desempenhar no mundo.

Como tópicos centrais de *Lumen Gentium*[151] têm-se: o Magistério da Igreja; o Povo de Deus; a constituição hierárquica da Igreja e em especial o Episcopado; os Leigos; vocação universal à santidade na Igreja; os Religiosos; índole escatológica da Igreja peregrina e sua união com a Igreja celeste; a bem-aventurada Virgem Maria, Mãe de Deus, no Mistério de Cristo e da Igreja.

Já *Gaudium et Spes* obedece ao esquema seguinte[152]: I: A Igreja e a vocação do homem: a dignidade da pessoa humana; a comunidade humana; o sentido da atividade humana no mundo; a função da Igreja no mundo de hoje. II: Alguns problemas mais urgentes: a promoção da dignidade do matrimônio e da família; a conveniente promoção do progresso cultural; a vida econômico-social; a vida da comunidade política; a construção da paz e a promoção da comunidade dos povos.

Uma rápida análise desses esquemas permite deduzir que, depois de buscar sua identidade, a Igreja Católica se voltou para seu campo de ação: o mundo no qual está inserida. Vistos sob este prisma, percebe-se, também, que eles explicitam aspectos relativos aos integrantes do Povo de Deus: Bispos, Presbíteros, Leigos e Religiosos, ou aspectos tidos pela Igreja Católica como muito importantes: a Educação Cristã, os Meios de Comunicação Social e o Direito à Liberdade Religiosa. Ao mesmo tempo, consciente de que ela não é a única a anunciar o Reino, voltou-se para as Religiões Cristãs. Dessa atitude resultou o documento sobre o Ecumenismo, ao qual se une o documento relativo às Religiões Não-Cristãs. Por fim, outro texto explicita as relações da Igreja de Roma (Ocidental) com as Igrejas Católicas Orientais.

2.3.1 Igreja: Conceito

O conhecimento do esquema de *Lumen Gentium* pode servir de embasamento para o estudo da Igreja como "Mistério de Deus" e como "Povo de Deus". Ciente de que Cristo é "a luz dos Povos", o Concílio, "congregado no Espírito Santo", propõe-se "iluminar todos os homens com a claridade de Cristo que resplandece na face da Igreja"[153].

---

[151] Vaticano II, *Lumen Gentium* (LG), p. 683.
[152] Vaticano II, *Gaudium et Spes* (GS), p. 685.
[153] Vaticano II, *Lumen Gentium*, § 1, p. 21.

Após esta introdução, que indica a finalidade de *Lumen Gentium*, os Padres Conciliares partem para a conceituação da Igreja. Pelo menos, este parece ser o sentido da afirmação:

> E porque a Igreja é em Cristo como que o sacramento ou o sinal e instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o gênero humano, ela deseja oferecer a seus fiéis e a todo o mundo um ensinamento e sua missão universal[154]

Esta preocupação se justifica, pois:

> As presentes condições do mundo tornam mais urgente este dever da Igreja, a fim de que os homens, hoje mais intimamente unidos por vários vínculos sociais, técnicos e culturais, alcancem também total unidade em Cristo[155].

Contudo, o documento parece não apresentar uma definição propriamente dita sobre a Igreja, talvez pela dificuldade de nela incluir todos os elementos tidos como essenciais. Por isso os Padres Conciliares preferiram valer-se de imagens, pois seu conjunto poderá oferecer um conceito mais ou menos abrangente da Igreja. Mas, antes de fazê-lo, julgaram oportuno lembrar o plano divino da criação e da participação do ser humano na vida divina e de como Deus envia Jesus para salvar o ser humano e reconciliá-lo com Deus e, com ele, constituir para si o novo Povo de Deus: a Igreja.

> Assim estabeleceu congregar na santa Igreja os que crêem em Cristo. Desde a origem do mundo a Igreja foi prefigurada. Foi admiravelmente preparada na história do Povo de Israel e na antiga aliança. Foi fundada nos últimos tempos. Foi manifestada pela efusão do Espírito. E no fim dos tempos será gloriosamente consumada[156].

Muitas são as figuras a que recorre o texto conciliar para indicar uma ou mais facetas da Igreja e, em síntese, para conhecer-lhe a natureza íntima. Assim, a Igreja é: – Sacramento: "E porque a Igreja é em Cristo como que o sacramento ou o sinal e instrumento"[157]. – Comunidade dos fiéis que crêem em Cristo: "Assim estabeleceu congregar na Santa Igreja os que crêem em Cristo" [158]. – Reino de Deus: "Reino de Deus, já presente em mistério pelo poder de Deus"[159]. – Corpo de Cristo: "a unidade dos fiéis que constituem um só corpo em Cristo" [160]. – Redil, "do qual Cristo é a única e necessária porta", "o bom Pastor e o Príncipe dos pastores"[161]. A Igreja é, ainda, "a lavoura ou o campo de Deus"; a "construção de Deus", da qual

---

[154] Ibid., p. 21.
[155] Ibid., p. 21.
[156] Ibid., § 2, p. 22.
[157] Vaticano II, *Lumen Gentium*, § 1, p. 21.
[158] Ibid., § 2, p. 22.
[159] Ibid., § 3, p. 22.
[160] Ibid., p. 23.
[161] Ibid., § 6, p. 25.

Cristo é a pedra angular e fundamento, sobre o qual a Igreja "é construída pelos Apóstolos"; ou a "Jerusalém celeste e nossa mãe"; ou "a esposa imaculada do Cordeiro":

Outrossim, a Igreja é o "Corpo Místico de Cristo", ao qual todos são chamados a pertencer", "pelos sacramentos, de modo misterioso e real, são unidos a Cristo morto e ressuscitado", seja pelo Batismo, seja pela Eucaristia; por sermos membros de Cristo nos tornamos, "cada um, membros uns dos outros". Este Corpo possui diversidade de membros e funções e tem no Cristo sua cabeça e no Espírito Santo sua alma, que, "para a utilidade da Igreja, distribui seus vários dons segundo suas riquezas e as necessidades dos ministérios[162]. É também o Espírito Santo, "continuador da obra do Pai e do Filho", que santifica a Igreja, a leva ao conhecimento da verdade total, a unifica na comunhão e no ministério, a dirige através dos "diversos dons hierárquicos e carismáticos" e a "adorna com seus frutos" [163].

O fato de todos pertencerem ao Corpo de Cristo exige que todos aceitem ser "conformados" ou "configurados" com Ele. Por isso, após ter insistido nas imagens de "esposa" e "corpo de Cristo" e no amor de Cristo pela Igreja, afirma-se, como conclusão: "Cristo ama a Igreja como Sua Esposa". E porque a ama como esposa, a "enche com seus dons divinos, para que ela se desenvolva e chegue à completa plenitude de Deus"[164].

De outra parte, porém, a Igreja é uma realidade ao mesmo tempo visível e invisível:

> O único Mediador Cristo constitui e incessantemente sustenta aqui na terra Sua santa Igreja, comunidade de fé, esperança e caridade, como organismo visível pelo qual difunde a verdade e a graça a todos. (...) a assembléia visível e a comunidade espiritual, a Igreja terrestre e a Igreja enriquecida de bens celestes (...) formam uma só realidade complexa em que se funde o elemento humano e divino. (...) comparada ao mistério do Verbo encarnado (...), semelhantemente o organismo social da Igreja serve ao Espírito de Cristo que o vivifica para o aumento do Corpo. Esta é a única Igreja de Cristo, que no Símbolo confessamos una, santa, católica e apostólica[165].

Esta Igreja, com estas notas, não pode esquecer-se de que, "enquanto Cristo, santo, inocente e imaculado, não conheceu o pecado, mas veio para expiar os pecados do povo", ela,

> […] reunindo em seu próprio seio os pecadores, ao mesmo tempo santa e sempre na necessidade de purificar-se, busca sem cessar a penitência e a renovação. Entre as perseguições do

---

[162] Ibid., § 7, p. 27.
[163] Ibid., § 4, p. 23.
[164] Ibid., § 7, p. 29.
[165] Vaticano II, *Lumen Gentium*, § 8, p. 29-30.

> mundo e as consolações de Deus avança, peregrina, a Igreja anunciando a cruz e a morte do Senhor até que Ele venha[166].

2.3.2 Igreja: Povo de Deus

Após apresentar a Igreja como "Mistério de Deus", *Lumen Gentium* trata da Igreja como "Povo de Deus". É nele que se consubstancia a nova visão eclesiológica da Igreja Católica. Ela é "una, santa, católica e apostólica", "santa e pecadora", "esposa de Cristo", "corpo de Cristo", "construção" de Deus, "lavoura" do Pai, é, também, "redil" ou "grei" de Cristo, ou de Deus. Em outras palavras, "Povo de Deus". "Aprouve, contudo a Deus (...) constituí-los num Povo, que O conhecesse na verdade e santamente O servisse"[167].

Este "Povo de Deus", prefigurado por Israel, escolhido por Deus para ser seu povo, deve salvar-se também como povo. A escolha de Israel por Deus, sua revelação a ele e a santificação como povo da Antiga Aliança, foram preparação e figura do novo Povo de Deus em Cristo. Desse novo Povo de Deus fariam parte todas as pessoas "de boa vontade". Foi em Cristo que o Pai "instituiu esta nova aliança", reunindo judeus e gentios, para constituir para si, "uma linhagem escolhida, sacerdócio régio, nação santa, povo adquirido (...) que outrora não eram, mas agora são o Povo de Deus"[168]. Povo que

> […] tem por cabeça Cristo, por condição a dignidade e a liberdade dos filhos de Deus, em cujos corações habita o Espírito Santo, como num templo. Sua lei é o mandamento novo de amar como o próprio Cristo nos amou, Sua meta é o Reino[169].

É assumido por Cristo "como instrumento de redenção de todos e é enviado ao mundo inteiro como luz do mundo e sal da terra"[170]. É chamado "Igreja de Deus e Igreja de Cristo". Deus o convocou "a fim de que ela seja para todos e para cada um" sacramento visível de unidade. "Devendo estender-se a todas as regiões da terra, ela entra na história dos homens, enquanto simultaneamente transcende os tempos e os limites dos povos"[171]. Cristo, o Pontífice, fez do novo povo "um reino e sacerdotes para Deus". Sobre este sacerdócio do novo Israel afirma o documento:

> O sacerdócio comum dos fiéis e o sacerdócio ministerial ou hierárquico ordenam-se um ao outro, embora se diferenciem na essência e não apenas em grau. Pois ambos participam, cada

---

[166] Ibid., p. 28-29.
[167] Ibid., § 9, p. 31.
[168] Ibid., p. 32.
[169] Ibid., p. 32.
[170] Ibid., p. 32..
[171] Vaticano II, *Lumen Gentium*, § 9, p. 33.

> qual a seu modo, do único sacerdócio de Cristo. O sacerdócio ministerial, pelo poder sagrado de que goza, forma e rege o povo sacerdotal, realiza o sacrifício eucarístico na pessoa do Cristo e O oferece a Deus em nome de todo o povo. Os fiéis, no entanto, em virtude de seu sacerdócio régio, concorrem na oblação da Eucaristia e o exercem na recepção dos sacramentos, na oração e na ação de graças, pelo testemunho de uma vida santa, pela abnegação e pela caridade ativa[172].

Há dois tipos de sacerdócio: o comum e o ministerial, ambos provenientes do único sacerdócio de Cristo. Há um só povo sacerdotal: os fiéis e o clero. O exercício do sacerdócio comum acontece pela participação nos sacramentos: o Batismo, para ingressar no novo Povo de Deus e como reforço à fé; a Confirmação, que visa à difusão e à defesa da fé; a Eucaristia, para a construção da unidade do Povo de Deus; a Penitência, pela qual se reconciliam com Deus e com a Igreja; pela Unção dos Enfermos associam-se à Paixão e Morte de Cristo e contribuem para o bem do Povo de Deus; pela Ordem assumem a tarefa de apascentar o Povo de Deus, pela Palavra e pela Graça; o Matrimônio ordena-se à santificação mútua, faz dos pais os primeiros mestres da fé para os filhos, pela palavra e pelo exemplo, e favorece a vocação de seus filhos. Através do Matrimônio os esposos significam e participam do mistério da unidade e da fecundidade do amor entre Cristo e a Igreja.

Finalmente, como último aspecto deste tópico[173], os Padres Conciliares relembram que todos são chamados à santidade, cada um no seu estado. Mas o "Povo Santo de Deus participa também do múnus profético de Cristo, pela difusão de seu testemunho vivo, sobretudo através de uma vida de fé e de caridade"[174]. "É o Espírito Santo que santifica e conduz o Povo de Deus". Isso ele realiza através dos sacramentos e dos ministérios e dons."Simples" ou "eminentes" esses dons são "úteis às necessidades da Igreja", e são concedidos para a utilidade comum e os que governam a Igreja não devem extingui-los[175].

O item seguinte se refere à universalidade ou catolicidade do único Povo de Deus, para o qual todos são chamados a fazer parte. Se Deus Pai enviou seu Filho foi para que "Ele fosse Mestre, Rei e Sacerdote de todos, cabeça do novo e único povo dos Filhos de Deus[176]. E enviou o Espírito Santo, o "Espírito de Seu Filho, Senhor e Fonte da vida, que congrega toda a Igreja" , para ser princípio de unidade e de comunhão desse "novo e único povo", que se es-

---

[172] Ibid., § 10, p. 34.
[173] Ibid., § 11, p. 35.
[174] Ibid., § 12, p. 36.
[175] Vaticano II, *Lumen Gentium*, § 12, p. 37.
[176] Ibid., § 13, p. 38ss.

tende por toda a terra. No Espírito todos os povos e todos os fiéis dispersos pela terra estão em comunhão entre si. Dom de Deus "é este caráter de universalidade que condecora o Povo de Deus" e "em virtude desta catolicidade cada uma das partes traz seus próprios dons às demais partes e à toda a Igreja". Ao mesmo tempo, esta catolicidade "prefigura e promove a paz universal"[177].

2.3.3 O Mistério da Igreja-Comunhão

O conceito de Igreja-Comunhão é, segundo *Lumen Gentium*, "a idéia central e fundamental dos documentos do Concílio", o que faz da Eclesiologia do Concílio Vaticano II "uma Eclesiologia de Comunhão, baseada no serviço e na participação de todos os membros do Povo de Deus" [178].

Este conceito de comunhão tem por modelo, fonte e meta a Comunhão do Pai e do Filho e do Espírito Santo. É dessa Comunhão e, de modo especial, da comunhão dos cristãos com Cristo que brota a comunhão dos cristãos entre si,[179]. Esta comunhão é o próprio mistério da Igreja. Por ela "a Igreja universal aparece como um povo unido pela unidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo"[180]. Para entrar nessa unidade a porta é o Batismo, que é, também, o fundamento da comunhão da Igreja. Já a Eucaristia é a "fonte e o ápice da vida cristã"[181].

Se em *Lumen Gentium* os Padres Conciliares afirmaram que a Igreja, em Cristo, é como que o sacramento, ou seja, o sinal e o instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o gênero humano"[182], em *Christifideles Laici* João Paulo II afirma:

> A realidade da Igreja-comunhão é, pois, parte integrante, representa mesmo o conteúdo central do "mistério", ou seja, do plano divino da salvação da humanidade. Por isso a comunhão eclesial não pode ser adequadamente interpretada, se entendida como uma realidade simplesmente sociológica e psicológica[183].

Em *Christifideles Laici* (20) sublinha-se o aspecto "Uma Comunhão Orgânica: diversidade e complementaridade, isto porque a comunhão eclesial , como um comunhão "orgânica", é como um corpo "vivo e operante", que se caracteriza pela

---

[177] Ibid., p. 38ss.
[178] Vaticano II, *Lumen Gentium*, Cap. II e João Paulo II, *Christifideles Laici*, § 18-22
[179] João Paulo II, *Christifideles Laici*, § 18.
[180] Vaticano II, *Lumen Gentium*, § 4, p. 23.
[181] Ibid., § 11, p. 25
[182] Vaticano II, *Lumen Gentium*, § 6, p. 25.
[183] João Paulo II, *Christifideles Laici*, § 19.

> […] presença simultânea da diversidade e da complementaridade de vocações e condições de vida, dos ministérios, carismas e responsabilidades. Graças a essa diversidade e complementaridade, cada fiel leigo encontra-se em relação com o corpo e dá-lhe o seu próprio contributo[184].

O embasamento dessa comunhão orgânica do Corpo Místico de Cristo se encontra em São Paulo (I Cor 12). O Espírito Santo é sempre o "único e idêntico Espírito, o princípio dinâmico da variedade e da unicidade na e da Igreja". É este Espírito que "habita na Igreja e no coração dos fiéis". É Ele que conduz a Igreja à "verdade total", a enriquece, a guia, a rejuvenesce pela força do Evangelho, a renova continuamente e a leva à união perfeita com o seu Esposo. Juntos "o Espírito e a Esposa dizem ao Senhor Jesus: 'Vem!' cf. Ap. 22,17)[185].

É sob este prisma que devem ser vistos os ministérios e carismas que o Espírito concede à Igreja em vista da edificação do Corpo de Cristo e de sua missão salvífica no mundo.

2.3.4 Igreja: Missão

Como conclusão do capítulo I de *Lumen Gentium*, os Padres Conciliares se referem à índole missionária da Igreja. Assim como o Pai enviou seu Filho para que O revelasse aos homens, também Cristo enviou seus apóstolos para "anunciar a verdade salvadora" aos homens (Jo 20,21 e Mt 28,18-20). Este mandato os apóstolos passaram à Igreja, a qual, por sua vez, "continua incessantemente a enviar os pregadores até que as Igrejas nascentes sejam plenamente constituídas e continuem elas mesmas a evangelizar"[186].

O objeto deste anúncio é sempre o Evangelho, que deve ser proclamado no respeito às pessoas e sua cultura, de modo que o Evangelho as eleve e aperfeiçoe. De outra parte, este anúncio é dever de todo cristão, "para que a plenitude do mundo todo entre no grêmio do Povo de Deus, do Corpo do Senhor e do templo do Espírito Santo". Então, por Cristo, dar-se-á "toda honra e glória ao Criador e Pai de todas as coisas"[187].

Se em *Lumen Gentium* os Padres Conciliares trataram brevemente da "índole missionária da Igreja", o mesmo não acontece no Decreto *Ad Gentes*, cujo único tema é "A Atividade Missionária da Igreja", assim embasada: "Enviada por Deus às nações para ser o 'sacramento universal da salvação', esforça-se a Igreja por anunciar o Evangelho a todos os ho-

---

[184] Ibid., § 20.
[185] Vaticano II, *Lumen Gentium*, § 4, p. 23.
[186] Ibid., § 17, p. 43ss.
[187] Vaticano II, *Lumen Gentium*, §17, p. 43ss..

mens”[188]. Após um Proêmio, o documento aborda: “Os Princípios Doutrinais” (Cap. I); “A Obra Missionária como tal” (Cap. II); “As Igrejas Particulares” (Cap. III); “Os Missionários” (Cap. IV); “A Organização da Atividade Missionária” (Cap. V); “A Cooperação” (Cap. VI). Uma breve Conclusão encerra o Decreto.

Como decorrência da sua catolicidade e da ordem de seu fundador, Jesus Cristo, para que “seja por toda a terra anunciado e instaurado o Reino de Deus”, a ordem de Cristo continua plena de sentido nos tempos atuais, quando a Igreja “é chamada com mais instância a salvar e renovar toda criatura, para que tudo seja restaurado em Cristo, e n’Ele os homens constituam uma só família e um só povo de Deus”[189]. Para facilitar essa tarefa a Igreja aponta “os princípios da atividade missionária” e procura “reunir as forças de todos os fiéis” para que, por toda a parte, “difunda o Reino de Cristo e prepare os caminhos para a sua chegada”[190].

Passando aos “Princípios Doutrinais”, o documento alude, inicialmente, ao desígnio do Pai, “que criou tudo por amor e misericórdia e chamou gratuitamente a pessoa humana à “comunhão de sua vida e de sua glória” Dentro desse desígnio a Igreja, “que se origina da missão do Filho e da missão do Espírito Santo”, “é por sua natureza missionária”[191].

Contudo, o plano divino da salvação se realizou pela entrada do Filho “na história humana de modo novo e definitivo”, por sua Encarnação: “Com o fim de tornar os homens participantes da natureza divina o Filho de Deus fez-se verdadeiro homem”[192]. Como tal procurou realizar a missão recebida do Pai, que o enviou para “evangelizar os pobres, curar os contritos de coração, pregar aos cativos a libertação e aos cegos restituir a vista” (Lc 4,18). Ou, dito de outro modo: Veio o Filho do Homem procurar e salvar o que se perdera (Lc 19,10)[193].

Depois de “consumar a sua obra” (Jo 17,4), Cristo enviou o Espírito Santo “a fim de que interiormente operasse sua obra salutífera e propagasse a Igreja”. No dia de Pentecostes Ele “desceu sobre os discípulos, para permanecer eternamente com eles” e, para que, através de sua pregação, se iniciasse “a difusão do Evangelho entre as nações”[194]. Cabe à Igreja, “co-

---

[188] Vaticano II, *Ad Gentes*, § 1, p. 345.
[189] Ibid., p. 345.
[190] Ibid., p. 346.
[191] Ibid., § 2, p. 246.
[192] Vaticano II, *Ad Gentes*, § 3, p. 347.
[193] Ibid., p. 348.
[194] Ibid., § 4, p. 348.

mo sacramento de salvação" continuar a "propagar a fé e a salvação de Cristo", evangelizar os pobres e "trilhar a mesma senda de Cristo"[195].

2.3.5 Os Leigos: Conceito

Quem são os fiéis leigos? Tanto o Documento Conciliar *Lumen Gentium*[196] quanto a Exortação Apostólica *Christifideles Laici*[197] procuram responder a esta questão. Diz *Lumen Gentium*:

> Tudo o que acima foi dito acerca do Povo de Deus vale igualmente para leigos, religiosos e clérigos. Mas aos leigos, homens e mulheres, por motivo do estado e missão, destinam-se particularmente certas coisas cujos fundamentos devem ser examinados mais detidamente dadas as circunstâncias especiais de nosso tempo[198].

Após, acrescenta que os Pastores – Bispos e Sacerdotes – "sabem perfeitamente quanto os leigos contribuem para o bem de toda a Igreja", que "não foram instituídos por Cristo a fim de assumirem sozinhos toda a missão salvífica da Igreja no mundo"; antes devem proceder de tal forma que os leigos "cooperem unanimemente na obra comum". Só assim o Corpo de Cristo "realiza o seu crescimento em ordem à própria edificação na caridade"[199].

Christifideles Laici afirma a necessidade de "propor uma descrição positiva da vocação e da missão dos fiéis leigos", aprofundando a doutrina do Concílio Vaticano II à luz dos últimos documentos da Igreja e da "experiência da mesma vida da Igreja guiada pelo Espírito Santo"[200]; acrescenta que o Concílio "abriu-se a uma visão decididamente positiva (...) ao afirmar a plena pertença dos fiéis leigos à Igreja e ao seu mistério e à índole peculiar de sua vocação"; que é "específico dos leigos, por sua própria vocação, procurar o Reino de Deus, tratando das coisas temporais e ordenando-as segundo Deus"[201]. Em continuação, afirma:

> Por leigos – assim os descreve a Constituição Lumen Gentium – entendem-se aqui todos os cristãos que não são membros da sagrada Ordem ou do estado religioso reconhecido pela Igreja, isto é, os fiéis que, incorporados em Cristo pelo Batismo, constituídos em povo de Deus e tornados participantes, a seu modo, do múnus sacerdotal, profético e real de Cristo, exercem, pela parte que lhes toca, na Igreja e no mundo, a missão de todo o povo cristão[202].

---

[195] Ibid., § 5, p. 350.
[196] Vaticano II, *Lumen Gentium* – Constituição Dogmática sobre a Igreja...., cap. IV, § 30ss.
[197] João Paulo II, *Christifideles Laici* – Exortação Pós-Sinodal sobre a Vocação e a Missão dos Leigos na Igreja e no Mundo, § 9, p. 23.
[198] Vaticano II, *Lumen Gentium*, § 30, p. 64.
[199] Ibid., p. 65.
[200] João Paulo II, *Christifideles Laici*, § 9, p.23.
[201] Ibid., p.23.
[202] Vaticano II, *Lumen Gentium*, 31. ap. João Paulo II, *Christifideles Laici*, p. 24.

Anteriormente, porém, Pio XII afirmara:

> Os fiéis, e mais propriamente os leigos, encontram-se na linha mais avançada da vida da Igreja; para eles, a Igreja é o princípio vital da sociedade humana. Por isso, eles, e, sobretudo eles, devem ter uma consciência cada vez mais clara, não só de pertencerem à Igreja, mas de ser a Igreja, isto é, a comunidade dos fiéis sobre a terra sob a guia do Chefe comum, o Papa, e dos Bispos em comunhão com ele. Eles são a Igreja[203].

Desses leigos afirma-se, ainda, que:

> vivem no século, i. é, em todos e em cada um dos ofícios e trabalhos do mundo. Vivem nas condições ordinárias da vida familiar e social, pelas quais sua existência é como que tecida. Lá são chamados por Deus para que, exercendo seu próprio ofício guiados pelo espírito evangélico, a modo de fermento, de dentro, contribuam para a santificação do mundo. E assim manifestam Cristo aos outros, especialmente pelo testemunho de sua vida resplandecente em fé, esperança e caridade. A eles, portanto, cabe de maneira especial iluminar e ordenar de tal modo todas as coisas temporais, às quais estão inteiramente unidos, que elas continuamente se façam e cresçam segundo Cristo, para louvor do Criador e Redentor[204].

No tocante à dignidade dos leigos, enquanto membros do Povo de Deus, o Concílio lembra que "somos um só corpo em Cristo, e cada um de nós somos membros uns dos outros"; "não há, em Cristo e na Igreja, nenhuma desigualdade" em termos étnicos, de gênero e de condição social; que, embora na Igreja "nem todos seguem o mesmo caminho, todos, no entanto, são chamados à santidade e receberam a mesma fé"; que, mesmo havendo diferentes dons e ministérios, "reina, contudo, entre todos verdadeira igualdade quanto à dignidade e ação comum (...) na edificação do Corpo de Cristo". Por isso, os Pastores deveriam ter sempre presente que seu ministério é um serviço. É o que lembra Santo Agostinho, quando escreve:

> Atemoriza-me o que sou para vós; consola-me o que sou convosco. Pois para vós sou bispo; convosco sou cristão. Aquilo é um dever; isto uma graça. O primeiro é um perigo; o segundo, salvação[205].

2.3.6 Os Leigos: Missão

Antes de entrar neste aspecto o documento conciliar volta a insistir que os leigos integram o Povo de Deus e constituem um só corpo em Cristo; e que todos, como membros vivos, são chamados a dar seu contributo para a santificação e a expansão do Evangelho. E então afirma: "O apostolado dos leigos é participação na própria missão salvífica da Igreja", e decorre do Batismo e da Confirmação recebidos. Por este apostolado, que tem por alma a caridade, os leigos tornam a Igreja presente e sal da terra em lugares e circunstâncias em que só eles

---

[203] Pio XII, Discurso aos novos Cardeais (20 de fevereiro de 1946), ap. João Paulo II, *Christifideles Laici*, p. 24..
[204] Vaticano II, *Lumen Gentium*, § 31, p. 66.
[205] Vaticano II, *Lumen Gentium*, § 32, p. 67.

podem atuar. Isso faz com que o leigo seja, ao mesmo tempo, “testemunho e instrumento vivo da própria missão da Igreja”.

Para que tal aconteça, os leigos, como nos primeiros tempos da Igreja, são chamados a cooperar com a hierarquia, ou seja, com os Pastores. Será a forma deles de trabalhar “para que o plano divino da salvação atinja sempre mais a todos os homens de todos os tempos e de todos os lugares da terra”, e “consagram a Deus o próprio mundo”.

Os fiéis leigos participam do múnus profético de Cristo. Ele, quando entre nós, pelo testemunho de vida e “pela força da palavra”, proclamou o Reino do Pai. Hoje o Cristo continua a proclamá-lo pela hierarquia e pelos leigos. E, novamente, é dito que tal anúncio é feito “pelo testemunho e pela palavra”. Esta proclamação, pelo agir e pelo falar, deve fazer com que o Evangelho brilhe na vida cotidiana, familiar e social, e isso não apenas em momentos especiais. É, portanto, o testemunho de vida o grande púlpito do anúncio do Reino pelos fiéis leigos. Assim, “aproveitam o momento presente e esperam a glória futura” e lutam pela presença do Evangelho “nas estruturas da vida secular”.[206]

Alimentados pelos sacramentos, os leigos tornam-se anunciadores, sobretudo quando unem a vida de fé e a profissão da fé. Então o testemunho vivo e a palavra falada adquirem uma eficácia e características próprias, por “se realizarem nas condições comuns do século”.

A vida matrimonial e familiar goza de especial destaque nesse anúncio silencioso. Seja mutuamente, seja em relação aos filhos, é o lugar onde podem testemunhar sobremodo o amor de Cristo pela Igreja e pela pessoa. Assim procedendo eles questionam, pela vivência dos valores evangélicos, o mundo em que vivem e seus valores.

Outro campo para este anúncio são as tarefas temporais desempenhadas pelos fiéis leigos. É no exercício dessas tarefas que eles anunciam o Evangelho e ajudam à difusão do Reino, pois para isso se comprometeram pelo Batismo e pela Confirmação. Para tanto se requer uma formação adequada e um bom conhecimento da verdade, para poder dar testemunho da esperança, no dizer do Apóstolo Pedro (cf. 1 Pe 3,15).

Antes de abordar a participação dos leigos no múnus régio de Cristo, o documento conciliar retorna, mais uma vez, à corrente de envios havidos na história da salvação: o Pai

---

[206] Ibid., § 35, p. 70.

envia seu Filho Jesus e o Espírito Santo; Cristo envia os apóstolos para serem suas testemunhas até os confins da terra; os apóstolos, por sua vez, enviam outros continuadores. "Também através dos fiéis leigos o Senhor quer dilatar seu reino, reino de verdade e vida, reino de santidade e graça, reino de justiça, amor e paz"[207] . Para tanto, "os fiéis leigos devem reconhecer a natureza íntima de toda criatura, seu valor e sua ordenação ao louvor de Deus"[208], e colaborar para que no mundo reinem Cristo, a justiça e a caridade. Na realização desta sua tarefa os leigos, em muitos aspectos, têm "a principal responsabilidade". "Agindo dessa forma impregnam de valor moral a cultura e as obras humanas", o que faz com que "o campo do mundo seja, ao mesmo tempo, melhor preparado para a semente da palavra divina e se abram mais largamente as portas da Igreja, pelas quais entre no mundo a mensagem da paz"[209].

Quais seriam as formas, os campos em que a colaboração dos leigos é mais decisiva? Percorrendo as páginas do documento conciliar, encontram-se as seguintes: a) a competência nas disciplinas profanas; b) o aperfeiçoamento dos bens criados pelo trabalho, pela técnica e pela cultura; c) a melhor distribuição desses bens entre todos, de modo a conduzirem ao progresso universal "na liberdade humana e cristã"; d) a contribuição, através dessa colaboração no campo da atividade humana, para a difusão e o crescimento do Reino de Cristo; e) o empenho pelo saneamento do mundo e das instituições do pecado estrutural, segundo a justiça, para assim "impregnarem de vida moral a cultura e as obras humanas; o resultado será um mundo mais aberto a Deus e à mensagem de paz da Igreja"; f) o conhecimento de seus direitos e deveres, enquanto membros do Povo de Deus e como integrantes da sociedade humana, conduzindo-se, em qualquer situação temporal, pela consciência cristã. Esta distinção entre as coisas de Deus e as dos homens é ainda mais necessária no tempo atual: "a cidade terrena, a quem são confiados os cuidados temporais, se rege por princípios próprios"; e na vida do cristão estes aspectos devem comparecer de forma harmônica. Só assim a Igreja estará à altura dos tempos atuais e de suas exigências.

Encerrando esta parte, referente ao papel dos leigos na Igreja e na sociedade, os Padres Conciliares afirmam: "Com razão deve ser rejeitada aquela infausta doutrina que intenta cons-

---

[207] Vaticano II, *Lumen Gentium*, § 36, p. 72.
[208] Ibid., p. 72.
[209] Ibid., p. 72.

truir uma sociedade prescindindo totalmente da religião e ataca e destrói a liberdade religiosa dos cidadãos”[210].

O final do capítulo IV é dedicado às relações dos leigos com a hierarquia. Ali se encontra o seguinte: a) os leigos têm direito aos bens da Igreja, sobretudo os da palavra e dos sacramentos; b) os leigos têm, ainda, o direito de opinar para auxiliar a Igreja, através dos canais por ela previstos; c) a exemplo de Cristo devem obedecer aos Pastores e rezar por eles[211]. De sua parte, os Pastores devem: a) promover a dignidade e a responsabilidade dos leigos; b) ouvi-los, incumbi-los de tarefas e encorajá-los; c) deixar-lhes liberdade e raio de ação; d) reconhecer sua liberdade como cidadãos; e) considerar adequadamente as iniciativas, votos e desejos dos leigos. Então, este trabalho entrosado: a) produzirá muitos frutos; b) reforçará o senso de responsabilidade dos leigos; c) estimulará os leigos a ainda maior colaboração com os Pastores; d) ajudará os Pastores a tomarem decisões mais oportunas nas esferas espiritual e temporal. Resultado: melhor cumprimento da missão da Igreja “em prol da vida do mundo”.

Finalizando sua exposição sobre os Leigos, o documento volta a insistir em algumas idéias fundamentais: a) cada leigo deve ser testemunha de Cristo e sinal de Deus; b) todos e cada um dos leigos devem ser motivo de graça para o mundo; c) todo cristão deve ser para o mundo o que a alma é para o corpo.

Tal como mencionado acima, o documento *Christifideles Laici*, “Sobre Vocação e Missão dos Leigos na Igreja e no Mundo”, foi escrito por João Paulo II, como fecho do Sínodo dos Bispos sobre os Leigos. Na ocasião, assinalava o Papa que, com base na doutrina conciliar e nas experiências pessoais e comunitárias de toda a Igreja “os padres (sinodais), enriquecidos por sínodos precedentes, abordaram, de forma específica e ampla, o tema: ‘A vocação e a missão dos leigos na Igreja e no mundo’”[212].

Valendo-se de parábolas que têm por tema a vinha, o Papa procurou apresentar a nova visão do leigo à luz do Vaticano II. A partir do “Ide vós também para a minha vinha”, anota que a parábola “abre aos nossos olhos a imensa vinha do Senhor e a multidão de pessoas, homens e mulheres, que Ele chama e envia para trabalhar nela”[213]. No Concílio a Igreja Católica

---

[210] Vaticano II, *Lumen Gentium*,§ 36, p. 73.
[211] Ibid., § 37 e 38, p. 73ss.
[212] João Paulo II, *Christifideles Laici*, p. 7.
[213] Ibid., p. 5.

"ouvira de novo a voz do Senhor que a enviava ao mundo como 'sacramento universal de salvação"[214]. Contudo, esse chamado não se destinava apenas aos Pastores, aos sacerdotes, aos religiosos e religiosas. Ele se dirigia a todos os fiéis, porque "também eles são pessoalmente chamados pelo Senhor, de quem recebem uma missão para a Igreja e para o mundo"[215].

Depois de fazer sua uma afirmação de São Gregório Magno: "Considerai o vosso modo de viver, caríssimos irmãos, e vede se já sois trabalhadores do Senhor. Cada qual avalie o que faz e veja se trabalha na vinha do Senhor"[216], João Paulo II convida, com os Padres Sinodais a "todos os fiéis leigos, homens e mulheres, a trabalhar na vinha do Senhor", insta-os a que "respondam com decisão da vontade, ânimo generoso e disponibilidade de coração à voz de Cristo", pois é o próprio Senhor que os convida "a que se unam a Ele, e se associem a sua missão salvadora. É Ele quem de novo os envia a todas as cidades e lugares em que Ele há de chegar (cf. Lc 10,1)[217].

No Sínodo, os Padres contaram com a participação de leigos/as e puderam constatar sua grande participação na Igreja: o novo estilo de colaboração dos fiéis, leigos e não-leigos; "a participação ativa na liturgia, no anúncio da Palavra de Deus e na catequese"; as muitas tarefas por eles assumidas; o grande número de grupos, associações e movimentos leigos; a crescente presença da mulher na Igreja Católica e na sociedade. Isso levou o Papa a constatar a atualidade da doutrina do Concílio Vaticano II sobre "Os Leigos", doutrina capaz de iluminar e guiar as respostas que hoje devem dar-se aos novos problemas, tudo para que a maravilhosa teoria sobre o laicato possa converter-se numa práxis eclesial, especialmente nessa época em que novas situações, tanto eclesiais, como sociais, políticas e culturais reclamam hoje "(...) a ação dos fiéis leigos" [218]. Aliás, é este "mundo, com seus valores e problemas, as suas ânsias e esperanças, as suas conquistas e fracassos (...)", que é "o campo no qual os fiéis leigos são chamados a viver a sua missão" de ser "sal da terra e luz do mundo" (cf. Mt 5,13-14).

Após essas colocações, o documento passa a tratar da "grande diversidade de situações e problemáticas que existem no mundo de hoje, caracterizadas por uma aceleração crescente de mudança". Entre essas "linhas de tendência que emergem na sociedade atual" estão: a) o

---

[214] Ibid., p. 6.
[215] Ibid., p. 6.
[216] S. Gregório Magno, *Homilia In Evangelii.*, ap. João Paulo II, *Christifideles Laici*, p. 6.
[217] João Paulo II, *Christifideles Laici*, p. 7.
[218] João Paulo II, *Christifideles Laici*, p. 12.

secularismo e a necessidade religiosa; b) a pessoa: dignidade espezinhada e exaltada; c) a conflituosidade e a paz. É neste campo que está presente e operante a Igreja. Ela sabe que foi mandada por Cristo para ser "sinal e instrumento de salvação", e que, "neste anúncio e neste testemunho os fiéis leigos têm um lugar original e insubstituível", pois "é por meio deles que a Igreja de Cristo torna-se presente nos mais diversos setores do mundo, como sinal e fonte de esperança e de amor"[219].

Após essas sinalizações, *Christifideles Laici* aponta para a dignidade dos fiéis leigos, cuja existência "tem por finalidade levá-los a descobrir a radical novidade cristã que promana do Batismo", em virtude do qual se tornam filhos de Deus, constituem um só corpo com Cristo, são templos vivos e santos do Espírito Santo e participam do múnus sacerdotal, profético e real de Jesus Cristo[220].

Participam do múnus sacerdotal por

> […] todos os seus trabalhos, orações e empreendimentos apostólicos, a vida conjugal e familiar, o trabalho de cada dia, o descanso do espírito e do corpo e as próprias incomodidades da vida, suportadas com paciência, se tornam em outros tantos sacrifícios espirituais, agradáveis a Deus por Jesus Cristo (...) deste modo, os leigos, agindo em toda a parte santamente, como adoradores, consagram a Deus o próprio mundo[221].

Participam do múnus profético de Cristo pela aceitação do Evangelho e seu anúncio por obras e palavras, e fazendo-o brilhar na vida cotidiana, familiar e social, como já o afirmava o Concílio Vaticano II[222]. E, ao colocar-se a serviço do Reino e à sua difusão na história, os cristãos vivem a realeza cristã, para "servirem, na caridade e na justiça o próprio Jesus, presente em todos os seus irmãos, sobretudo nos mais pequenos"[223].

"Os fiéis leigos e a índole secular" é o título de um outro aspecto de *Christifideles Laici*, no qual se destaca que, em virtude do Batismo, "o fiel leigo é co-responsável, juntamente com os ministros ordenados e com os religiosos e religiosas, pela missão da Igreja", de acordo com a índole que lhe é própria: "A índole secular é própria e peculiar dos leigos". É nessa dimensão que são chamados por Deus, e são enviados a anunciarem o Evangelho, "pelo testemunho e pela palavra".

---

[219] Ibid., p. 19.
[220] Ibid., p. 25.
[221] João Paulo II, *Christifideles Laici*, p. 31.
[222] Ibid., p. 32.
[223] Ibid., p. 32.

Se em outros tempos os leigos possuíam um papel puramente passivo na Igreja Católica, sendo vistos como "o rebanho a ser apascentado, a ser instruído, a ser santificado", na eclesiologia do Vaticano II os leigos, por seu sacerdócio real, são chamados a "anunciar o Evangelho, a tornar-se intermediários entre Deus e a humanidade, a estender o Reino de Deus neste mundo". Cabe a eles, e não ao clero, buscar soluções concretas "para os problemas relativos à ordem temporal e à sociedade civil", por terem maior experiência dos problemas reais e competências específicas no âmbito secular. Essas"soluções concretas" os cristãos podem buscá-las de duas formas: ou "colaborando nos projetos e nos movimentos já existentes", de modo crítico e de acordo com os valores cristãos, ou assumindo a iniciativa em projetos e movimentos "que se inspirem na visão cristã do homem e da história". Eles têm o direito e o dever de assim procederem, pois conhecem o plano de Deus para a humanidade e contam com a graça de Deus para auxiliar na "cristificação do mundo e na instauração do Reino de Deus na história"[224]

2.4 Depois do Concílio Vaticano II (1966/1967-2005)

2.4.1 Recorrido histórico

A aproximação à eclesiologia do Concílio Vaticano II, oferece elementos que possibilitam ver como o Instituto procurou aplicá-la à sua vida, especialmente no que diz respeito à participação do Leigo na realização da missão que a Igreja lhe confiou. Para La Salle, segundo sua "Memória dos Começos", escrita a pedido dos Irmãos que desejavam conhecer melhor o início do Instituto ao qual se haviam associado, esta missão era obra de Deus. Fora Ele que o levara, "de modo imperceptível e em etapas sucessivas" a se ocupar das escolas, vistas como meio de salvação, para educar humana e cristãmente os filhos dos pobres[225].

Os Irmãos, seus continuadores, por muito tempo se consideraram os únicos responsáveis pela realização dessa missão, e dela procuraram desincumbir-se com um dinamismo admirável[226]. Daí porque, no início, a presença de professores leigos em suas escolas foi vista com reservas e, mesmo, como negativa[227]. Contudo, já no Capítulo Geral de 1956 muitos Irmãos Capitulares passaram a ver essa presença como "um fato providencial". O Concílio Va-

---

[224] B. MONDIN, *As novas eclesiologias*, p. 380-384.
[225] J. B. BLAIN I, op. cit., p. 168-169.
[226] H. BÉDEL, op. cit., p. 203.
[227] S. GALLEGO, op. cit., p. 233.

ticano II confirmou essa visão, pelo papel atribuído aos leigos na vida e missão da Igreja, animando, assim, os Irmãos a segui-la.

No Capítulo Geral de 1966/1967, a participação dos professores leigos nas escolas dos Irmãos assumiu outro enfoque. Na época já se falava em "comunidade escolar" e "comunidade educativa". Para os Irmãos Capitulares a riqueza dessas comunidades resultava da "diversidade e unidade de seus membros". Por essa razão:

> […] os Irmãos devem julgar-se felizes por colaborar com leigos, que trazem à comunidade educativa a contribuição de sua experiência familiar, cívica e sindical. Cuidarão para que os leigos possam ocupar seu lugar em toda a vida da escola: na catequese, nos movimentos apostólicos, nas atividades peri-escolares, até mesmo nas responsabilidades de administração e direção[228].

A História do Instituto no século XIX oferece algumas informações sobre o surgimento de diversas Congregações de Irmãos, inspiradas em São João Batista de La Salle, mas que, posteriormente, seguiram rumos próprios[229]. Já no século XX encontram-se Congregações ou Institutos Seculares fundados por Irmãos. Assim, em 1914, em Turim, a União dos Catequistas de Jesus Crucificado e de Maria Imaculada, reconhecida como Instituto Secular em 1948[230]. No México, a partir de 1944, a Congregação das Irmãs Guadalupanas de La Salle[231] . Em 1967, no Vietnã, a Congregação das Irmãs Lassalistas do Vietnã[232].

Na década de 70 dois fatos merecem destaque no tocante à participação dos Leigos na missão educativa dos Irmãos. Em 1976, o 40º Capítulo Geral assumiu um posicionamento mais decidido em favor dessa presença. Os Irmãos Capitulares, além de endossar os textos do Capítulo Geral de 1966/1967, e reconhecer a dedicação de muitos professores leigos, começaram a falar em partilha e formação do Leigo e em Família Lassalista, e previram vários níveis de pertença ao Instituto. Desse entendimento parece ser fruto a instituição *Signum Fidei*, resultado do desejo de um número crescente de leigos de se vincularem ao Instituto, tanto no

---

[228] Irmãos das Escolas Cristãs. *Declaração - O Irmão das Escolas Cristãs no Mundo de Hoje*, p. 46.

[229] H. BÉDEL, op. cit., p. 69-78.

[230] A União dos Catequistas de Jesus Crucificado e Maria Imaculada foi fundada pelo Irmão Teodoreto, com o apoio de Frei Leopoldo Muso, como "Obra de Perseverança e, ao mesmo tempo, forma de integrar os jovens na vida cultural, social e política. (Ap. *Boletim dos Irmãos das Escolas Cristãs*, nº 241, 1995 – Roma., p. 3ss)

[231] Foi seu fundador o Irmão Jean Fromental Cayroche, vindo da França ao México, "para colaborar com os Irmãos em sua missão educativa junto à juventude" (R 1). Ibid., p. 30ss.

[232] A iniciativa foi do Irmão Bernard Le-Van Tam, a partir de do desejo de um grupo de professoras de várias escolas dos Irmãos de Saigon, "de consagrar-se à vida religiosa seguindo a espiritualidade lassaliana". Os trâmites para o reconhecimento diocesano, iniciados e 1974, foram interrompidos pelos eventos de 1975, o que levou a vários grupos de Irmãs e formandas a se transferirem para a Califórnia, nos EUA. Ibid., p. 53ss.

trabalho, como no espírito. Os Irmãos Paulo Adams e Manuel Olivé procuraram dar forma a este desejo e, em 1975, estabeleceram a estrutura e os princípios básicos deste movimento de espiritualidade lassaliana, por eles denominado *Signum Fidei*. Em 1976, diante dos Irmãos Capitulares, onze integrantes do movimento se consagraram a Deus e assumiram um "compromisso em um projeto apostólico concreto", através do qual procuravam viver a Fé e o Zelo, segundo a espiritualidade lassaliana.

Na década de 80 houve novos fatos importantes relativos à Família Lassalista e à Missão Partilhada. Em 1981, os Irmãos Provinciais reunidos em Roma salientaram que "ante as possibilidades que nos oferece o grande número de leigos que trabalham conosco, resulta um dever urgente partilhar esta missão e essa espiritualidade. Um dever urgente porque é um dever da Igreja com os Leigos".

Em 1986, no 41º Capítulo Geral, os Irmãos Capitulares, ante "a força e a novidade da Família Lassaliana", passaram da expressão "Família Lassalista" à da "Missão Partilhada". Sua admiração pelo que estava acontecendo em relação à participação dos Leigos na missão do Instituto foi assim expressa:

> Maravilhados, pudemos ver como o espírito de São João Batista de La Salle é capaz de animar numerosos educadores cristãos, desejosos de viver seu compromisso educativo, inspirando-se na experiência e na doutrina do nosso fundador. Muitos deles desejam igualmente multiplicar a aprofundar seu relacionamento conosco (...). Este fato, cada dia mais universal, constitui para nós um chamado de Deus a converter nosso olhar e nossa maneira de assumir o ministério que a Igreja nos confia[233].

O resultado dessa integração em torno de um ministério comum ocasionou pelo menos uma mudança no modo de agir dos Irmãos: a mudança do modelo piramidal para o modelo circular. No primeiro, os Irmãos constituíam o topo da instituição escolar, enquanto professores, alunos, pais, ex-alunos formavam a base. No segundo, os Irmãos, como diz a Regra "participam da animação das instituições em que estão inseridos" (Cf. R 51a). Outra mudança foi a passagem da "Escola dos Irmãos" para a "Escola dos Lassalistas". Se, por muito tempo, os Irmãos se consideravam "donos de seu trabalho e de suas obras", agora estavam sendo convidados a considerar seu emprego como um ministério do qual, também, muitos leigos são chamados a participar. "Essa integração Irmãos-Leigos, em torno de um projeto comum",

---

[233] Irmãos das Escolas Cristãs, 41º Capítulo Geral – *Proposições e Mensagens*. Roma, 1986, p. 15.

possibilitará às Escolas dos Lassalistas serem melhores e prestarem à Igreja um melhor serviço de melhor qualidade[234].

Contudo, os Irmãos devem ter bem presente que eles continuam "sendo o tronco fundamental da experiência lassaliana", e que a nova situação exige deles o aprofundamento do carisma e espiritualidade para poderem "acompanhar, sustentar e educar numerosos grupos cristãos, sobretudo de educadores cristãos – que desejam inspirar-se em La Salle, para crescerem como homens e mulheres de fé, a serviço da Igreja, particularmente engajados no mundo da educação". Outrossim, devem estar dispostos a deixar-se "enriquecer pela experiência educativa e cristã dos leigos que nos acompanham no mesmo caminho, para que o espírito de nosso Fundador vivifique novas gerações de Irmãos, de jovens e de educadores cristãos"[235].

Na Regra, que então aprovaram em caráter definitivo, o artigo 17 se refere à "Missão Partilhada". Nele, de início, uma constatação: "Desde sua fundação, os Irmãos contribuíram para a promoção do laicato cristão, especialmente dos educadores que desejam viver sua função como ministério educativo". Por isso, agora devem passar além da formação dos leigos: "Associam de bom grado leigos à sua missão educativa. Aos que o desejam, oferecem os meios para conhecerem a fundador e viverem segundo o espírito dele". Porque, assim procedendo "Os Irmãos cooperam na formação de educadores cristãos" e contribuem para que se tornem mais competentes e mais comprometidos com a Igreja e o mundo da educação"[236].

Outrossim, os Irmãos não podem esquecer que integram uma comunidade educativa "na qual as tarefas e responsabilidades são partilhadas". Por isso, favorecem "a colaboração e o enriquecimento mútuo" de seus integrantes, ajudando a "cada um a desempenhar sua função específica"[237]. O que não basta, pois a eles se pedem três coisas: "transmitam o essencial da mensagem lassaliana a todos os membros da comunidade educativa", "proponham, aos que o desejam, a partilha mais intensa da espiritualidade e os estimulem a um engajamento apostólico mais definido" e, por fim, participem da criação de comunidades de fé que testemunhem a verdade do que anunciam[238].

João Paulo II, no "Discurso aos Irmãos Capitulares de 1986", assim se expressou:

---

[234] Ibid., p. 16.
[235] Ibid., p. 16.
[236] Irmãos das Escolas Cristãs. *Regra de 1986.* art. 17.
[237] Ibid., art. 17a, 17b.
[238] Ibid., art. 17c.

> Encorajo vivamente, em todas as escolas, a colaboração dos Irmãos com os Leigos que partilham o ideal lassalista. Necessitais da colaboração qualificada de homens e mulheres, que podem colaborar muitíssimo para a vitalidade de vossos centros. Que esta colaboração seja sem equívocos. Quero dizer que, no plano do compromisso dos membros leigos do corpo docente, os diretivos têm responsabilidades muito graves. O Projeto Educativo cristão deve ser assegurado por todos. Pode acontecer que a direção dos centros, com o respeito e a justiça exigidos nesses casos, se veja obrigada a propor a este ou a aquele professor que renuncie por si mesmo a um contrato que não pode assumir integralmente[239].

Por fim, em 1989, o Irmão Superior e o Conselho Geral endereçaram aos envolvidos no movimento lassalista, aos que se orientam pela espiritualidade de La Salle, mesmo sem vínculos formais com grupos ou movimentos lassalistas, a "Carta à Família Lassalista", conforme a Proposição nº 6 do 41º Capítulo Geral. Foi a primeira vez que o Centro do Instituto, enviou um documento importante a Irmãos e Leigos ao mesmo tempo[240].

Seu ponto de partida é que "O Instituto formado por São João Batista de La Salle não se limita mais apenas aos Irmãos"[241], pois hoje são muitos os que "se ligam à pedagogia e à espiritualidade lassalianas". Todos integram a "Família Lassalista", uma "nova fase do Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs"[242].

A Carta é dirigida "aos Irmãos e aos Leigos que, pelo mundo inteiro, trabalham nas Comunidades e Instituições Lassalistas ou estão com elas relacionadas"[243], pois, para ambos, "a referência vital comum" é La Salle. Os Irmãos porque são "os primeiros herdeiros da espiritualidade lassaliana". Os Leigos por participarem, de modo diverso, "da tradição educativa e espiritual de La Salle e contribuírem para sua vitalidade atual"[244]. O documento interpela profundamente Irmãos e Leigos e os desafia à criatividade e a deixar-se guiar pelo Espírito;

A seguir, aponta quem são os membros da "Família Lassalista":

> […] o conjunto das pessoas, dos grupos e movimentos surgidos da experiência, da pedagogia e da espiritualidade de São João Batista de La Salle (...) que procuram aprofundar e desenvolver sua identidade lassalista e testemunhá-la na sua vida[245].

---

[239] Ap. Hernando SEBÁ LOPEZ, in: *La Salle hoy somos nosotros*, p. 59.
[240] Irmãos das Escolas Cristãs. 41º Capítulo Geral – *Proposições e* Mensagens. p. 17.
[241] Irmãos das Escolas Cristãs, *Carta à Família Lassalista*, Roma, 1989, p. 5.
[242] Irmãos das Escolas Cristãs. *Carta à Família Lassalista*. Roma, 1989, p. 7.
[243] Ibid., p. 7.
[244] Ibid., p. 8.
[245] Ibid., p. 8.

Portanto, Educadores das Instituições Lassalistas, integrantes dos movimentos lassalistas fora da Instituição, ex-alunos, amigos e os que escolheram uma forma mais radical de inspiração lassalista, independentemente, inclusive, de religião, gênero e outros.

Encerram o primeiro item os "Objetivos desta Carta": a) reconhecer e reafirmar a atualidade do espírito de La Salle e sua capacidade de nos revivificar, de nos auxiliar na construção de um serviço educativo e evangelizador de qualidade para as novas gerações; b) encorajar as comunidades dos Irmãos a partilhar sua identidade com outras pessoas e a oferecer a riqueza da herança lassalista a todos aqueles que com eles desejam assumi-las sempre mais; c) ajudar aqueles e aquelas que participam de um grupo lassalista a crescer em identidade, em participação e em compromisso apostólico; d) convidar aqueles e aquelas que se interessam pela obra lassalista, nas instituições e fora delas, a conhecer melhor o espírito e o pensamento de São João Batista de La Salle e a associar-se aos grupos ou comunidades já existentes[246]

O 43º Capítulo Geral fecha a História do Instituto no século XX e a abre para o século XXI. Seu lema: "Associados para o serviço educativo a pobres como resposta lassalista aos desafios do século XXI". Completa-o a Circular nº 447, de 1º de outubro de 2000, com o subtítulo: "Associados para Responder aos Desafios do Século XXI" e "A Associação para o Serviço Educativo a Pobres".

Abre-a a constatação de que, hoje, "a realidade associativa", se impõe cada vez mais: "Percebe-se, um pouco em todo o mundo, o crescimento de organismos associativos, em torno de grandes entidades, (...) e particularmente daquelas que lutam a favor da Educação e dos Direitos das Crianças"[247].

Se essa é a realidade em nível humano, a preocupação da Igreja vai além, e sob outro prisma:

> De maneira muito especial, a Igreja está atenta aos cristãos que hoje se comprometem no serviço de seus irmãos e irmãs, e que querem fazer isso nos 'areópagos', onde anteriormente somente as congregações religiosas se faziam presentes[248]. A Igreja verifica esse novo dinamismo do Espírito, e o apóia plenamente[249]

---

[246] Ibid., p. 9.
[247] Irmãos das Escolas Cristãs, *Documentos do 43º Capítulo Geral*, Roma, 2000, p. 3.
[248] João Paulo II, *Vita Consecrata*. (Cf. 96 a 99).
[249] Irmãos das Escolas Cristãs, *Documentos do 43º Capítulo Geral*, p. 4.

Em ambos os casos, o ponto de partida é o desejo das pessoas de verem suas aspirações levadas em consideração, de se verem cada vez mais respeitadas e consideradas, de tomarem em suas próprias mãos seu destino, de serem agentes da História.

Como luz para todo esse esforço está o exemplo da Igreja:

> A Igreja, por sua vez, se está empenhando no desenvolvimento de uma concepção mais aberta do Reino de Deus, em que cada um toma consciência, para além e 'através de suas tradições, sua história, sua cultura, suas aspirações, que é filho ou filha de um mesmo Criador, que forma parte da mesma família e que é chamado, com os outros, a participar na construção do Reino de Deus, onde todos se reconhecem como irmãos e irmãs[250].

No caso do Instituto, que fazia da Escola dos Irmãos o seu "areópago", esta realidade associativa existiu desde os começos, muito embora os estudiosos da sua história apontem como momento culminante – fundacional – o acontecido no dia 6 de junho de 1694, quando João Batista de La Salle e doze Irmãos "se associaram para consagrar suas vidas à educação cristã dos meninos pobres"[251].

Embora se possa considerar esse fato como o coroamento de um processo iniciado em 1679, quando La Salle e os primeiros mestres abriram a primeira escola, precursora das Escolas Cristãs, o importante – e o texto o quer salientar – é a necessidade de a partilha da missão buscar níveis cada vez mais profundos e sólidos. Esta é a conclusão a que chega o breve histórico da "Realidade Associativa Lassalista":

> Ao mesmo tempo, mais ou menos em toda a parte, a formação oferecida foi despertando o desejo naqueles que não tencionam ser simples colaboradores, mas querem participar na herança espiritual do Instituto, e ter um lugar na missão lassalista, como Voluntários ou Associados[252].

O Capítulo Geral de 2000 passou a falar em Colaboradores e Associados. Os primeiros

> […] partilham efetivamente a missão lassalista em suas multíplices expressões educativas, catequéticas, profissionais, contribuindo assim para a efetivação dessa missão. Colaboram com convicção durante todo o tempo que estão conosco[253].

Já os Associados são Colaboradores que

> […] percorreram um longo caminho de participação na missão lassalista, e que se sentem chamados a aprofundar e participar no carisma, na espiritualidade e na comunhão lassalista.

---

[250] Ibid., p. 3-4.
[251] Ibid., p. 4.
[252] Irmãos das Escolas Cristãs. *Documentos do 43º Capítulo Geral*, p. 6.
[253] Ibid., p. 6.

> Em particular, suas vidas já são marcadas por certo número de características lassalistas de referência[254].

Após citar tais características, o texto aborda as "modalidades de associação", seja individualmente, seja com "Grupos Intencionais Lassalistas", e aponta os já existentes: Os Institutos das Irmãs Guadalupanas de La Salle, das Irmãs de La Salle do Vietnã, dos Catequistas de Jesus Crucificado e de Maria Imaculada, o *Signum Fidei* e a Ordem Terceira Lassalista, "que estão em relação orgânica com o Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs"[255]. A alusão aos "Grupos Intencionais que poderiam existir", como fruto de uma consciência cada vez maior dessa "Realidade Associativa Lassalista" encerram o texto.

2.4.2 Volta aos começos

a) *Um mundo diferente do de La Salle*

De 1679, quando La Salle iniciou sua ação com os primeiros mestres, até hoje, mais de 325 anos se passaram, com grandes mudanças em muitos aspectos. Mudou o mapa geográfico, com a descoberta de novas terras ou ampliação do conhecimento de outras, antes conhecidas apenas em parte. Mudou o mapa político, passando-se de alguns poucos países aos quase 200 hoje reconhecidos pela ONU. Mudaram os meios de transporte e de comunicação. Do mercantilismo e dos albores da revolução industrial chegou-se à globalização. Na medicina há sofisticadíssimos aparelhos de diagnóstico e fármacos muito poderosos. O universo conhecido de então estava muito distante da infinidade de galáxias espalhadas pela imensidão cósmica, reveladas pelos modernos telescópios. Enormes progressos envolveram as Ciências, as Letras e as Artes. A monarquia absoluta cedeu lugar à democracia e à república, o Iluminismo à antropologia. Charles Darwin, com sua Teoria da Evolução das Espécies, afastou a natureza de Deus e a entregou à pesquisa, à dominação e à destruição do homem. A forma de fazer as guerras e as armas de então deram lugar a uma tecnologia cada vez mais sofisticada e destruidora, mesmo sem a bomba atômica. A população do mundo, talvez de cerca de duzentos milhões de habitantes, hoje ultrapassa os seis bilhões e meio.

A própria Igreja, à qual La Salle serviu como Sacerdote, Cônego e fundador, permeava tudo. O ambiente de cristandade de então foi substituído pelo "*shopping center* religioso", em que cada um busca a solução para seus problemas humanos e religiosos e, de certa forma,

---

[254] Ibid., p. 7.
[255] Ibid., p. 7-9.

constrói um “deus de bolso” para si, segundo suas necessidades. Os valores permanentes foram, em grande parte, abandonados, substituídos pelos valores impostos pela mídia. E, se então era a Igreja Católica que respondia pela educação, hoje o Estado assumiu o ensino, que, no caso das escolas públicas, é gratuito, tal como o queria La Salle, e como o quis o Instituto através dos tempos. Os Irmãos acabaram perdendo a batalha pela gratuidade absoluta e, de certa forma, o direito de todos à escola gratuita[256].

Certamente houve outras mudanças, ou, segundo uma concepção positivista, outros progressos a citar. Contudo, num aspecto o mundo parece ter regredido em vez de progredir. O progresso não trouxe o desejado bem estar para todos, antes parece ter acelerado o crescimento da pobreza e da exclusão. Na época de La Salle os pobres eram confinados nos Hospitais Gerais. Hoje os pobres e excluídos se aglomeram, de modo geral, na periferia das grandes cidades, especialmente nos países do Terceiro Mundo.

b) As iniciativas de La Salle diante da pobreza. E hoje?

Na época de La Salle[257], as crianças pobres viviam entregues a si mesmas. Esta visão o impressionou de tal modo que, numa de suas Meditações[258] pede a seus mestres que considerem as crianças que têm por missão instruir, como órfãos pobres e abandonados, porque mesmo que “a maioria tenha um pai na terra, vivem como se não o tivessem”. Isso no tocante ao aspecto humano porque, no referente “à salvação da alma, encontram-se entregues a si mesmas”. Se, essa visão o levou à descoberta “da missão do Instituto” [259]., que diria hoje ante a situação enfrentada pela infância e pela juventude?

Na Regra de 1717 afirmou que o Instituto era de grandíssima necessidade, porque os pais, operários e pobres, não tinham instrução nem tempo para se ocuparem dos filhos, dada a necessidade de ganhar a vida para si e seus filhos. Estes, ordinariamente “abandonados a si mesmos e muito mal educados”, adquiriam maus hábitos, com efeitos desastrosos para o resto da vida. Daí a “importância e a necessidade das Escolas Cristãs”, para remediar esses males.

---

[256] H. BÉDEL, p. 170-179.
[257] Ver Cap. I, p. 16ss.
[258] La Salle, MD 37,3, p. 100.
[259] Irmãos das Escolas Cristãs. *Regra de 1986*, art. 11.

Essa mesma leitura se encontra nas "Meditações para os Dias de Retiro, destinadas a todos aqueles que se dedicam à educação da juventude[260] e particularmente os Irmãos das Escolas Cristãs nos dias de retiro que têm durante as férias", especialmente nas Meditações 193 e 194. Nelas alude à mesma realidade e aponta para dois aspectos que deveriam levar os retirantes, Irmãos e Educadores, a profundas reflexões e compromissos: a) Deus colocou no lugar dos pais e mães "pessoas bastante instruídas e zelosas" para educarem humana e cristãmente as crianças[261]; b) "Deus teve a bondade de remediar tão graves inconvenientes pelo estabelecimento das Escolas Cristãs" [262].

c) O que se nos pede, hoje

Essa descoberta revela que La Salle estava atento às necessidades do seu entorno. Hoje cabe ao Instituto por ele fundado

> […] estar atento, em primeiro lugar, às carências educativas dos pobres, que aspiram a tomar consciência de sua dignidade de homens e de filhos de Deus e procuram que esta lhes seja reconhecida[263].

Referindo-se a esse anseio dos pobres – que vai além da educação humana e cristã –, o Ir. John Johnston[264], a propósito do 50º aniversário da Declaração dos Direitos Humanos, lembra as palavras do Papa: "O reconhecimento da dignidade inerente a todos os membros da família humana e a seus direitos iguais e inalienáveis, constitui a base da liberdade, da justiça e da paz"[265]. E sua Mensagem para o Dia Mundial da Paz daquele ano, na qual João Paulo II sublinha essa atenção a ser dada às crianças:

> […] vítimas dos conflitos armados e de outros tipos de violência física e sexual, e àquelas que vivem nas ruas, são analfabetas, se tornam viciadas em drogas, se envolvem em atividades criminosas, são obrigadas a servir como soldados e são ensinadas a matar. (..) aquelas crianças que sofrem as conseqüências de lares infelizes, de pessoas doentes, de práticas prejudiciais à moral, e de casais separados[266].

A partir do que acima se deduz, o que se pede aos Irmãos e a seus Colaboradores é que estejam atentos à realidade em que vivem os que buscam a escola lassalista e, como La Salle,

---

[260] Chama a atenção que, ao redigir essas Meditações, La Salle já tivesse pensado em todos os que se dedicam à educação. De fato, são raras as vezes em que aparece a palavra "Irmão" nessas Meditações.
[261] La Salle, MR 193,2, p. 440.
[262] La Salle, MR 194,1, p. 442.
[263] Irmãos das Escolas Cristãs. *Regra de 1986*, art. 11.
[264] John JOHNSTON, *Carta Pastoral sobre A Defesa das Crianças, o Reino de Deus e a Missão Lassalista*, p. 9.
[265] John JOHNSON, op. cit., p. 9.
[266] João Paulo II, in: J. JOHNSTON, op. cit., p. 9-10.

se deixem impressionar por essa realidade e se disponham a, juntos, buscarem minorar seus efeitos sobre as crianças e jovens que a eles recorrem. É uma questão de justiça.

d) Eis a tarefa dos Irmãos

Quem primeiro deve estar atento a essas "carências" são os Irmãos, pois:

> Como religiosos consagrados, deveríamos ser sinais da amorosa compaixão de Deus. Nós chegaremos a isso se vivermos sinceramente nossa vocação, e assim 'tornamos visível a amorosa e salvadora presença de Cristo[267]. Por isso, assim como Jesus, temos que ser homens atentos, amorosos, compassivos, que se cheguem efetivamente aos necessitados, que defendam os direitos dos pobres e oprimidos, que 'ofereçam o seu testemunho, com ousadia do profeta([268].

É a essas crianças e adolescentes que os lassalistas têm de revelar Deus. É em primeiro lugar nos Irmãos que o jovem deve encontrar a presença do Deus que os ama. E eles revelam a seus discípulos esse Deus terno e misericordioso, quando possibilitam que Cristo torne "sua presença amorosa e salvadora uma realidade em nós", lembrados que Ele nos escolheu "para sermos seus representantes, seus embaixadores, seus ministros"[269].

O problema reside em que as pessoas anunciam a Deus e sua Boa-Nova não tanto pelo que dizem, mas, sobretudo, pelo que são, pelo testemunho que dão. "Como religiosos votados ao ministério da educação cristã, o primeiro apostolado do Irmão consiste no testemunho de sua vida consagrada"[270].

e) ... e dos Colaboradores Leigos

Mas isso vale para todos os que colaboram na realização da missão educativa dos Irmãos. É também neles que as crianças e adolescentes dêem encontrar a Deus. O importante é que elas e eles se sintam amados pelos professores e educadores, e não a disciplina que ministram ou os serviços que prestam, desde que dêem provas de que acreditam em Deus, e o amem como um Pai terno e misericordioso, e anseiem por compartilhar sua fé direta ou indiretamente com aqueles que foram confiados à sua solicitude e seus cuidados[271].

f) Por que os Irmãos não trabalham mais sozinhos

---

[267] João Paulo II, *Vita Consecrata*, p. 76.
[268] João Paulo II, *Vita Consecrata*, p. 85, in: J. JOHNSTON, op. cit., p. 7 e 8.
[269] J. JOHNSTON, op. cit., p. 12.
[270] Irmãos das Escolas Cristãs. *Regra de 1986*,, art 24.
[271] J. JOHNSTON, op. cit., p. 13.

A escola deixou de ser “Escola dos Irmãos”, para ser “Escola dos Lassalistas”, onde atuam Irmãos e Leigos Colaboradores e Associados. Juntos partilham a missão. Com eles devem ser ministros, embaixadores de Deus, de Jesus Cristo e da Igreja[272]. Com eles devem dar provas da presença amorosa, terna e misericordiosa de Deus e de Cristo junto àqueles com os quais trabalham.

Também eles, Irmãos e Colaboradores Leigos e Associados, precisam ficar impressionados com a situação da infância e da juventude de hoje. No exercício do ministério educativo ninguém está autorizado a proceder como o sacerdote e o levita da Parábola do Bom Samaritano, que viram o homem assaltado e seguiram viagem (Lc 10,25-37). Porque, como diz um dos personagens de Bernard Shaw: “o pior pecado contra as criaturas, nossas companheiras, não é odiá-las, mas ser indiferente a elas; esta é a essência da desumanidade”[273].

g) A situação que La Salle encontraria

Após essa citação, o Ir. John Johnston passa à enumeração das violações aos direitos das crianças hoje: – aborto: milhões por ano; – pobreza: entre 20 e 25% das crianças em alguns dos países mais ricos são pobres; – meninos e meninas de rua: algo como cento e cinqüenta milhões, entre três e dezoito anos, com pouco ou nenhum contato com os pais, escolas, instituições de assistência social, mal nutridas e doentes; – vítimas do abuso sexual, predominantemente meninas; – mortalidade infantil, decorrente da fome, das doenças, sobretudo da AIDS, da pobreza, da inanição; – deficientes físicas e mentais; – analfabetismo, em 1999 mais de um bilhão de pessoas, um sexto das quais crianças; – trabalho infantil, ao qual são obrigadas cerca de 25% das crianças entre cinco e catorze anos, i. é, cerca de duzentos e cinqüenta milhões de crianças; – envolvimento em conflitos armados, com milhares de mortes durante os combates, ou devido a minas ou, sobretudo, quando são obrigadas a pegarem em armas pelos rebeldes e forças de oposição;- violência juvenil, com muitos jovens vítimas de criminosos ou assumindo o papel de criminosos, – elevado índice de desemprego; – muitos dos programas televisivos que ocupam as crianças, por seu poder destruidor dos valores fundamentais para a pessoa humana; – negação da vivência da infância, que obriga as crianças a assumirem cedo as responsabilidades de adultos; – uso e tráfico de drogas, em que as crianças, além de vítimas, são obrigadas a trabalhar para os donos do tráfico; – as gangues, para as quais os ado-

---

[272] La Salle, MR 193,1, p 440; MR 195,2, p. 445; MR 201,2, p. 462.
[273] J. JOHNSTON, op. cit., p. 16.

lescentes e jovens devem pagar "proteção", muitas vezes com o próprio corpo; – a transformação das crianças e jovens em força de consumo; – o incentivo ao hedonismo.

Impressionados com essa situação, Irmãos, Colaboradores Leigos e Associados não podem esquecer que Deus colocou as Escolas Cristãs como remédio aos males que La Salle contemplava. "O fim deste Instituto é proporcionar educação cristã aos jovens, especialmente aos pobres, segundo o ministério que a Igreja nos confia"[274].

h) Embasamento teológico

O Concílio Vaticano II foi o acontecimento eclesial mais importante do século XX. Nele se proclamou um novo modelo de Igreja, a "Igreja-Comunhão", no qual se destaca a vocação, a identidade e o compromisso do Leigo na Igreja como nunca antes fora feito.

No Pós-Concílio, o Instituto foi percebendo, cada vez mais claramente, o decisivo papel dos Leigos em sua vida e missão. Se, no passado, os Irmãos eram os "donos de nosso trabalho e de nossas obras"[275], hoje torna-se cada vez mais evidente que o ministério do Irmão é partilhado com os Leigos. Eles contribuem, de forma importante, na vitalidade da missão eclesial dos Irmãos. Por isso, os Leigos deixaram de ser "auxiliares" para serem "participantes" de sua missão, quando salientada a mudança de sistema: do piramidal para o circular.

A expressão "Família Lassalista" teria sido empregada pela primeira vez pelo Irmão Charles Henry, Superior Geral, em 1975, quando afirmou:

> Vemos cada vez com maior claridade a importância e a necessidade de formar todos juntos – Irmãos, Antigos Alunos, pais e jovens – a Família Lassalista. União familiar querida que nasce de algo que também nos é muito querido, a Escola Cristã, plena de virtualidades e rica em possibilidades[276].

Por sua vez, o Irmão José Pablo Bastarrechea, na época Vigário Geral, também em 1975, falava em

> […] união vital com o Instituto dos Irmãos, porque participantes da mesma missão e de um mesmo amor inspirado por La Salle. União que não é confusão de carismas e de vocações diferentes; mas integração desses elementos vitais numa mesma missão totalizante, sentida e servida em comum[277].

---

[274] Irmãos das Escolas Cristãs, *Regra de 1986*, art. 3.
[275] Irmãos das Escolas Cristãs. Circular 422, *41º Capítulo Geral – Proposições e Mensagens,* p. 13.
[276] H. SEBÁ, op. cit., p. 62.
[277] Ibid., p. 62.

Nada mais natural, portanto, que o Capítulo Geral, de 1976, aprovasse uma proposição nesses termos:

> Os Irmãos partilharão a espiritualidade lassaliana e a animação de suas obras com todos os membros da Comunidade Educativa. Preocupar-se-ão com sua formação permanente e estarão atentos para lhes dar a conhecer os vários graus de pertença ao que vem se chamando "Família Lassalista"[278].

"Os Irmãos partilharão a espiritualidade lassaliana". É oportuno oferecer aqui alguns elementos que possibilitem o cumprimento dessa proposição capitular por parte dos Irmãos e do que se pede, como vivência, aos que com eles colaboram na realização da missão educativa. Para tanto, inicia-se recorrendo aos aportes de alguns autores sobre o que se entende por *espiritualidade*. Segundo Danilo Mondoni, a espiritualidade é o

> […] conjunto de princípios e práticas que caracterizam a vida de um grupo referido ao divino, ao transcendente; à vida no Espírito – o que se faz com aquilo em que se acredita; as diferentes maneiras pelas quais se experimenta a transcendência – o modo segundo o qual a vida é concebida e vivida[279].

O Irmão Pedro Maria Gil[280] afirma que espiritualidade "é o modo de viver a Missão", e que ela expressa "a consciência do encontro com Deus nas mediações que preenchem o dia-a-dia do religioso". O Irmão Saturnino Gallego, explicitando esses conceitos, mais gerais, apresenta alguns dos elementos da "Espiritualidade do Educador Cristão Conforme La Salle". Dentre eles destaca: a vivência do espírito de fé, como clave unificadora; a oração da presença de Deus, como meio essencial para avivar o espírito de fé, a visão de fé sobre a totalidade da vida, descoberta na oração, como elemento unificador, a visão de fé da atividade educativa como Teologia da Educação, ocasião em que menciona aspectos já abordados ao longo desse estudo, a saber: Deus toma a iniciativa da escola cristã, fim da escola cristã, Deus prepara e envia o mestre, o educador cristão instrumento de Deus[281].

Esses elementos possibilitam perceber a importância do papel dos Irmãos na formação dos que com eles compartilham a missão educativa e, por outro, o nível de vivência cristã pedido aos Colaboradores Lassalistas para serem efetivamente anunciadores da Boa-Nova do Evangelho pela Educação. Tornam, ainda, mais fácil compreender o anotado em um dos do-

---

[278] Irmãos das Escolas Cristas. Circular 403: *40º Capítulo Geral*, p. 78.
[279] Danilo MONDONI, *Teologia da Espiritualidade Cristã*, p. 18.
[280] Pedro Maria GIL, *Tres Siglos de Identidad Lasallana* – La relación misión-espiritualidad a lo largo de la Historia FSC. Études Lasalliennes 4 (EL 4), p. 20.
[281] S. GALLEGO, op. cit., v. 2, Escritos, p. 18 a 41.

cumentos preparatórios ao Capítulo Geral de 1986, sobre a importância do movimento dos Leigos na Igreja e no Instituto: "não se deve considerar esse movimento como uma ameaça ou como concorrência ao trabalho dos Irmãos, mas como uma graça de Deus, cuja importância histórica e significado é preciso saber captar: estamos diante de um sinal dos tempos"[282].

Talvez na época a "Família Lassalista" pudesse ser considerada como ponto de chegada dum processo que, na realidade, estava apenas iniciando. Era, sobretudo, o anúncio de uma nova visão da escola lassalista, na qual Irmãos e Leigos, junto, assumiam e se comprometiam no mesmo projeto educativo. Era a força e a novidade da Família Lassalista, que mereceu do Capítulo Geral de 1986 uma Mensagem e a recomendação, ao Irmão Superior Geral e seu Conselho, do envio de uma Carta, o que aconteceu em 1989.

O Superior Geral, Irmão John Johnston, em sua Carta Pastoral de 1º de janeiro de 1999 insiste em que uma escola ou obra lassalista deve ser "sinal do Reino", por sua orientação, por seu clima e pela qualidade do relacionamento nela existente. Assim como a Igreja é "sinal de salvação", os Irmãos e os Leigos, juntos, devem manter e criar escolas e centros que sejam "sinais do Reino e meios de salvação"[283]. Mas ser "sinais do Reino e meios de salvação" significa lutar para a libertação do mal em todas as suas formas, especialmente quando ele atinge as crianças, os jovens e os pobres. A situação deles, acima referida, é terrível. O carisma lassaliano convida a todos a ajudá-las a libertar-se dessa situação, a chegar a uma condição humana digna e a viverem como filhos de Deus.

Esse mesmo Irmão Superior, em sua Carta Pastoral de 1º de janeiro de 2000, partindo do que diz *Vita Consecrata* sobre a Comunhão e a Colaboração com os Leigos[284], relembra que esta comunhão e colaboração é fruto da doutrina da Igreja como comunhão. É esta comunhão que deve motivar seus vários membros a unirem forças, a colaborarem e permutarem seus dons, como forma de participarem mais eficazmente da missão eclesial e tornar mais eficientes as respostas aos desafios de nosso tempo.

Foi partindo dessa visão de Igreja-Comunhão que alguns Institutos, face às novas situações, se convenceram que "seu carisma pode ser partilhado com os Leigos", o que significa convidá-los a participar mais intensamente na espiritualidade e na missão do próprio Instituto.

---

[282] H. SEBÁ, op. cit., p. 63.
[283] Irmãos das Escolas Cristãs, *Regra de 1986*, art. 3.
[284] João Paulo II, *Vita Consecrata*, § 54.

Isso, além de tornar mais conhecidos seu carisma e espiritualidade, poderá ajudar os Leigos a viverem mais intensamente sua fé cristã.

De outra parte, a participação dos Leigos poderá ser altamente benéfica para os integrantes do Instituto no que se refere à vivência de seu carisma:

> Não raras vezes, a participação dos leigos traz inesperados e fecundos aprofundamentos de alguns aspectos do carisma, reavivando uma interpretação mais espiritual do mesmo e levando a tirar daí indicações para novos dinamismos apostólicos[285].

Uma expressão significativa da participação laical nas riquezas da vida consagrada acontece através dos "Leigos Voluntários e Associados". Esta participação depende do contexto cultural e, por ela, os Leigos partilham, por certo tempo, da vida comunitária e da específica consagração apostólica do Instituto, desde que a identidade de sua vida interna não sofra dano[286]. Aos Irmãos cabe cuidar da formação dos participantes, zelar para que tenham motivações sobrenaturais profundas e um forte sentido comunitário e eclesial nos seus projetos. As iniciativas deles devem responder aos fins do Instituto, que será sempre o último responsável.

Em síntese: há um carisma lassaliano e diferentes caminhos para vivê-lo. É o que afirma a Regra quando anota que

> […] o Instituto reconhece, na existência dos diversos movimentos lassalianos, uma graça de Deus, que lhe renova a própria vitalidade. Ele pode associar a si leigos que tendam à perfeição evangélica, segundo o espírito peculiar do Instituto, e que participam de sua missão. O Instituto lhes facilita a autonomia, cria com eles laços apropriados e avalia a autenticidade de seu caráter lassaliano[287].

Estas várias vias de viver o carisma lassaliano seriam, segundo o Irmão Superior:

> 1. Os Irmãos das Escolas Cristãs. 2. As Irmãs Religiosas Lassalistas (Guadalupanas e do Vietnã). 3. A União de Catequistas. 4. Os Cooperadores Lassalistas. 5. Os Associados Lassalistas. 6. Os Voluntários Lassalistas. 7. Os jovens Lassalistas. 8. Os Membros Afiliados e Benfeitores[288].

No tocante à "Associação", o Irmão Superior Álvaro Rodriguez[289] afirma que ela "é uma nova forma de viver nossa comunidade e nossa identidade". Para ele, "viver hoje em comunidade significa abrir-nos como em círculos concêntricos", em que o ponto de partida é a

---

[285] Ibid., § 55.
[286] Ibid., § 56.
[287] Irmãos das Escolas Cristãs, *Regra de 1986*, art. 146.
[288] J. JOHNSTON. Carta Pastoral *"O Desafio: Viver Hoje nossa História Fundacional*, p. 26.
[289] A. RODRIÍGUEZ ECHEVERRIA. Carta Pastoral *O Rosto do Irmão Hoje – A Centralidade de nosso Quarto Voto*, p. 31.

comunidade dos Irmãos, e os círculos são "as pessoas que partilham nossa missão e se esforçam conosco para que essa missão se realize". Para que tal comunidade exista requer-se "pessoas comprometidas no essencial". O que é fruto de uma preocupação e de um grande amor pelos outros, que vão além das normas e de si mesmas. Supõe, outrossim, um olhar na mesma direção:

> […] o serviço educativo e evangelizador dos jovens pobres e, partindo deles, de todos os jovens. É a partir desta finalidade que se devem construir as estruturas que garantam nossa associação e lhe dêem consistência[290].

Além disso, essa Associação deve ser vista como um momento de graça e de renovação, e não como algo que dilua a vocação do Irmão. O carisma "nasceu como um movimento, e dele fizemos uma instituição". Agora se necessita fazer dele uma oportunidade para renovar a vida comunitária e apostólica. É por isso que, nessa nova associação, a comunidade dos Irmãos desempenha um papel específico insubstituível:

> Os relacionamentos gratuitos, igualitários, serviçais, solidários, dos membros da comunidade, e desta mesma comunidade com outros serviços, são o melhor testemunho num mundo embocado nas relações comerciais, discriminatórias, utilitárias, insolidárias. A comunidade dos Irmãos deveria ser um laboratório de convivência justa e fraternal para os outros membros associados, para os jovens que educamos, para o entorno em que se situa e para toda a sociedade[291].

É dentro dessa linha de pensamento que o mesmo Irmão Superior, em sua Carta Pastoral de 2000, "O Rosto do Irmão Hoje – A Centralidade do nosso Quarto Voto" se refere ao Irmão como "Companheiro Espiritual". E, após lembrar, que, segundo uma autora, "a função da vida religiosa é manter viva a pergunta sobre Deus", o Superior cita uma passagem de *Vita Consecrata* que afirma:

> Em qualquer atividade ou ministério que estejam empenhadas, as pessoas consagradas lembrem-se de que hão de ser primariamente guias especializados de vida espiritual e, nesta perspectiva, cultivem o 'talento mais precioso: o espírito'. Os leigos, por sua vez, ofereçam às famílias religiosas a ajuda preciosa de sua secularidade e do seu serviço específico[292].

No caso da espiritualidade lassaliana é necessário ter presente que se trata de

> […] uma espiritualidade de encarnação, que unifica corpo e alma, profano e sagrado, escola e oração, libertação e contemplação, promoção humana e evangelização. É uma espiritualidade

---

[290] A. RODRÍGUEZ ECHEVERRIA, Carta Pastoral *Ser Irmão em Comunidade: Nossa Primeira Opção.,* p. 32.
[291] Ibid., p. 32-33.
[292] João Paulo II, *Vita Consecrata*, § 55.

> unificadora de um homem 'sempre atento às situações concretas de sua própria história, e sempre aberto ao projeto de Deus manifestado em sua palavra'[293].

Este projeto de Deus para nosso Instituto parece ser, neste momento, uma nova relação entre os Irmãos e os Colaboradores Leigos, baseada na Comunhão e na Participação. É como se expressa a Carta a Família Lassalista:

> Comunhão é, pois, a palavra-chave que deve presidir qualquer processo de integração e qualquer meta a alcançar entre pessoas e entre grupos na Igreja. Também a Família Lassalista se apresenta como um grande lugar de comunhão e participação onde se reúnem, na caridade de Cristo e sob o carisma de La Salle, todas aquelas pessoas, grupos e movimentos que surgiram da experiência, da pedagogia e da espiritualidade de São João Batista de La Salle[294].

Eis um grande desafio para os Irmãos: partilhar o carisma de La Salle, isto é, sua experiência, sua pedagogia e sua espiritualidade com os que colaboram com eles para uma maravilhosa ampliação do ministério lassalista. Ou, por outra, ajudá-los a partilhar do realismo místico que inspirou La Salle e que irrompeu de sua contemplação da realidade que o cercava e da ação salvadora de Deus.

Hoje, Irmãos e Colaboradores são convidados a contemplar a realidade que os cerca e os desafia, na qual prepondera um secularismo crescente, um relativismo cada vez mais dominador em todas as áreas do pensar e do agir da pessoa, um consumismo materialista, um hedonismo sedutor, ao lado de uma globalização sempre mais excludente, de um terrorismo e de guerras que deixam a humanidade intranqüila.

No tocante à vivência da fé, parecem vir a propósito as palavras do Papa Bento XVI aos cerca de 1.000.000 de jovens presentes ao encerramento da Jornada Mundial da Juventude, em Colônia, no dia 21 de agosto de 2005, quando afirmou:

> Em numerosas partes do mundo existe hoje um estranho esquecimento de Deus. Parece que tudo pode funcionar do mesmo modo sem Ele. Mas ao mesmo tempo existe também um sentimento de frustração, de insatisfação de tudo e de todos. Dá vontade de exclamar: Não é possível que a vida seja assim! Verdadeiramente não. E deste modo, junto ao esquecimento de Deus existe como que um "boom" do religioso. Não quero desacreditar tudo o que se situa neste contexto. Pode se dar também a alegria sincera do descobrimento. Mas, exagerando demasiado, a religião se converte quase em um produto de consumo. Escolhe-se aquilo que apraz, e alguns sabem também tirar proveito. Mas a religião buscada à "medida de cada um", a

---

[293] Irmãos das Escolas Cristãs. Circular 435 *42º Capítulo Geral*, p. 51, ap. Carta Pastoral *O Rosto do Irmão Hoje – A Centralidade do nosso Quarto Voto*, p. 19

[294] Irmãos das Escolas Cristãs. *Carta à Família Lassalista*, p. 6.

> granel, não nos ajuda. É cômodo, mas no momento de crises nos abandona à nossa sorte. Ajudai aos homens a descobrir a verdadeira estrela que indica o caminho: Jesus Cristo[295].

Essas palavras do Papa estão dentro do modo de pensar de La Salle e, a partir delas, os Irmãos são instados a redobrarem em fé e zelo para ajudarem a seus discípulos a serem "pedras vivas" da Igreja, arquitetos e construtores da Igreja e do Reino[296]. Possivelmente esteja aqui o grande desafio para todos os que exercem o ministério educativo nas Escolas Lassalistas: Qual o nível de colaboração, e como deverá ser a relação entre Irmãos e Leigos para anunciarem a Boa Nova do Evangelho no ambiente descrito pelo Papa Bento XVI?

Trata-se de um ambiente que pede a todo lassalista, Irmão ou Leigo, estar muito atento, contemplar a realidade vivida pelos jovens, as maiores vítimas, por sua fragilidade, de tantos problemas. Pede, ainda, a construção de um Projeto Educativo Lassalista que privilegie os valores fundamentais da pessoa, como o direito à vida, à liberdade, a vivência da fé e outros. Pede, mais, a irradiação social da vida do Irmão e dos Colaboradores, a exemplo do que aconteceu com La Salle: sua contemplação o levou a preparar os mestres e estabelecer as escolas cristãs acessíveis aos pobres. Os Lassalistas, hoje, seguindo seu exemplo, esforçam-se por atuar preferencialmente em favor dos pobres e promover a justiça[297]. Pede, outrossim, que a escola lassalista seja uma escola em pastoral, com vistas à criação de comunidades de fé[298] nas comunidades educativas. Isso atendido, certamente a Escola Lassalista será uma escola cristã, anunciadora da Boa Nova do Evangelho pela Educação, realizando, assim, a missão que a Igreja lhe confiou.

Tudo isso acontecerá quando Irmãos e Leigos assumirem em conjunto a formação para a realização conjunta dessa missão, segundo o proposto pelo 42º Capítulo Geral[299], formação essa que deve ser vista como uma das grandes prioridades em nível local, definindo, cada comunidade, claramente, seu papel, sendo receptiva e aberta à partilha dos meios para a formação humana e cristã, através da educação integral, e na qual cada Irmão assume sua parcela para o êxito da tarefa. Deve ser, outrossim, prioridade em âmbito de Província, onde o Pro-

---

[295] ZENIT.org. O mundo visto de Roma. Homilia de Bento XVI na Missa de Encerramento das Jornadas Mundiais da Juventude, 21 de agosto de 2005. Colônia, Alemanha. Do site de ZENIT.org., no dia 22 de agosto de 2005.
[296] La Salle, MR 193,2, p. 400.
[297] Irmãos das Escolas Cristas. *Regra de 1986*, art. 7; 14; 40.
[298] Ibid., art. 17c; 51a.
[299] Irmãos das Escolas Cristãs. Circular 435: *42º Capítulo Geral*, p. 45-46.

vincial e seu Conselho, com a participação dos Leigos, organizam, realizam e avaliam o Plano de Formação para Missão Partilhada, segundo a Proposição 5 do 42º Capítulo Geral.

Por fim, para que esse processo em andamento no Instituto tenha êxito há duas condições a serem atendidas:

1ª. Para que o Instituto e os membros da Família Lassalista façam acontecer uma real partilha da missão é necessária uma profunda renovação espiritual dos Irmãos e dos Leigos que com eles colaboraram. Este aspecto já foi apontado pelo Capítulo Geral de 1966/1967, quando afirmou: "Renovar-se espiritualmente é, antes de tudo, retomar consciência de que somente o Espírito Santo opera a renovação dos homens e das Instituições"[300]. Posteriormente, o Capítulo Geral de 1986 fez "um veemente apelo à conversão, mediante uma renovação espiritual e uma revitalização de nossa missão" [301].

Portanto, o que se pede aos Irmãos é serem mais autênticos em seu testemunho (R 24), em sua vida comunitária (R 48), em sua oração (R 72), em seu compromisso apostólico (R 12), de modo que correspondam ao que já dizia Paulo VI: "A verdade é que não há humanidade nova, se não há, em primeiro lugar, homens novos, com a novidade do batismo e da vida segundo o Evangelho"[302].

2ª. Novas relações com os Leigos, o que significa, a partir dos documentos da Igreja e do Instituto, uma grande mudança nas relações dos Irmãos com os leigos. Já houve uma boa evolução entre o proposto nos Capítulos Gerais de 1934 e 1946 e o pedido pelos Capítulos de 1986, 1993 e 2000. A linguagem certamente mudou. Mas, e as atitudes? Houve, sem dúvida, mudanças. Mas são suficientes, se considerados os textos da Igreja e do Instituto?

A razão para essa nova relação entre Irmãos e Leigos não se situa, fundamentalmente, na escassez de vocações ou na diminuição dos Irmãos. Essa razão é de ordem teológica e pastoral: a eclesiologia de comunhão do Concílio Vaticano II. É nela que se fundamenta a igualdade de todos os membros do Povo de Deus e a diversidade e complementaridade das vocações e condições de vida, dos ministérios, dos carismas e da responsabilidade no interior des-

---

[300] Irmãos das Escolas Cristãs:. Declaração *O Irmão das Escolas Cristãs no Mundo de Hoje,* § 3,2.
[301] Irmãos das Escolas Cristãs. Circular 422: *41º Capítulo Geral – Proposições e Mensagens,* p. 21.
[302] Paulo VI, *Evangelii Nuntiandi*, nº 8.

se mesmo Povo de Deus[303]. É nessa eclesiologia que se baseia a importância e o protagonismo dos Leigos na Igreja Católica e em suas instituições e, em decorrência, o novo estilo de relações entre os Irmãos e os Leigos.

Talvez os Irmãos devessem aprofundar ainda mais o estudo teológico e pastoral dessa eclesiologia de comunhão, para melhor captar o atual movimento do Instituto em direção aos Leigos, para serem mais criativos em relação à Missão Partilhada e verdadeiros animadores dos diferentes grupos de Leigos que formam a Família Lassalista.

À luz dessa eclesiologia, em suas comunidades educativas e na realização do ministério da educação, os Irmãos necessitam ter presentes que não são mais que os Leigos, e que, na igualdade e no respeito às respectivas identidades, precisam compartilhar com eles as tarefas e as responsabilidades, associando-os com gosto à sua missão educativa.

Assim procedendo, os Irmãos demonstrarão a consciência de serem membros da Igreja de Jesus Cristo, partícipes de seu mistério de comunhão e de sua energia apostólica e missionária[304], realizando, desse modo, a missão de anunciar o Evangelho pela Educação.

Conclusão

Percorrida uma primeira vez a História do Instituto de 1726 aos dias atuais, refez-se o caminho com vistas a descobrir iniciativas de participação dos Irmãos na formação de mestres leigos e a participação de professores leigos na tarefa educativa em escolas dos Irmãos. Descobriu-se que efetivamente tal participação tinha acontecido, mas, também, que, em dado momento, essas iniciativas, pelo menos numa parte do Instituto, tinham sido interrompidas por uma tendência ao fechamento, tendência que não percebeu os sinais que apontavam para a abertura cada vez maior à participação dos Leigos na missão educativa do Instituto.

Atenta aos sinais dos tempos a Igreja Católica, no Concílio Vaticano II, abandonou sua eclesiologia hierárquica para ver-se como Igreja-comunhão, e aos fiéis cristãos não mais como passivo rebanho, mas como agentes de transformação e anunciadores do Evangelho nas realidades seculares em que vivem.

Urgido por essa nova visão eclesiológica o Instituto abriu-se cada vez mais à presença dos mestres leigos em suas escolas. Elas, aos poucos, deixaram de ser “Escolas dos Irmãos”

---

[303] João Paulo II, *Christifideles Laici*, p. 30.
[304] Ibid., p. 64.

para passarem “Escolas dos Lassalistas”. Ao mesmo tempo, novos termos, como: Graus de Pertença, Família Lassalista, Missão Partilhada, Associados..., foram inseridos no “Glossário Lassaliano”.

Todavia, parece haver ainda muito por fazer para que entre Irmãos e Leigos Colaboradores haja relações que apontem para uma verdadeira associação. Há bastantes dúvidas e incertezas e o ponto de chegada é apenas vislumbrado. Requer-se um maior estudo dessa nova realidade e de suas conseqüências, sobretudo para a identidade dos Irmãos.

O Capítulo III, que contêm a Pesquisa de Campo e sua leitura e as Conclusões, colaborarão para o aprofundamento da reflexão e o encontro de uma nova compreensão da relação entre Irmãos e Colaboradores Leigos Lassalistas para a realização da missão de anunciar o Evangelho pela Educação.

III. JUNTOS E ASSOCIADOS – A COMPREENSÃO E A PRÁTICA DA RELAÇÃO IRMÃOS E COLABORADORES LEIGOS PARA A MISSÃO NA PROVÍNCIA LASSALISTA DE PORTO ALEGRE

Introdução

Após descrever como La Salle e os Irmãos que a ele se associaram viveram a Associação no início do Instituto e sua continuidade nos séculos XVIII, XIX e XX, chegou o momento de analisar a compreensão e a prática dessa associação (relação) por Irmãos e Colaboradores hoje, na Província Lassalista de Porto Alegre.

Através de perguntas, baseadas na doutrina apresentada no Capítulo II[305], buscar-se-á apreender esse referencial teórico e sua vivência por Irmãos e Colaboradores. A comparação entre o referencial e a realidade poderá possibilitar uma visão aproximada da compreensão e da prática da relação Irmãos e Colaboradores na referida Província, os aspectos que poderão ser tidos como positivos e os que parecem deixar a desejar; como decorrência, pode-se apontar pistas e prospectivas para a sua adequação, visando a uma situação que favoreça a realização cada vez mais eficaz da missão confiada pela Igreja ao Instituto, que é de anunciar o Evangelho pela Educação.

1. Da pesquisa de campo e seus objetivos

O objetivo inicial proposto para o trabalho, expresso pelo título: "Por uma nova compreensão da relação Irmãos e Colaboradores Leigos Lassalistas para a realização da missão de anunciar o Evangelho pela Educação"[306], visava,

---

[305] "2.4. Depois do Concílio Vaticano II (1966/1967-2005). 2.4.1. Recorrido Histórico. 2.4.2. Volta aos Começos", p. 85-105.

[306] Título do *Projeto de Pesquisa Científica* apresentado à Banca de Qualificação em maio de 2005. A necessidade de tornar o título mais abrangente fez com que a dimensão da expressão "para a realização da missão de anunciar o Evangelho pela Educação" passasse a constar apenas ao longo do trabalho.

> […] à luz do papel desempenhado pela Associação na fundação e consolidação do Instituto, compreender, especialmente para os dias atuais, o lugar dos Colaboradores para a continuidade da missão proposta ao Instituto de anunciar o Evangelho pela Educação e, dessa forma, cooperar para a realização do Desígnio Salvífico de Deus[307].

Para conhecer "o papel desempenhado pela Associação nessa fundação e consolidação" era necessário descobrir a importância a ela atribuída por João Batista de La Salle e os mestres, depois Irmãos, com os quais ele começou a trabalhar, a partir de 1679, em Reims, na França, e que a ele se associaram a partir de 1694.

Estando o Instituto integrado unicamente por Irmãos, coube a estes, durante boa parte da História do mesmo, levar adiante, sempre de forma associada, a missão educativa do Instituto. Todavia, com o tempo, com eles passaram a colaborar professores não-Irmãos, primeiro de forma tímida, e após, em proporção crescente, até os dias atuais, quando sua presença e colaboração se tornaram, até certo ponto, indispensáveis para a realização da tarefa educativa confiada inicialmente aos Irmãos. Uma rápida visão histórica possibilitou acompanhar o início e o crescimento dessa presença nas Obras do Instituto e perceber como ela foi vista e aceita pelos Irmãos em geral.

Embora tal presença tenha iniciado antes do Concílio Vaticano II (1962-1965), esse acontecimento, que marcou a vida da Igreja Católica e da História, constituiu-se num divisor de águas para sua óptica, e dos Institutos Religiosos, sobre o papel do Laicato na vida da Igreja, o chamado de todos os batizados à vivência da vocação batismal, *de per si* evangelizadora, e à santidade. Essa nova visão eclesiológica repercutiu na compreensão e na prática do Instituto, que se abriu decididamente à presença e à colaboração dos Leigos em suas obras, possibilitando a eles não apenas uma forma de realização de sua missão evangelizadora, mas também uma outra dimensão para a vivência de sua fé no dia-a-dia, i. é, para sua santificação.

A partir dessa nova visão e compreensão do papel dos Leigos na Obra Lassalista, surge naturalmente a tentativa de descobrir qual a repercussão da doutrina no dia-a-dia de Irmãos e Colaboradores na Província Lassalista de Porto Alegre em sua tarefa de evangelizar pela educação. Quando for o caso, devem-se apontar aspectos coincidentes e discordantes, ou menos coerentes com os princípios cristãos e lassalistas e, se necessário ou conveniente, sugerir possíveis pistas para o estreitamento da associação entre os Irmãos e os Colaboradores que atuam em obras por ela mantidas.

---

[307] "Objetivo Geral", segundo o "Projeto de Pesquisa Científica", mencionado acima.

Todavia, é muito importante ter presente que essa vivência da associação para a missão, tanto por parte dos Irmãos, como dos Colaboradores, deve acontecer dentro da especificidade e do estilo de vida próprio de cada um. Desse modo, ela pode ser fonte de enriquecimento recíproco, tanto humano como espiritual, e os Colaboradores podem, com sua presença e colaboração, ajudar os Irmãos, e o próprio Instituto, a melhor cumprir o mandato do Senhor e da Igreja de evangelizar através do exercício da tarefa educativa. A partir desse pano de fundo que foi levantada a hipótese[308] de que essa nova realidade com que se defrontam os Irmãos – a presença sempre crescente dos Leigos nas Instituições Lassalistas –, poderia obrigá-los

> […] a repensar o sentido que a associação possuía no tempo de La Salle e dos primeiros Irmãos, no início do Instituto, com vistas a adequar [caso necessário] este sentido aos tempos atuais, inclusive, no que diz respeito ao entendimento do Carisma Lassaliano[309].

Como, a partir de agora, o termo "carisma" passará a ser empregado com freqüência, faz-se necessário consignar algo sobre ele. Foi o Concílio Vaticano II que, ao ver na Igreja Católica os sinais da ação do Espírito entre os fiéis, compreendeu e expressou, sobretudo na Constituição Dogmática *Lumen Gentium 12*, com base na doutrina bíblica, sobretudo paulina, de forma nova, a teologia dos carismas. Estes dons gratuitos são a participação nos dons de Cristo concedidos pelo Espírito Santo para a edificação do Corpo de Cristo, a Igreja. "A cada um se confere a manifestação do Espírito para a utilidade comum" (I Cor 12,7). São Paulo os designa, ainda, como "ministérios" e "operações", e seu número é ilimitado. Quem os limita é a comunidade concreta em que eles se realizam. Em Rm 12 e em I Cor 12 há diversas enumerações, ou exemplos de carismas.

A vocação passa a ser o carisma principal. O carisma vocacional, além de disposição para a missão, é um modo particular de ser e uma espiritualidade. Quando participado por outros assume um modo característico de comunhão: a fraternidade. Ou união para uma missão que se torna comum. La Salle recebeu o "Carisma de Fundador". Os Irmãos que a ele se uniram deram início ao "Carisma Fundacional (carisma lassaliano das origens) para a missão de educar humana e cristãmente "os filhos dos operários e dos pobres". Tratou-se de um carisma participado que deu origem à "Identidade Lassaliana". Esse carisma lassaliano está na origem do estilo ou maneira de ser, de uma sensibilidade especial diante de certas necessidades, de

---

[308] Projeto de Pesquisa Científica, p. 20.
[309] Ibid., p. 20.

preferências na seleção dos destinatários da missão, dos critérios e opções para a busca de respostas, de um modo de valorizar a missão. O carisma lassaliano é a origem da espiritualidade lassaliana, que concede à tarefa educativa um lugar privilegiado na relação do educador com Deus. O carisma partilhado se faz visível através de uma herança histórica que envolve uma cultura. A cultura lassaliana compreende o itinerário histórico de La Salle e de seu Instituto, as realizações pedagógicas que materializaram a missão e as expressões de fé nas quais se faz presente a espiritualidade lassaliana[310].

Uma vez estabelecido o referencial teórico, e formulada a hipótese, chegara o momento de tentar verificar a conveniência ou necessidade da proposição de um novo entendimento para a Associação e o Carisma pelos quais se orientara La Salle para o estabelecimento e a continuidade da "Obra de Deus: as Escolas Cristãs". Para tanto, lançou-se mão de uma pesquisa de campo, abrangendo Irmãos e Colaboradores Leigos.

Com base nesse referencial foram elaboradas dez perguntas, apresentadas a 16 Irmãos e a 30 Colaboradores Leigos, de diferentes faixas etárias e exercendo uma das seguintes funções: Direção, Coordenação, Supervisão, Assessoria e Magistério em diferentes Estados da Federação. Embora apenas nove Irmãos, entre os 16 selecionados, e oito Colaboradores, entre os 30 convidados, tenham respondido às perguntas, os aportes por eles oferecidos possibilitam uma idéia aproximada de como Irmãos e Colaboradores se vêem a si e vêem e compreendem a presença e a participação recíproca na realização da missão educativa.

Contudo, na hipótese de tais dados se revelarem insuficientes, haveria a possibilidade de recorrer a outras fontes para a complementação dos indicativos oportunizados pela Pesquisa. Entre estas estão os relatórios da Assembléia dos Irmãos da Província Lassalista de Porto Alegre, realizada de 19 a 21 de janeiro de 2005, e da Assembléia da Missão Educativa Lassalista (AMEL), acontecida de 7 a 10 de setembro de 2005, do XI Capítulo Provincial, igual-

---

[310] Antonio BOTANA, in: El Carisma Lasaliano. *Estudios Lassalianos* nº 13, p. 7ss, ao falar de "Carisma", observa que se trata de uma qualidade pessoal, com ressonância positiva social. Já no contexto da fé, trata-se de um dom que o Espírito concede a uma pessoa para o serviço da comunidade, ou, melhor, para contribuir com a missão da comunidade. O marco em que se desenvolve o carisma é a comunidade. Cabe a ela discernir e autenticar os carismas pessoais, em função da única missão eclesial. Em certos casos, o desempenho de uma missão recebe o nome de "ministério". Ele supõe que a pessoa tenha carisma para desempenhá-lo, pois é o carisma que dá vida ao ministério. Contudo, se o primeiro é obra do Espírito, o segundo provém da comunidade. Então, carisma e ministério são como que as duas faces de uma identidade eclesial, em relação à missão. Carisma e vocação relacionam-se quando a pessoa chega a ver toda a sua vida em função de uma missão. Neste caso, carisma e vocação se identificarão.

mente de 2005, e duas pesquisas de opinião, uma junto aos docentes e outra com um grupo de Colaboradores que participaram de cursos de formação sobre Pedagogia e Espiritualidade Lassalianas. Todavia, o recurso a essas fontes, caso venha a ocorrer, terá apenas o objetivo de complementar os subsídios fornecidos pela Pesquisa acima descrita.

2. As respostas e seu conteúdo

As dez questões foram divididas em dois blocos: o primeiro relativo à *Compreensão* e o segundo à *Prática* da associação Irmãos e Colaboradores para a realização da missão de anunciar o Evangelho pela Educação, cada um deles com um encabeçamento ou enunciado. As respostas foram sintetizadas em separado, distinguindo-se, em cada uma, as dos Irmãos e as dos Leigos, e complementadas por algumas considerações, ou observações.

2.1 Primeiro Bloco

> 1. Durante muitos anos as escolas lassalistas foram atendidas unicamente pelos Irmãos. Depois elas passaram a contar sempre mais com a presença e a colaboração de Leigos (Colaboradores Leigos).
>
> Pelo que você sabe, qual o pensamento e a posição do Instituto Lassalista frente à presença dos Colaboradores Leigos nas Escolas dos Irmãos?
>
> A) Principais aspectos salientados pelos Irmãos:

O carisma lassaliano não é reservado unicamente a eles, Irmãos; outros podem, e desejam participar dele, especialmente educadores. Para o Instituto os Colaboradores, como Leigos, podem constituir uma forma de viver e de expressar o carisma de La Salle e de participar, “em sentido pleno”, da missão confiada originalmente aos Irmãos. Deste modo assumem a co-responsabilidade pela realização da missão confiada por Deus ao Instituto através de La Salle e da Igreja.

Integrando-se à Família Lassalista, os Colaboradores buscam realizar a missão conforme pensada por La Salle: um ministério evangélico destinado à humanização e à evangelização, i. é, à formação humana e cristã dos educandos e, assim, colaborar para a construção da pessoa e da sociedade sobre os valores cristãos da fé, fraternidade e serviço. Desse modo, Irmãos e Colaboradores contribuem para a redenção e a salvação humana e cristã dos educandos e para que sejam bons cidadãos, deste e do outro Reino.

No entender dos Irmãos, o Instituto, à luz do Vaticano II, valoriza sempre mais a presença e a colaboração dos Leigos, pois, graças a eles, as “Escolas dos Irmãos” passaram a “Escolas Lassalistas”, animadas por Comunidades Educativas integradas também por Irmãos.

Outrossim, graças ainda a essa presença e colaboração dos Leigos, a missão e o carisma lassalianos podem expandir-se, mesmo sem a presença direta dos Irmãos.

Todavia, para um progressivo comprometimento dos Leigos na pedagogia e na espiritualidade lassalianas, faz-se mister um crescente esforço para preparar os Leigos e integrá-los cada vez mais na tarefa educativa. Assim agindo, o Instituto busca ser fiel às origens e às intuições de La Salle, e ao expresso nos artigos 1º, 17 e 146 da Regra de 1986.

Como ausentes estão os do Batismo, que tanto Irmãos como Leigos estão chamados a viver na radicalidade, cada um dentro de seu estilo; a insistência na diferença de estilo de vida de Irmãos e Leigos e o enriquecimento que os Colaboradores e Leigos podem oportunizar aos Irmãos quando com eles colaboram em suas Instituições e a eles se associam.

B) De sua parte, os Colaboradores julgam que os Irmãos os valorizam, favorecem sua presença e colaboração e os consideram indispensáveis para a animação da Comunidade Educativa; procuram formas de associá-los à realização de sua missão e com eles formar comunidades de fé, fraternidade e serviço, especialmente em favor dos mais necessitados, o que lhes possibilita dar continuidade e ampliar o trabalho iniciado por La Salle.

Também vêem nos Irmãos abertura, acolhida e apelo para que partilhem com eles, em profundidade, os desafios da missão educativa e evangelizadora, segundo a proposta lassalista; para que com eles cooperem para tornar sempre mais real a construção de um mundo mais humano e mais feliz, e com eles dividam os processos estratégicos e de gestão, o que é visto como positivo.

Por fim, julgam que, como resultado da confiança no trabalho que os Colaboradores realizam, os Irmãos investem em sua formação e identificação com os princípios e vivências lassalistas. Julgam, ainda, que o assunto “associação” está sendo bastante “abordado e discutido”. Como os Irmãos, também os Colaboradores não se referem ao papel fundamental do Batismo e da Eclesiologia do Vaticano II para esse trabalho integrado, nem ao enriquecimento que poderiam oferecer aos Irmãos por seu estilo de vida.

Há, porém, duas referências especiais: uma à Associação e outra à necessidade de a mesma estar a serviço da infância e da juventude pobres.

2. O que você pensa e como você se posiciona frente a essa presença dos Colaboradores Leigos nas Escolas Lassalistas?

A) Das respostas dos Irmãos se depreende que, se os Leigos foram presença fundamental no começo do Instituto que, sem eles, não existiria, pois foi com Leigos que La Salle iniciou a obra das Escolas Cristãs, eles continuam de importância fundamental para a realização da missão e a continuidade do Instituto. Eles são uma alternativa irreversível, pois "faltam Irmãos, em número e qualidade, para atender às modernas exigências educativas". Eles não são "meros ajudantes", mas ampliam e qualificam o trabalho do Instituto e têm grande colaboração a dar à causa da educação.

No entender de outros, os Leigos são tão lassalistas quanto eles, pois assumem o trabalho com muita dedicação, querem bem à obra e, bem orientados, a sustentam, pois se engajam e dedicam à mesma causa. Mas, diferentemente deles, os Leigos enfrentam a insegurança do salário e do emprego e devem dar um testemunho dentro de seu estilo específico de vida, diferente do dos Irmãos.

Outrossim, reconhecem como tarefas suas, em relação aos Colaboradores, o acolhê-los segundo critérios bem definidos, baseados na filosofia e na missão lassalista e na disposição de assumir a missão educativa como cooperadores da formação humana e cristã dos educandos, e de clarificar sua própria identidade, para que possam ver em que se identificam e em que se diferenciam dos Irmãos; como podem colaborar com eles para que sejam bons profissionais, para que vivam sua fé cristã de forma exemplar e se comprometam com a Igreja e o mundo da Educação, atuando como colaboradores de Deus e da família na missão de "orientar as crianças e jovens no caminho do bem viver".

Por fim, os Irmãos devem reconhecer que os Leigos lhes possibilitam, com a partilha da missão educativa, partilhar também conhecimentos, experiências e vivências que os enriquecem, e que precisam caminhar efetivamente para a associação para a missão.

Como observação: o Batismo e a Eclesiologia do Vaticano II continuam ausentes nas respostas dos Irmãos. Será porque os considerem implícitos, não cabendo, portanto, uma menção mais direta a ambos?

B) Sobre o pensamento e posicionamento dos Leigos sobre sua presença nas Escolas dos Irmãos inicialmente, dois depoimentos: Vejo "com muita alegria e gratidão a oportunidade de contribuir para a realização da missão do Instituto" e "Procuro participar ativamente dessa proposta educativa porque tenho muita vontade de colaborar e muita consideração e afinidade com ela e com os princípios lassalistas".

Os Leigos julgam sua presença necessária, por oferecer ao Instituto os profissionais exigidos pelos tempos atuais, e a eles, Leigos, ocasião de dar "testemunho cristão" e de realizar a "tarefa número um" de evangelizarem pela vida e de estarem a serviço dos outros, especialmente dos mais necessitados.

Além disso, apontam para os aspectos positivos do pluralismo e da diferença, fruto da abertura às mudanças e da acolhida dos Colaboradores: o enriquecimento do processo educativo das Escolas Lassalistas; a existência de outra dimensão de vivência da fé cristã e de comprometimento com La Salle e o Evangelho; de horizontes e perspectivas diferentes das dos Irmãos; da possibilidade de os Irmãos conviverem com a diversidade étnica, cultural, religiosa e de gênero, esta, importante para o equilíbrio relacional: "a ternura de mãe e a firmeza de pai"; da convivência sadia, baseada no respeito, na confiança e na valorização das pessoas.

Contudo, se os aspectos acima não forem suficientes para motivar os Irmãos em sua ação em favor dos Leigos, uma advertência: "Caso os Irmãos não invistam na formação, no conhecimento e no comprometimento dos Leigos com a proposta lassalista, virá o esgotamento de recursos humanos e do seguimento do carisma lassaliano".

Constata-se que as respostas dos Colaboradores parecem revelar uma visão mais ampla e abrangente sobre seu papel na Comunidade Educativa do que as dos Irmãos.

3. Para você, o que o Irmão e o Colaborador Leigo têm em comum na Comunidade Educativa Lassalista?

A) Segundo os Irmãos, os aspectos comuns são: o compromisso batismal; a missão educativa, afirmada por quatro deles e vista como ministério e sacerdócio; o carisma lassaliano como fonte inspiradora; o compromisso de realizar a missão confiada pela Igreja ao Instituto de "levar as crianças a Deus e Deus às crianças", ou seja, de educá-las humana e cristãmente e anunciar-lhes a Boa Nova por palavras e exemplos; o ser presença significativa na vida dos educandos, acolhendo-os, acompanhando-os.

Em outra dimensão: manter as escolas juntos e por associação com os Irmãos; viver com eles a associação numa verdadeira comunidade educativa, fazendo suas a Proposta Educativo, o Projeto Pedagógico e as orientações pedagógicas; viver o espírito de fé, fraternidade e serviço para o serviço do Reino e visar o êxito na missão e da escola em favor dos educandos e suas famílias. Para que isso aconteça, a exigência é, para os Irmãos, a do crescimento na fé e na competência, mas tendo em conta a realidade do estilo diferente de ser dos Leigos.

B) Para os Leigos, os aspectos comuns resumem-se aos seguintes: a fé em Deus, o compromisso de anunciar o Evangelho pela Educação; o trabalho pelo Reino, independentemente da função exercida; a missão de educar inspirada no Evangelho e em La Salle; o serviço a Deus através do serviço ao próximo pela educação; a promoção da vivência da mística lassaliana; o compromisso de fazer da comunidade educativa uma escola cristã; a visibilidade do projeto cristão, através de uma educação inspirada em La Salle e no Evangelho; em comunhão de espírito, fazer sua a missão de atender e resgatar "os que deles mais necessitam", com zelo e fraternidade, para que se sintam felizes e, sobretudo, amados.

Nesses depoimentos parecem sobressair como aspectos centrais: Deus, o Evangelho, o Reino, La Salle, Educação cristã e atenção especial aos menos favorecidos – não necessariamente os pobres de bens materiais.

4. Qual a missão e quais são as tarefas específicas dos Irmãos na Comunidade Educativa Lassalista?

A) Como batizado, consagrado a Deus como Irmão e como herdeiro do carisma de La Salle sua missão é ser presença de Irmão, fermento, sinal, testemunho de fé e de consagrado; como educador, de anunciar o Evangelho pela educação, realizando, juntos e por associação, o fim do Instituto: "proporcionar educação humana e cristã aos jovens, especialmente, os pobres, segundo o ministério que a Igreja lhe confia"[311], e, assim, promover o desenvolvimento integral da pessoa, inclusive nos aspectos solidário e participativo. Esta sua ação apostólica é sustentada pela coesão, que é fruto da associação para o serviço educativo a pobres.

Outrossim, o Irmão é chamado "a iluminar e manter viva a chama de La Salle": referência de amor à missão e à causa da educação, e de amor, zelo e dedicação aos educandos, educadores e pais; exemplo de competência e de comprometimento com a Igreja e com o mundo da educação; promotor do diálogo para a maior eficácia da missão; acolhedor e solidário e consciente de ser parte integrante de uma comunidade educativa.

Igualmente, cabe ao Irmão contribuir para a formação e promoção do Leigo e esforçar-se por conhecer, respeitar e assimilar os princípios positivos da cultura em que está inserido.

---

[311] Irmãos das Escolas Cristãs, *Regra de 1986*, art. 3.

Por fim, diante dos desafios do mundo atual e de suas exigências, um aviso: que os Irmãos "sejam menos tarefeiros". Seria um apelo a fazerem prevalecer o "ser mais" sobre o "fazer mais"?

B) Missão e Tarefas dos Irmãos segundo os Leigos: eles, mais que falar da missão e tarefas específicas dos Irmãos, parecem centrar-se em dois aspectos: o de religiosos consagrados lassalistas e o de educadores.

a) Como Religioso Consagrado Lassalista: que o Irmão testemunhe sua consagração por sua vida e seja: sinal de salvação para os que com ele convivem; presença viva de La Salle e garantia da fidelidade a seu espírito; referencial de pessoa, de postura, de respeito e de vivência dos compromissos assumidos e os anime a eles, Leigos, na vivência de sua fé de batizados[312]; fator de unidade na causa da educação e "fermento na caminhada de conjunto", e que tenha posicionamento crítico[313] diante da realidade na qual está inserida a Comunidade Educativa.

b) Como Educador: que o Irmão se dedique realmente à missão de educar e evangelizar; que motive, incentive, oriente e lidere o trabalho educativo; que dinamize o processo ensino-aprendizagem; que coordene, anime e oriente os Colaboradores para manter viva a espiritualidade lassaliana e a identidade da escola como escola lassalista, o que constitui seu diferencial; que coopere na formação dos educadores e os incentive ao conhecimento da vida e obra de La Salle; que exerça a direção institucional com competência e segundo os princípios lassalistas, a justiça e humanidade, e que, como os demais educadores, se esforce por aliar competência profissional e formação humana, dar continuidade à proposta educativa e promover o desenvolvimento integral da pessoa e a transformação da sociedade segundo os princípios humanos e cristãos.

Essas respostas parecem indicar que os Leigos sabem quais são os aspectos centrais do ser Irmão: Religioso Consagrado para a Missão Educativa. E que eles parecem ser mais exigentes em relação ao "ser Irmão" que os próprios Irmãos: é que anseiam por Irmãos que sejam "alma", por sua animação, incentivo e orientação, "memória", pela presença da dimensão

---

[312] Irmãos das Escolas Cristãs, *Regra de 1986*, art. 15
[313] Isto é, a partir de critérios, no caso: Jesus Cristo, o Evangelho, La Salle, a fé.

histórica: La Salle e sua obra, e "referência", por sua ação inspiradora para o exercício da missão educativa como Colaboradores na Comunidade Educativa.

5. Qual a missão e quais as tarefas específicas dos Colaboradores Leigos na Comunidade Educativa Lassalista?

Se a questão anterior tratou da Missão e das Tarefas dos Irmãos na Comunidade Educativa, nesta buscou-se apreender como os Irmãos vêem essas duas realidades na vida dos Colaboradores e, ao mesmo tempo, como estes se vêem a si mesmos em ambos os aspectos.

A) Para os Irmãos, o Colaborador, como batizado, tem duas incumbências específicas, ligadas a seu estilo específico de vida: primeiro, viver na radicalidade o seu batismo, ou chamado à santidade[314], sendo sinal e exemplo de vida para os educandos; mostrando a eles, pelo modo como vive, que é possível viver o Evangelho em qualquer estado de vida ou vocação, e que os valores evangélicos são para todos, pois que todos são chamados à santidade, "e não apenas os religiosos e os sacerdotes".

Outrossim, em virtude do mesmo batismo ele é chamado a ser missionário[315], a ser anunciador do Evangelho, educando cristãmente, segundo os valores éticos e cristãos, "de fundamental importância para a vida". Como Colaborador que quer viver essas realidades no dia-a-dia, deve primar por sua competência profissional e fazer-se próximo dos educandos, aliando "a ternura de mãe com a firmeza de pai"[316], para animá-los e fortalecê-los na vivência da fé, fraternidade e serviço.

Segundo um Irmão, o Colaborador enfrenta um grande desafio: conceder, em meio aos múltiplos afazeres e exigências de sua vida particular, a devida atenção à tarefa educativa – a grande ocupação do Irmão – e a seu papel de ajudar os Irmãos na adequação dos princípios lassalistas às necessidades dos tempos e lugares.

Outro Irmão afirmou que, "neste aspecto [do fazer], os Irmãos pouco se diferenciam dos Colaboradores Leigos". Acontece que a grande diferença entre Irmãos e Colaboradores não está na linha do fazer, que pode ser o mesmo: a verdadeira diferença situa-se no "ser", isto é, no viver na radicalidade o estilo de vida de cada um. Como observação complementar:

---

[314] Vaticano II, *Lumen Gentium* (LG) 11, 32, 39, 40, 42.

[315] Vaticano II. Decreto *Apostolicam Actuositatem*, sobre o Apostolado dos Leigos. Nele o Cap. I tem como título: "Vocação do Leigo ao Apostolado, § 2 a 4.

[316] Cf. MF 101,3, p. 254. Nela La Salle pede essas atitudes aos Irmãos, que são celibatários.

os Irmãos expressaram uma noção mais ou menos exata, e exigente, da missão do Colaborador no que é específico do estilo de vida que assumiu.

B) Como os Colaboradores se vêem a si no exercício da missão educativa e no desempenho das tarefas específicas:

Como batizado, sabe que deve anunciar o Evangelho, no caso pela Educação, ciente de que, ao fazê-lo, colabora, ao mesmo tempo, para a continuidade e desenvolvimento do carisma lassaliano.

Como Colaborador, ele se diz consciente que deve educar de acordo com a proposta lassalista, de modo coerente e responsável, somando forças com os Irmãos para superar os desafios da contemporaneidade e oferecer às crianças e jovens uma educação que os prepare para fazer frente a tais desafios.

Também tem presente que, no caso de atuar em escolas de serviço educativo a pobres ele deve oferecer às crianças e jovens que as freqüentam condições para resgatarem sua auto-estima e colaborarem para a transformação do meio em que vivem[317], dentro dos princípios éticos e morais e de um clima de paz e de solidariedade.

Para que todo esse esforço produza resultados significativos, o Colaborador deve ter formação profissional e perfil lassalista, "o que é muito importante", sentir-se comprometido e responsável com suas tarefas específicas, realizar seu trabalho educativo em comunhão de espírito com os demais educadores e vivenciando a espiritualidade lassaliana.

Merecem, outrossim, destaque, nessa visão que os Colaboradores têm de si, as alusões aos desafios oferecidos pelos tempos atuais e ao trabalho em favor dos menos favorecidos, a ponto de, nesta questão, referirem-se à promoção dos meios populares, e não apenas ao trabalho na Comunidade Educativa.

6. Qual a atitude que se espera que o Irmão tenha e o papel que ele exerça com relação ao Colaborador Leigo?

A) Na visão dos Irmãos, tal atitude e papel embasam-se nos seguintes "pressupostos": o serviço educativo não é exclusividade dos Irmãos; na comunidade educativa a missão, as tarefas e responsabilidades são partilhadas; a identidade e missão do Irmão não se confundem com o serviço específico que possa prestar; a principal função do Irmão é a evangelização e a

---

[317] Irmãos das Escolas Cristãs, *Regra de 1986*, art. 39.

catequese, a promoção do crescimento da fé dos batizados e a edificação da comunidade eclesial; aspectos estes que devem ditar e embasar a formação dos Irmãos e a escolha das tarefas que irão exercer[318].

Com base nesses pressupostos, os Irmãos crêem ser seu dever testemunhar a fé, a fraternidade e o serviço na comunidade educativa; favorecer a colaboração e o enriquecimento mútuo (Irmãos e Colaboradores); transmitir a eles o essencial da mensagem lassaliana[319] e cooperar para que sejam cada vez mais competentes e comprometidos com a Igreja e o mundo da Educação[320].

Para que isso aconteça, esperam-se dos Irmãos dedicação e interesse pela obra; responsabilidade nos compromissos assumidos; aceitação, acolhida, respeito, apoio e colaboração com os que com eles realizam a missão educativa; competência, coerência e testemunho de vida "seu primeiro apostolado"[321], e abertura ao diferente em seus variados aspectos.

Assim procedendo, ele, Irmão, será "irmão dos adultos e irmão mais velho dos jovens"[322]; sinal de Cristo e de seu proceder; continuador do carisma de La Salle e zelador de seus princípios educativos; auxiliador, guia, orientador e motivador da vivência da fé, fraternidade e serviço na comunidade educativa; referência de amor à missão, aos educandos e à causa da educação; promotor do diálogo, organizador e animador e primeiro responsável pelo bom andamento do processo educativo. E assim fazendo, ele manterá viva a chama de La Salle e evitará ser mero repetidor dos esquemas da sociedade.

Nisso tudo se percebe que os Irmãos têm clareza quanto aos aspectos doutrinais; que sabem que a sua diferença reside no ser, não no fazer, e que os Colaboradores os desejam "memória" de La Salle, de sua espiritualidade e de sua obra.

B) Os Colaboradores vêem a atitude e o papel dos Irmãos, na Comunidade Educativa, sob diversos prismas: – Como Irmão: de exemplo e modelo de vivência da fé e dos compromissos; de liderança, coerência, autenticidade e responsabilidade; de imitação de La Salle, que foi grande imitador de Jesus Cristo, e difusão de seus princípios. – Dele esperam: acolhida,

---

[318] Irmãos das Escolas Cristãs, *Regra de 1986*, art. 15.
[319] Ibid., art. 17c.
[320] Ibid., art. 12, 17.
[321] Ibid., art. 24.
[322] Ibid., art. 53.

respeito e aceitação de que eles podem ajudá-lo em seu crescimento humano, profissional e religioso; vivência harmoniosa com eles; respeito cristão e democrático à opinião e liberdade deles; e, considerando que sua missão e papel estão ligados à "parceria para a missão educativa", que com eles divida trabalho e coordenação. – Na realização do trabalho educativo: que o Irmão reconheça as oportunidades de ação na escola e contribua à realização delas; seja orientador, apoiador (4)[323] e supervisor; tenha sempre em mira a missão e suas decorrências; estimule a participação de todos no processo educativo e incentive a abertura da escola às novas necessidades da Comunidade Educativa.

7. Como os Colaboradores Leigos se situam com relação à missão e à espiritualidade lassalianas?

A) Como os Irmãos vêem o posicionamento dos Colaboradores nessas duas realidades? Aqui as respostas parecem obedecer ao seguinte esquema: – Referencial Teórico: a missão e a espiritualidade lassalianas não são propriedade exclusiva dos Irmãos, mas devem ser partilhadas com todos aqueles que Deus chamou para colaborar com os Irmãos, tendo presente que, mesmo que deixem a escola lassalista, eles as levam consigo. Os Colaboradores podem realizar a mesma missão dos Irmãos e viver a espiritualidade como Leigos, de acordo com sua especificidade ou estilo de vida.

Na segunda parte da História do Instituto, a missão cresceu e se desenvolveu, em muitos países, graças à abertura, boa vontade e dedicação de Leigos, inclusive de outros credos. A escola lassalista é, ou pode ser, presença e testemunho de gratuidade e partilha da vivência do Evangelho com outros.

Contudo, na prática, os Irmãos julgam que esse referencial está bastante longe do dia-a-dia da vida e da ação dos Colaboradores, pois, enquanto alguns "abraçam bem" a missão e a espiritualidade, outros estão muito distantes delas, e a maior parte não vê a educação como lassalista: fazem educação por convicção pessoal e fariam da mesma forma em qualquer outra escola e têm em vista seu salário. Contudo, segundo outros, em geral os Colaboradores compreendem muito bem a missão, mas não sabem o que significa a espiritualidade, e sua vivência, pessoal e familiar, é relativa.

---

[323] O número entre parentes (4) indica o número de respostas em que o aspecto assinalado aparece.

Diante desse quadro, há muito que fazer para que sintam a missão e a espiritualidade como fazendo parte de suas vidas; mas, uma vez conhecidas, passarão a viver sua missão como ministério dado por Deus. Disso advém um compromisso: é preciso atuar para que esses Colaboradores sejam como La Salle os desejaria hoje.

O aduzido parece apontar para uma opinião menos favorável, e mesmo negativa, ou, talvez, mais realista, dos Irmãos em relação à vivência da missão e da espiritualidade lassalianas pelos Colaboradores que com eles exercem o ministério educativo.

B) Como os Colaboradores se vêem diante da missão e da espiritualidade lassalianas? O posicionamento deles é bastante discordante do dos Irmãos, como o mostram alguns depoimentos: “sente-se muito bem”; “crê na missão”; “sente-se à vontade e comprometido com a missão”; “devem [os demais Colaboradores] sentir-se realizados como eu”; “sinto-me a partir dos exemplos dos Irmãos” [ou seja, os Irmãos como referencial]. Em relação à espiritualidade: “A vivência de novas experiências me enriquece e me faz crescer”; o ter o Evangelho como guia e luz e La Salle como orientador “me dá forças para prosseguir”. – Para que a vivência dessas duas realidades cresça faz-se necessário ampliar os espaços de formação e investir para que eles conheçam a La Salle e sua obra: “não usamos nosso potencial; embora nosso ‘produto’ e nossa proposta sejam muito bons”. É que a vivência de ambas depende muito da compreensão que delas se têm e da capacidade de desprendimento em função de um projeto maior. Outrossim, identifica-se como Colaborador quem crê na educação baseada no amor, na construção e na partilha do saber e na formação integral da pessoa, e faz disso seu ideal de vida, o que supõe que os Colaboradores recebam formação adequada para a vivência dessas realidades e para que tenham sempre atitudes cristãs no relacionamento com o outro.

Por suas afirmações, os Colaboradores que se manifestaram apontam para uma boa vivência da missão e da espiritualidade lassalianas, mas ressaltam a necessidade de maior formação para elas, no que coincidem os Irmãos.

Especial menção merece o fato de ter sido um Colaborador o primeiro a consignar o real sentido da associação, quando afirma que é preciso “favorecer a busca de uma ASSOCIAÇÃO à espiritualidade lassaliana”. Este é, em nosso entender, o sentido a ser dado à associação Irmãos e Colaboradores para o anúncio do Evangelho pela Educação.

2.2 Segundo Bloco

> Entre nós ainda não existe uma associação que congregue os Leigos Lassalistas que desejam viver, como Leigos, as dimensões da identidade lassalista: fé, fraternidade, serviço.

Esse bloco, constituído por três questões, refere-se à prática da associação Irmãos e Colaboradores Leigos Lassalistas. É a partir das respostas a elas que poderão ser apontadas possíveis lacunas e pistas para um adequado encaminhamento da "relação Irmãos e Colaboradores Leigos Lassalistas para a realização da missão de anunciar o Evangelho pela Educação".

> 1. Por que será que ainda não existe esta associação?

A) As razões invocadas pelos Irmãos vão do "Ignoro" (2) ao que parece constituir a razão fundamental da não existência de tal associação: "Antes de fazê-la com eles [os Colaboradores] devemos viver em profundidade a nossa associação" [como Irmãos]. Entre elas estão as demais razões, como: Há muitas variáveis; talvez por ser algo muito recente; por razões de ordem econômica e jurídica; "porque ainda não se encontrou uma forma de conciliar a necessidade de sustentação econômica e de vínculo profissional com a vivência de um ideal educativo acima dos limites da lei"; a rapidez com que os vínculos se estabelecem e se desfazem; por falta de experiências exitosas nessa linha no Brasil; embora não exista formalmente, "julgo que há uma grande colaboração dos Leigos com nossa missão educativa".

Razões ligadas aos Irmãos, segundo eles mesmos: "Nós, Irmãos, abraçamos pouco e o que passamos a eles é ainda muito pobre"; como Irmãos, ao consagrar-nos e viver em Comunidade, assumimos o compromisso de viver uma vida diferente da deles: só podemos partilhar algumas coisas"; "em 1976 criaram-se os "Graus de Pertença", mas limitados aos que desejavam partilhar da vida de comunidade e de orações e colaboravam com a missão educativa"; "sua criação não pode ser 'forçada' pela Província".

Por razões ligadas aos Colaboradores: "O Leigo não consegue se organizar sozinho: precisa do apoio dos Irmãos". "Delegamos a eles a responsabilidade, mas, talvez, não consigam organizar-se". Deve surgir quando os Leigos sentirem necessidade, ou seja, que tenham motivos ou que sintam que vale a pena associar-se de modo formal.

Razões ligadas a Irmãos e Colaboradores ao mesmo tempo: ou porque os Leigos não querem ou os Irmãos não deixam; só eles podem dizê-lo. Por falta de maturidade de Irmãos e Leigos e porque Irmãos e Leigos não sabem o que fazer com a associação e quais suas implicações e conseqüências.

Em síntese, a gama de razões alegadas pelos Irmãos é bastante variada e, enquanto alguns reconhecem que a inexistência de tal associação se deve a eles, outros a atribuem aos Colaboradores, esquecendo, ao que parece, serem eles, Irmãos, os herdeiros do carisma de La Salle e de que cabe a eles, segundo os documentos da Igreja Católica e do Instituto, a responsabilidade de acolher os Leigos e de com eles partilhar a herança recebida de La Salle e dos primeiros Irmãos.

Outrossim, as razões atribuídas aos Colaboradores revelam certo clericalismo que vai de encontro à Eclesiologia do Vaticano II no que diz respeito ao papel do Laicato na Igreja.

B) Também os Colaboradores apontam para razões de ordem diversa e, até certo ponto, dentro do esquema seguido pelos Irmãos.

Razões de ordem genérica: talvez por falta de alguém que abrace a idéia e faça a proposta, mas é uma questão de tempo; caminha-se para isso. Por falta de conhecimento para tornar exitoso o processo, mas, fundamentalmente, por falta de dedicação mais sistemática ao assunto e porque alguns colocam seus interesses pessoais acima da dimensão associativa. As questões legais sobre o assunto entravam e atrapalham muito (2): é algo complexo por implicar a dimensão material e os compromissos ligados à associação, isto é, vínculos empregatícios e espirituais.

Devido aos Irmãos: enquanto há Irmãos que não vêem com simpatia a idéia e a proposta da associação, outros, embora vejam a necessidade, não encontram forma de efetivá-la, e têm receio, por isso não tomam a iniciativa. “São eles [os Irmãos] que devem tomar a iniciativa, e não os Leigos”.

Devido aos Leigos: porque muitos deles ainda não descobriram La Salle. Para outros, a idéia vigente de associação passa a impressão de que o Leigo viveria quase como um Irmão, quando, embora casado e com família, o Leigo pode vivenciar a fé, a fraternidade e o serviço, ao estilo de Leigo. De outra parte, muitos Colaboradores se distanciam da associação ao deixar a escola – talvez porque seu interesse fosse apenas profissional, ou por questões trabalhistas –, o que não deveria acontecer.

Devido a ambos (Irmãos e Colaboradores): enquanto um afirma que sabe muito pouco sobre Irmãos e Leigos para uma avaliação mais séria, outro atribui a não existência a certa imaturidade “racional e espiritual”, porque, quanto mais unidos para a realização da missão, mais certo ela dará. Outro, ainda, atribui essa ausência à falta de definição do papel do Irmão

e do Colaborador. Por fim, “Percebe-se disputa e sutil concorrência entre alguns Irmãos e Leigos”.

Das respostas dos Colaboradores decorrem observações assaz importantes:

1ª. De modo geral passam a impressão de maior profundidade nas respostas que os Irmãos e que, nelas, os Colaboradores não apenas apontam causas mas, também, possíveis providências, como, por exemplo, quando mencionam o desconhecimento de La Salle, o desconhecimento da identidade e especificidade de Irmãos e Leigos, de que resulta a idéia de muitos Leigos: de que teriam que viver como os Irmãos.

2ª. Também os Colaboradores manifestam certo clericalismo, embora de forma inversa à do Irmão, quando atribuem a este a obrigação de tomar a iniciativa para a associação: ela deve ser um processo conjunto, e não de responsabilidade de um ou de outro.

3ª. A insistência na idéia de que a associação deve ultrapassar os limites da escola, ao ser lamentado o afastamento dos Colaboradores que a deixam.

4ª. A alusão ao posicionamento contrário de alguns Irmãos, aliada à disputa pelo poder. É a primeira menção a esse fato. Contudo ele constitui uma realidade, pois se sabe de Irmãos que têm dificuldade em aceitar a presença e a colaboração do Leigo por temor de perder o poder. É a luta pelo poder expressa de forma sutil.

5ª. Diferentemente dos Irmãos, os Colaboradores apresentam sugestões para a efetivação da idéia: criar espaços e oportunidades para facilitar o conhecimento recíproco, superar “pré-conceitos”, organizar-se, comprometer-se, “ensaiar” experiências positivas de associação e divulgá-las.

2. Em sua opinião, essa associação seria necessária? Por que? Haveria Leigos que aceitariam fazer parte dela? Em caso negativo, por quê?

A) Sobre a necessidade da associação: entre os nove Irmãos que responderam, três afirmaram não saber se ela era necessária ou significativa, por falta de posição clara e muitas dúvidas sobra a forma que ela deveria assumir; três consignaram que não, por haver muitas leis que tolhem as iniciativas; porque há Colaboradores que atuam melhor que os Irmãos sem ela, e porque a vivência da fé, fraternidade e serviço é algo muito pessoal. Apenas um crê que, possivelmente, ela seria necessária.

Mas, em suas respostas, os Irmãos aduziram, ainda, outras razões em desfavor da associação: um julga que mais necessária que ela é a necessidade de "resgatar a confiança do ser lassalista, a associação de espírito na missão e o Colaborador". Outro pondera que a palavra "associação" não é a melhor [dado o seu viés jurídico]: "o preferível seria 'Colaborador', que se junta aos Irmãos na mesma missão e espiritualidade, mesmo porque todo o que trabalha numa obra lassalista é 'Colaborador', embora tenha vínculo empregatício". Outro, ainda, afirma que não foram encontradas formas que assegurem a organização da associação com liberdade e compromisso. Para último, o sentido da associação depende do fim a lhe ser proposto. E, encerrando as razões sobre a necessidade da associação, há a seguinte observação:

> Há outra possibilidade, na qual acredito. A educação que seja mediação para que cada pessoa se torne única e consciente do que faz, capaz de escolher e responsável por seus atos, criadora de sentido; então, sim, uma associação para cultivar algo mais espiritual se faz necessária; o mundo está carente dessas vivências de sentido profundo da vida e eu não me colocaria fora desse mundo[324].

A iniciativa da criação dessa associação cabe aos Colaboradores Leigos, embora seja difícil que eles pensem no assunto. Isso porque, se houver imposição por parte dos Irmãos, ela não durará muito e os Leigos passariam a depender dos Irmãos, o que não deve ocorrer.

Quanto à existência de interessados nessa associação é possível que surjam, embora poucos; devem existir ou vir a existir; sim, há colaboradores ansiosos por encontrar-se com colegas comprometidos com a mesma causa.

Possivelmente a resposta a seguir não represente a síntese dos posicionamentos dos Irmãos. Contudo, possibilita exemplificar a variedade de tais posicionamentos e, talvez mais, a falta de clareza dos Irmãos sobre o tema "Associação de Irmãos e Leigos para a Missão"[325]:

> Não [não é necessária]. Nosso trabalho educativo tem sido bem realizado ao longo desses quase cem anos de presença no Brasil. A forma como estamos organizados, numa parceria em vista da missão, tem sido exitosa nos atuais moldes. Não vejo motivos para criar formas de associação. Se elas surgirem espontaneamente, a partir dos colaboradores, será obra de Deus. Se elas não brotarem do interesse dos leigos, não acho que devam existir. Deixemos que os sinais dos tempos nos mostrem o que fazer. Quanto ao fato de haver leigos interessados em fazer parte de iniciativas de associação, acredito que haveria vários. Muitos colaboradores estão conosco há muitos anos, têm laços fortemente enraizados, estão imbuídos de nosso espírito, comungam com nossos ideais. Acredito que gostariam de associar-se a nós de forma mais sólida. Mas deve ser uma iniciativa deles, não nossa.

---

[324] Resposta de um Irmão à pergunta sobre a necessidade da Associação Irmãos e Colaboradores Leigos.
[325] Título dado pelo Grupo de Estudos Nº 5 do XI Capítulo Provincial para o tema em questão

À parte certo clericalismo em algumas afirmações, uma pergunta parece se impor: Qual o motivo desse posicionamento dos Irmãos? Não parece ser o desconhecimento do referencial doutrinal da Igreja Católica e do Instituto sobre o papel do Laicato e sobre a participação dos Leigos no Carisma Lassaliano, respectivamente, pois, nas respostas às sete primeiras questões, os Irmãos mostraram conhecê-lo com relativa profundidade.

Igualmente não parece ser o desconhecimento do sentido e das finalidades dessa associação, presentes que estão na literatura recente do Instituto. Contudo, a menção de obstáculos de ordem jurídica e econômica parece revelar o desconhecimento de formas de concretização da associação na linha proposta por um Colaborador ao responder à sétima questão: "Favorecer a busca de uma ASSOCIAÇÃO à espiritualidade lassaliana".

Então, uma possível alternativa para esse posicionamento em desfavor da associação talvez possa ser encontrada em algumas respostas de Colaboradores à questão 2.3.1: "Há Irmãos que não vêem com simpatia a idéia e a proposta" e "Percebe-se disputa e sutil concorrência entre alguns Irmãos e Leigos". Ou, dito em outras palavras: a disputa pelo poder entre alguns Irmãos e Colaboradores". Contudo, para uma afirmação mais sólida sobre esse aspecto, seria necessário um estudo mais profundo, o que escapa às dimensões deste trabalho.

Por fim, a afirmação de um Irmão de que "há Leigos (Colaboradores) que atuam melhor que os Irmãos sem a associação", parece soar mais como desculpa para a não existência da mesma. Todavia, se esta afirmação se refere ao campo do fazer, ou da competência, ela pode ser perfeitamente viável. E aceitável. Caso, porém, ela se refira à dimensão do ser, ela seria lamentável, pois o Irmão se comprometeu a um título novo, o da Consagração Religiosa, a viver mais decididamente a radicalidade do Batismo.

Como, ao longo das respostas, os Irmãos atribuíram aos Leigos (Colaboradores) a responsabilidade pela iniciativa da criação da associação, e estes a atribuíram aos Irmãos, surge a pergunta: "A quem deve caber a iniciativa de propor o estabelecimento da associação, aos Irmãos ou aos Leigos?"

Embora a iniciativa pareça dever partir dos Leigos (Colaboradores), pois, através da associação passariam a partilhar do carisma legado por La Salle primeiramente aos Irmãos, estes não podem adotar uma atitude passiva diante de assunto tão importante para a realização da missão confiada pela Igreja Católica ao Instituto. Seria encorajante para os Leigos (colaboradores) a iniciativa dos Irmãos de irem ao encontro do desejo deles, sugerindo e incentivando

o estabelecimento da associação e, em caso de resposta favorável dos Leigos (Colaboradores), juntos iniciarem os procedimentos para a existência da associação.

Nisso, aliás, os Irmãos estariam apenas imitando seu Fundador, La Salle, que soube envolver primeiro os mestres, e, depois, os Irmãos, na fundação e consolidação do Instituto nascente. Segundo Blain[326], La Salle procedia de tal modo que deixava aos Irmãos a impressão de serem eles os que tomavam a iniciativa. Essa forma pedagógica de proceder de La Salle discordava do habitual no Grande Século, parecendo bem mais de acordo com o pedido pelos tempos atuais.

B) Colaboradores: Dos oito que responderam, seis se declararam favoráveis à existência da associação e a acham "viável". Um Colaborador justificou seu não posicionamento, alegando desconhecer o assunto. Houve, portanto, da parte dos Leigos, quase unanimidade em favor da existência de uma associação Irmãos e Colaboradores para a realização da missão.

Como razões foram apresentadas as seguintes: favoreceria um maior e melhor atendimento educativo aos educandos; engajaria os Colaboradores no processo, fazendo-os sentirem-se mais responsáveis pela missão e fazerem mais e melhor por ela; somaria esforços para a continuidade e o crescimento do carisma e da obra lassaliana na educação – "que é a nossa missão" -, e para o fortalecimento do Instituto; congregaria pessoas que se sentem chamadas e comprometidas a uma vida cristã e educativa "mais acirrada"; e poderia dar origem a uma rede reunindo mesmo os que deixassem de ser Colaboradores, os quais, independentemente do fato, poderiam continuar aperfeiçoando sua espiritualidade, exercer o companheirismo e participar do movimento em favor da vida.

Quanto à existência de Colaboradores interessados em participar dela, as respostas variam de: "sim, muitos, com alegria", até "muitos/as Leigos/as optariam por ela e dela fariam parte, mesmo não querendo ou não podendo ser Irmãos", passando por "um número expressivo de Leigos aceitaria associar-se"; "há muitos Colaboradores muito empenhados na educação lassalista"; "é visível em muitos educadores o sentido de pertença e o amor ao que fazem e no que acreditam".

Comparando as respostas dos Irmãos e dos Colaboradores, chamam a atenção a diferença de "tom" delas e dois outros aspectos:

---

[326] Ver item 5.2. "Vós sois os Legisladores", p. 31.

a) A insistência na idéia de que, mesmo deixando de atuar em obra lassalista – Irmãos e Colaboradores que saem –, a associação com eles poderia continuar porque, também para os Leigos, o mais importante não é o que se faz, mas o que se vive.

b) Ao apontarem as razões da existência de muitos Colaboradores interessados na associação, os Leigos que se pronunciaram manifestam terem assimilado o essencial do carisma (espiritualidade e pedagogia) lassaliano e que ele pode ser vivido ao estilo de Leigos: não é necessário serem Irmãos para viverem dito carisma.

> 3. No caso de haver Leigos Lassalistas dispostos a fazer parte dessa associação, que características essa associação deveria ter?

A) Irmãos: Suas respostas obedecem ao seguinte esquema: – Características da associação: de voluntariado (2), por não exigir maior estrutura; de respeito às pessoas e suas crenças e sem discriminação; de disponibilidade (2) para assumir determinado sentido de vida; de acordo com a região. – Ponderações diversas: no momento a questão central é a confiança, e não a estrutura; a atual tendência ao desaparecimento das instituições; a adesão à associação poderia estar escondendo interesses pessoais; a ausência de autonomia – "agarrada ou dependente dos Irmãos" – não seria aceita por muitos educadores. Por isso, deve caber a eles estabelecer o perfil, os ideais e objetivos dela. Em síntese, tal associação só seria possível e viável quando as pessoas aceitassem viver de determinada forma e suas regras, sentido e missão fossem assumidos em conjunto.

Todavia, alguns Irmãos centraram suas observações em outra linha: para um, a finalidade da associação seria ser comunidade de fé. Outro entende que ela deveria nascer a partir das necessidades e interesses dos colaboradores, e não de regras e critérios pré-estabelecidos; cultivar a união com os Irmãos; ter vida e estruturas próprias; constituir-se em forma específica e independente de viver o carisma lassaliano, e ser capaz de tomar suas próprias decisões e gerir seus interesses. Outro Irmão, ainda, inseriu a seguinte ponderação:

> Nessa nova perspectiva, vemos nossa "Missão Partilhada" como sinal dos tempos; longe de ser uma situação lastimável, ela faz parte integrante de nossa vocação de religiosos leigos. Convida-nos o Espírito a uma compreensão mais rica e mais profunda do que somos e do que somos chamados a fazer[327].

---

[327] Irmãos das Escolas Cristãs. Circular 435, *42º Capítulo Geral*, p. 42.

Conclusão: a impressão de que, mais que apontar características, os Irmãos se detiveram em outros aspectos, dentre os quais merecem destaque os apontados no parágrafo imediatamente anterior.

Também chama a atenção o fato de dois Irmãos se terem julgado sem elementos para responder à questão e um deles ter considerado as questões do 2º Bloco como "indefinidas".

B) Colaboradores: Suas respostas apontam, inicialmente, para aspectos formais da associação: ter personalidade jurídica própria, isto é, ser autônoma, mas com estatutos e organização definidos conjuntamente por Irmãos e Leigos; ter caráter livre, democrático, participativo e motivado; oportunizar aos membros tempo para estudo; respeitar os movimentos de "ir e vir" dos associados e permitir segurança profissional e pessoal dos associados. – Aspectos relativos à associação como tal: basear-se, acima de tudo, no Evangelho e em La Salle, incentivando, ao mesmo tempo, seu conhecimento; visar à missão educativa lassalista e à continuidade do carisma lassaliano; oportunizar forte vivência de fé; assumir grande compromisso com a educação dos mais pobres (2); privilegiar, como aspectos imprescindíveis, a partilha, a união, a fraternidade e a assunção de projeto e causa comuns. Por fim, uma associação com essas características pede associados com formação humana, cristã e lassalista e uma identidade bem clara da Instituição.

É de ressaltar, nessas respostas, o caráter de autonomia pedido para essa associação, que deve resultar da ação conjunta de Irmãos e Leigos e não de um ou de outro, como sugerido em outras questões. Igualmente merece destaque, no tocante à natureza e objetivos da associação, a sugestão de embasá-la em Cristo e em La Salle, sua missão e seu carisma; de ser ela incentivo à vivência da fé e do serviço em favor dos menos favorecidos.

Dentro desse quadro destoa a sugestão de ligar a ela certas vantagens materiais e de segurança pessoal e profissional.

3. Pistas e perspectivas

3.1 Possíveis temas

De acordo com o esquema proposto, chegou o momento de, a partir das respostas dos Irmãos e Colaboradores Leigos, apontar lacunas, coincidências e discordâncias em relação à compreensão e à prática da associação Irmãos e Leigos para a realização da missão, e possíveis pistas e prospectivas – talvez mais estas que aquelas –, para o encaminhamento exitoso de aspecto tão importante para a continuidade e o crescimento do carisma lassaliano. Ou, dito

de outra forma, como Irmãos e Colaboradores Leigos, “juntos e associados”, poderiam proporcionar-se os benefícios mencionados em “2. As respostas e seus conteúdos”[328], tanto a eles, como à missão que juntos realizam, ao carisma lassaliano e ao próprio Instituto.

Durante essa elaboração, diversos aspectos chamaram a atenção, pela repercussão que poderiam ter na complementação do trabalho. Sem querer ser exaustiva, nem totalmente abrangente ou em ordem de importância, a relação de tais temas poderia ser a seguinte:

1º. A necessidade da formação dos Colaboradores Leigos para o conhecimento e a vivência mais profundos da fé cristã e de La Salle, sua vida, obra, carisma (espiritualidade e pedagogia). Segundo algumas respostas, a iniciativa de promover esta formação é de responsabilidade dos Irmãos, considerados pelos Colaboradores Leigos como a “alma”, a “memória”, e a “referência” lassaliana na Comunidade Educativa Lassalista.

2º. A necessidade de, tanto Irmãos, como Colaboradores Leigos, clarear sua identidade e, no caso dos Irmãos, o sentido de sua associação, ou do “juntos e associados”, posto por La Salle como móvel propulsor da construção e consolidação do Instituto, em vista da realização de seu fim: o serviço educativo a pobres, lembrado por diversos Colaboradores Leigos em suas respostas.

3º. O conhecimento do real sentido da “Associação Irmãos e Leigos para a realização da Missão”, e dos diversos aspectos a ela relacionados: embasamento, organização, objetivos, frutos, integrantes. Note-se que, por diversas vezes, Colaboradores Leigos sublinharam que, mesmo deixando a escola, os integrantes da associação deveriam continuar fazendo parte dela, pelos benefícios que disso poderiam tirar; e a definição quanto a quem cabe a responsabilidade pelo estabelecimento da associação.

4º. A ausência de menção à Eclesiologia do Concílio Vaticano II no tocante ao papel do Laicato e sua especificidade. Enquanto sobre a Vida Consagrada há muitos estudos, sobre a Teologia do Laicato este estudo parece relativamente pequeno, ou não muito divulgado.

5º. De par com o que se passa com a Teologia do Laicato, pode-se aludir a um relativo desconhecimento, por parte de certo número de Irmãos, pelo menos a partir das respostas recebidas, da literatura do Instituto sobre os Leigos e a Associação.

---

[328] Ver p. 111 a 129..

6º. A menção, por parte de um Irmão, da necessidade de acolher os Colaboradores Leigos a partir de "critérios bem definidos", com base na "filosofia e missão lassalista", e na "disposição de assumir realmente a missão educativa". Há critérios definidos para essa acolhida (admissão) do Colaborador Leigo na Comunidade Educativa? E para a sua dispensa?

7º. A referência ao desconhecimento de iniciativas exitosas na linha da associação lembra o que já havia na Província Lassalista de Porto Alegre nesse sentido e que, posteriormente, foi descontinuado. Contudo, é algo a ser estudado e recuperado, pela ajuda que poderá significar.

8º. Embora tenha havido apenas uma referência, de um Colaborador Leigo, sobre a existência de "disputa e sutil concorrência entre alguns Irmãos e Leigos", ela possibilita levantar a questão da luta pelo poder nas Comunidades Educativas Lassalistas. Algo, portanto, que mereceria algumas considerações neste trabalho, à guisa de esclarecimento.

9º. A conveniência, ante as respostas à Pesquisa, de se pensar na possibilidade de um reestudo do sentido, em nossos dias, do carisma lassaliano e da associação, conforme aventado no Projeto de Pesquisa apresentado[329].

3.2 Considerações sobre "luta pelo poder", "confiança entre irmãos e colaboradores leigos" e "responsabilidade pela organização da associação"

Desse elenco de aspectos ressaltados, e antes de definir possíveis "Prospectivas" em vista da continuidade do trabalho, algumas considerações sobre os três tópicos acima. Embora o relativo ao poder esteja incluído entre os possíveis temas para a continuidade do estudo, os demais visam responder a aspectos mais pontuais e não serão incluídos entre as "Prospectivas".

3.2.1 "Luta pelo poder" entre Irmãos e Colaboradores Leigos

As possíveis razões para um posicionamento dos Irmãos em desfavor da associação podem ser inferidas de duas respostas de Colaboradores Leigos à questão posta após o enunciado: "Entre nós ainda não existe uma associação que congregue os Leigos Lassalistas que desejam viver, como Leigos, as dimensões da identidade lassalista: fé, fraternidade e serviço. 1. Por que será que ainda não existe esta associação?"

---

[329] Projeto de Pesquisa Científica, p. 17.

Segundo um Colaborador, uma das razões seria porque “Há Irmãos que não vêem com simpatia a idéia e a proposta [da associação]”. Para outro: “Percebe-se disputa e sutil concorrência entre alguns Irmãos e Leigos”.

Até certo ponto, essas duas afirmações parecem completar-se e apontar para uma mesma direção: tal atitude de não aceitação, e tal disputa “e sutil concorrência”, poderiam esconder certo temor de alguns Irmãos de, com a criação da associação, os Colaboradores passarem a deter, em maior ou menor parcela, o poder na Comunidade Educativa e eles, Irmãos, passarem a ocupar uma posição secundária. O que não lhes parece aceitável, motivando a luta pelo poder entre alguns Irmãos e Colaboradores Leigos.

Além de resultar, ao que parece, de uma compreensão e prática inadequadas do que seja a associação, esse fato revela o desconhecimento do verdadeiro sentido da associação: segundo um Colaborador Leigo: “uma associação à espiritualidade lassaliana”, ou, segundo um Irmão: “Uma associação para cultivar algo mais espiritual se faz necessário. O mundo está carente dessas vivências de sentido profundo da vida”.

Por terem sido apenas duas as afirmações nessa linha, e por falta de dados mais sólidos, porque esse tema não estava dentro dos itens previstos para o trabalho, e sobre ele não houve pergunta na Pesquisa, fica somente o registro do afirmado nas duas respostas.

É possível, porém, que outros Colaboradores Leigos tenham essa mesma impressão, advinda, pelo menos em parte, do fato de a escola pertencer a uma Mantenedora integrada pelos Irmãos. No fundo, estes são vistos como “os donos”, especialmente após a interferência de questões sindicais na atividade educativa.

Em face disso, e pelas duas aludidas afirmações, parece que este aspecto está mais presente nos Irmãos. Em si, o temor de perder o poder, parece inerente a quem ocupa uma posição superior. Uma observação dos fatos mostra que normalmente custa, a quem detém o poder, desfazer-se dele ou partilhá-lo. E que, também em geral, quem não o tem, busca chegar a ele. Contudo, seria necessário um estudo mais profundo, da História e de outras Ciências, para definir esse aspecto com mais segurança.

3.2.2 “Confiança entre Irmãos e Colaboradores Leigos”

Embora não conste da relação dos temas elencados, o tema da “Confiança entre Irmãos e Colaboradores Leigos” decorre do “tom” das respostas dos Irmãos sobre os Colaboradores Leigos à medida que avançam as questões. De favorável, nas respostas às seis primei-

ras, nas quais mostram confiança e apreço pelos Colaboradores Leigos, passam a um "tom" menos favorável, e até negativo, ou, talvez, mais realista, da sétima em diante, deixando assim transparecer, através delas, certa desconfiança.

Já os Colaboradores Leigos afirmam, em muitas de suas respostas, que confiam nos Irmãos, que reconhecem o que por eles é feito em seu favor e que, no fundo, os consideram como a "alma", a "memória" e a "referência" para sua vida e missão.

Assim, ao responderem à primeira questão "Pelo que você sabe, qual o pensamento e a posição do Instituto Lassalista frente à presença de Colaboradores Leigos nas Escolas dos Irmãos?", os Leigos afirmam que os Irmãos confiam neles, e o demonstram, buscando formas de associá-los, de formar com eles comunidades de fé, de fazê-los partilhar da missão, dos processos estratégicos e de gestão; que investem neles, Colaboradores Leigos, para sua formação e identificação com o carisma, e que viam nos Irmãos acolhida e abertura.

Nas respostas à segunda questão: "O que você pensa e como você se posiciona frente a esta presença dos Colaboradores Leigos nas Escolas Lassalistas?", os Irmãos, em suas respostas, afirmam que os Leigos "não são meros ajudantes"; que, bem orientados, sustentam a obra – embora não digam que cabe a eles, Irmãos, orientá-los; que os Leigos podem ajudá-los a crescer. Um Irmão chegou a afirmar que se deveria caminhar para a associação com eles.

Entre as respostas dos Colaboradores Leigos a essa mesma questão, a de que eles se reconhecem necessários ao trabalho dos Irmãos, um deles faz a seguinte advertência:

> Caso os Irmãos não invistam na formação, no conhecimento e no comprometimento dos Leigos com a proposta lassalista, virá o esgotamento de recursos humanos e do seguimento do carisma lassaliano[330].

Numa resposta à quarta questão, "Qual é a missão e quais sãos as tarefas específicas dos Irmãos na Comunidade Educativa Lassalista?", um Irmão afirma que os desafios do mundo atual exigem que os Irmãos sejam "menos tarefeiros". De sua parte, os Leigos dizem caber aos Irmãos cooperar na formação deles; promover o conhecimento de La Salle e o que a ele se refere; coordená-los, animá-los, orientá-los na vivência da espiritualidade lassaliana, para que a escola lassalista guarde o seu referencial.

---

[330] Advertência de um Colaborador Leigo à 2ª questão do 1º Bloco. Ver p. 111 a 119. A pesquisa foi anônima.

Como estas, outras respostas parecem indicar que os Colaboradores Leigos sabem qual o verdadeiro papel do Irmão na Comunidade Educativa e esperam que ele o realize. Também esperam do Irmão aceitação, acolhida, inventividade, animação, orientação, atitudes que eles, Colaboradores Leigos, têm por fundamentais. Essas respostas mostram que eles confiam nos Irmãos.

O tom das respostas dos Irmãos muda a partir da sétima questão: “Como os Colaboradores Leigos se situam com relação à missão e à espiritualidade lassalianas?”: Em muitos é fraca a vivência delas; outros realizam sua tarefa educativa como qualquer outro educador, atentos apenas ao salário; desconhecem o carisma lassaliano, pois, caso o conhecessem, viveriam e atuariam de modo diferente. E concluem: “Há muito por fazer” para que façam suas a missão e a espiritualidade lassalianas.

Na oitava questão: “Por que será que ainda não existe esta associação?” [que congregue os Leigos Lassalistas que desejam viver, como Leigos, as dimensões da identidade lassalista: fé, fraternidade e serviço], a quase totalidade das respostas dos Irmãos revela desconhecerem em que consista essa associação. Um deles afirma: “Abraçamos pouco e o que passamos a eles [Colaboradores Leigos] é ainda pobre”. É questão de tempo, diz outro, mas caminha-se para ela [a associação]. Enquanto isso, um Colaborador Leigo propõe a criação de espaços e oportunidades para facilitar o conhecimento recíproco, superar “pré-conceitos”, organizar-se, comprometer-se, “ensaiar” experiências de associação e divulgá-las.

Em síntese, em suas respostas sobre a necessidade da associação, três Irmãos disseram não ser necessária; três, que não sabiam dizer se o era; dois, que talvez fosse necessária, e um não se posicionou. O que significa que praticamente nenhum Irmão afirmou que a associação era realmente necessária. Enquanto isso, dos oito Colaboradores Leigos que responderam, seis disseram ser ela necessária, um que era viável, e um não o saber. O que significa que 75% deles declararam-se favoráveis à associação.

A partir dessas citações, pode caber a conclusão de que a prática da associação entre os Irmãos está bastante afastada da compreensão da mesma. Pelo menos parece ser essa uma possível leitura do afirmado nas respostas às seis primeiras questões em relação ao aduzido nas quatro últimas.

3.2.3 “Responsabilidade pela Organização da Associação” ou: “A quem cabe tomar a iniciativa no referente à associação: Os Irmãos dizem que aos Leigos, e os Leigos, que aos Irmãos”.

Como observação inicial, a de que os elementos para essa resposta serão extraídos do constante no item 2: “As Respostas e seu Conteúdo”[331]. Isso permitirá evitar algumas repetições e salientar apenas o que se refere ao assunto, evitando também a transcrição das perguntas no seu inteiro teor.

Ao responderem à primeira questão, sobre a presença e a colaboração dos Leigos nas escolas lassalistas, os Colaboradores Leigos reconhecem que os Irmãos buscam formas de associá-los à sua missão, de, com eles, formar comunidades de fé, fraternidade e serviço e que os convidam a partilhar com eles missão, processos estratégicos e de gestão, o que é tido como positivo. Um dos Colaboradores afirma que o assunto “associação” é bastante tratado, sem indicar de quem a iniciativa de propô-lo para estudo.

Na segunda questão, ainda referente a essa presença dos Leigos nas escolas lassalistas, depois de considerar os benefícios oferecidos pela presença dos Colaboradores Leigos, um Irmão aponta para a necessidade de caminhar efetivamente para a associação para a missão, deixando entrever que a iniciativa poderia caber aos Irmãos. Neste sentido, ainda, poderia ser tomada a advertência de um Colaborador Leigo na mesma questão quando diz: “Caso os Irmãos não invistam na formação, no conhecimento e no comprometimento dos Leigos com a proposta lassalista, virá o esgotamento de recursos humanos e do seguimento do carisma lassaliano”. Para esse Colaborador Leigo parece claro que a iniciativa para a associação – “comprometimento” – cabe aos Irmãos.

A questão três trata do que os Irmãos e Colaboradores Leigos têm em comum na Comunidade Educativa. Para os Irmãos, trata-se de manter as escolas, juntos e associados, constituir uma verdadeira comunidade educativa, vivendo associados com os Colaboradores Leigos, assumindo, com eles, a causa da educação, vivendo, com eles, o espírito de fé, fraternidade e serviço. Não dizem, porém, a quem caberia a iniciativa de propor essa associação. Contudo, como o “juntos e associados”, era, inicialmente, específico dos Irmãos, pareceria, até certo ponto, lógico coubesse a eles a iniciativa de associar outros a eles.

---

[331] “2. As Respostas e seu Conteúdo”, p. 111 a 129.

Na quarta questão, os Irmãos voltam a se referir ao realizar, juntos e associados, o fim do Instituto. Mas o que segue não permite deduzir se essa associação se refere à dos Irmãos entre si ou à sua associação com os Colaboradores leigos.

Essa mesma dúvida paira sobre a afirmação de outro Irmão, que salienta, após enumerar alguns aspectos da missão do Irmão, que os frutos daí advindos provinham da coesão e da associação para o serviço educativo a pobres, que era a razão de ser do Voto de Associação emitido pelos Irmãos nos começos do Instituto[332].

De sua parte, os Colaboradores Leigos salientam, nessa questão, que esperam que o Irmão seja "exemplo e modelo" de pessoa e de Irmão Consagrado à Missão da Educação.

A quinta questão deseja saber qual a missão e quais as tarefas específicas do Colaborador Leigo na Comunidade Educativa. Entre elas, um deles salienta a de "somar esforços com os Irmãos", sem indicar se isso se daria através da associação.

A atitude e o papel do Irmão em relação ao Colaborador Leigo constituem o objeto da sexta questão. Nela, tanto os Irmãos quanto os Colaboradores Leigos aludem respectivamente à partilha da missão, tarefas e responsabilidades, e à partilha do trabalho e da coordenação, mas sem aludir à associação.

"Como os Colaboradores Leigos se situam com relação à Missão e a Espiritualidade Lassaliana" é o que pergunta a sétima questão. Para os Irmãos, os Colaboradores Leigos podem partilhar o carisma dos Irmãos, mesmo deixando a escola. Ao afirmar "Favorecer a busca de uma associação à espiritualidade lassaliana", um colaborador Leigo foi o primeiro a apontar para o que seria a verdadeira característica da associação e, embora não diga a quem caberia a iniciativa de propô-la – pareceria que aos Irmãos –, sublinha que os colaboradores Leigos devem apoiar esta busca, ou seja, apoiar os esforços dos Irmãos para chegarem a essa associação.

As perguntas oito, nove e dez referem-se diretamente à associação: razões porque ela ainda não existe, sua necessidade, interessados em integrá-la e características que deveria ter. Quanto às razões de por que ela ainda não existe, dois Irmãos dizem desconhecê-las, outros falam até de razões de ordem jurídica e econômica, e outro Irmão recomenda que, antes de

---

[332] Ver o referente a esse Voto na p. 30ss.

ocupar-se dessa associação, os Irmãos deveriam voltar a viver em profundidade a sua associação. Outro, por fim, afirma que “abraçamos pouco e o que passamos a eles ainda é pobre”. Se nesse “pouco” está incluída a associação, então a iniciativa de propô-la pareceria caber aos Irmãos.

De forma mais direta, outro Irmão afirma que o estabelecimento da associação não pode ser “forçado” pela Província. Isso significaria que caberia aos Leigos propô-la? É o que outros Irmãos afirmam em frases como: “A iniciativa deve surgir dos Leigos”, embora eles sejam incapazes de organizar-se (2) e precisem do apoio dos Irmãos (2). Contudo, dependerá deles: “Quando sentirem necessidade dela”, ou quando virem “que vale a pena associar-se de um modo formal”. “São eles que devem posicionar-se”. Já, segundo outros Irmãos, “Ou porque os Leigos não querem ou os Irmãos não deixam” (Luta pelo poder?). “Falta de maturidade de Irmãos e Leigos”, ou “ambos não sabem o que fazer com ela, suas implicações e conseqüências”.

Não estariam os Irmãos, ao passar aos Leigos a responsabilidade pelo surgimento da associação, esquecendo que eles são os primeiros herdeiros do carisma de La Salle, e que, segundo os Documentos da Igreja Católica e do Instituto, caberia a eles acolher os Leigos e com eles partilhar a herança recebida de La Salle?

Para um Colaborador Leigo, a associação é uma questão de tempo e sua inexistência se deve, entre outras razões, à falta de conhecimento, de alguém que abrace a causa e a ela se dedique. Ou então porque alguns Irmãos não vêem a idéia com simpatia, julgam a associação desnecessária, não sabem como concretizá-la, têm medo, por isso não tomam a iniciativa. Sim, porque segundo os Colaboradores Leigos, devem ser os Irmãos que tomam a iniciativa, e não eles, os Leigos.

Mas, também da parte dos Colaboradores Leigos há problemas: não conhecem La Salle, julgam que a associação os obrigaria a viver quase como Irmãos, que não há diferença clara entre o papel do Irmão e do Leigo. E é nesse contexto que um Colaborador Leigo afirma: “Percebe-se uma disputa e uma sutil concorrência entre alguns Irmãos e Leigos”.

Como conclusão, alguns Colaboradores leigos sugerem, como forma de favorecer o surgimento da associação, a criação de espaços e oportunidades para o conhecimento recíproco, a superação de “pré-conceitos”, a organização, o comprometimento e o “ensaio” de experiências positivas de associação e sua divulgação.

Quanto à necessidade da associação, assunto da questão nove, já foi salientado que, para oito dos Irmãos, ela, em si, não o é. Entre as várias razões por eles citadas para justificar seu posicionamento, merece ser retida a que observa que a palavra “associação” não é a mais indicada, por seu viés jurídico, sugerindo buscar outro termo para designá-la.

Para a maior parte desses Irmãos, a iniciativa deve ser dos Leigos: se partir dos Irmãos e for imposta, não durará muito. Mas, para um Irmão, não há, em si, razões para criá-la: há quase 100 anos que se realiza a missão educativa na Província sem ela. Contudo, se ela surgir, que seja dos Leigos. Então será obra de Deus. Os “sinais dos tempos” devem mostrar o que fazer. Finalizando, insiste na afirmação: se surgir, que seja por iniciativa dos Leigos. E não dos Irmãos.

Parece, assim, demonstrado o autêntico empurra-empurra quanto a quem cabe a iniciativa pelo estabelecimento da associação. Em razão disso, e para não aduzir elementos que poderiam ser repetitivos, foi assim que se expressou, em síntese, um Colaborador Leigo na questão dez, referente às características da associação: “A associação deve ter personalidade jurídica própria, com estatutos e organização definidos conjuntamente por Irmãos e Leigos e ter caráter livre, democrático, participativo e motivado”.

Eis a resposta sobre a quem cabe a iniciativa do estabelecimento da associação. Isso não significa que os Irmãos ou os Colaboradores Leigos não possam sugerir sua criação. Mas, a concretização da idéia deve ser fruto do engajamento de ambos, Irmãos e Colaboradores Leigos. Juntos, eles devem constituí-la, estabelecendo seus fins e objetivos, seu perfil, sua estrutura e torná-la aberta a todos os Leigos Lassalistas. Como principal característica estará sua autonomia em relação à estrutura da Província Lassalista de Porto Alegre. Para os Colaboradores Leigos, essa autonomia é fundamental. O que não impede que os Irmãos sejam, também para ela, “alma”, “memória” e “referência”.

3.3 Em termos de prospectivas

Após as considerações sobre os temas do item 3.2. optamos pelos seguintes temas na linha das “Prospectivas” para a continuidade do estudo realizado:

3.3.1 Formação dos Colaboradores Leigos

Atualmente está em andamento, na Província Lassalista de Porto Alegre, o Plano de Formação[333] dos Irmãos e dos Leigos. No tocante aos Leigos, o Plano prevê três etapas, ou Programas, o primeiro a ser desenvolvido nas Comunidades Educativas, o segundo destinado a Colaboradores selecionados para um maior aprofundamento nas dimensões humana, cristã e lassalista, a cargo da Província, e o terceiro, que tem por fim a formação de Leigos para a vivência do carisma lassaliano em seu estilo de vida e o preparo de formadores para os integrantes dos Programas I e II, a cargo do Centro Universitário La Salle. É no desenrolar desses Programas que são desenvolvidos os diferentes aspectos relativos à Associação Irmãos e Leigos para a Missão.

Todavia, em termos de Prospectivas, há dois aspectos que necessitam receber atenção especial:

1º A Formação dos Irmãos para a vivência da Associação com os Leigos, para o que se poderia aproveitar o Programa de Estudos Lassalianos previsto para ser desenvolvido nas Casas de Formação, destinadas aos candidatos à Vida Consagrada como Irmãos. O estudo dos embasamentos teológico e histórico e a realização de experiências práticas estariam incluídos nesse preparo dos Irmãos para a vivência da Associação com os Leigos.

2º. A Preservação da Memória Histórica referente ao que já foi feito em prol da formação do Leigo Lassalista e dos intentos realizados para a concretização do ideal de uma associação entre Irmãos e Leigos na Província Lassalista de Porto Alegre. Essa Memória Histórica deveria abranger, entre outros aspectos, um breve histórico do que já foi feito, os aspectos positivos daí advindos, as dificuldades enfrentadas para sua continuidade e as causas das mesmas, além de possíveis lições que esse tipo de memória histórica pode propiciar.

3.3.2 O estudo da “Teologia do Laicato”

Como segunda “Prospectiva”, englobando os tópicos “Clarear a identidade de Irmãos e Colaboradores Leigos” e “Eclesiologia do Concílio Vaticano II no tocante ao papel do Laicato”, propomos o estudo da “Teologia do Laicato”, tendo por objetivo o reforço do estudo, por Irmãos e Leigos, da Teologia da vida cristã leiga e o compromisso resultante do Batismo. Por ela se veria que os Leigos colaboram com os Irmãos não só pela insuficiência numérica

---

[333] Província Lassalista de Porto Alegre, Plano de Formação. Canoas : La Salle Gráfica Editora. 2002. 128 p.

destes, mas porque o mundo da educação é um dos *locus* para viver esse compromisso, e a pedagogia e a espiritualidade lassalianas um dos estilos possíveis para vivê-lo. Ver-se-ia, então, que o importante não é descobrir La Salle em si, mas descobri-lo como um estilo comprovadamente possível de viver o Evangelho, em um campo profissional específico, que é o da educação.

Ao estabelecerem a identidade do Leigo que com eles colabora, os Irmãos ver-se-iam obrigados a clarear a sua própria identidade, o sentido da Associação e do Carisma, a eles legados por La Salle e os primeiros Irmãos dentro de um contexto histórico, mas vividos, hoje, dentro de outro contexto, muito diferente do existente nos séculos XVII e XVIII.

Outrossim, parece ser a ocasião para aprofundar o tema: "Ser lassalista ao estilo leigo", seu significado e o modo de fazê-lo. Especialmente pelas implicações que traz para o viver dos Irmãos, em termos de abertura aos desafios oferecidos pela contemporaneidade, pelo enriquecimento que lhes oportuniza o diferente e a pluralidade, e, como lembrado diversas vezes por Colaboradores Leigos, para a realização do fim do Instituto: a educação humana e cristã, especialmente da juventude, que hoje enfrenta tantos tipos de pobreza.

Por fim, parece poder ser incluído nesse tópico o que foi, por diversas vezes, mencionado: "A criação de comunidades de fé, fraternidade e serviço" no interior das Comunidades Educativas. Embora seja um tema vasto, que engloba a definição e a caracterização de tais comunidades, sua estruturação, seu modo de funcionar, além de outros aspectos mais.

3.3.3 A questão do poder

Depois da proposição de temas tão fundamentais como "Prospectivas", "A Questão do Poder" parece estar deslocada. Contudo, convém não esquecer que ela tem um papel importante e que, muitas vezes, pode dificultar a concretização de objetivos mais elevados, como o apontou a observação de um Colaborador Leigo ao responder à 1ª questão do 2º Bloco[334]. Apesar dessa possível importância, privilegiar-se-ia, numa possível continuidade deste trabalho, as duas primeiras "Prospectivas", com seus vários desdobramentos,.

3.4 Conclusão

A conclusão deste Capítulo possibilitou chegar à definição do título do trabalho, colocando-o na linha da tradição do Instituto e, ao mesmo tempo, explicitar melhor sua abrangên-

---

[334] Ver p. 122ss.

cia quanto ao conteúdo e ao espaço. Outrossim, possibilitou, mediante a pesquisa realizada, uma idéia mais aproximada da compreensão e da prática da relação Irmãos e Colaboradores Leigos na realização da missão educativa.

As perguntas, centradas em dois blocos, o primeiro sobre a presença dos Colaboradores Leigos nas escolas lassalistas e, o segundo, sobre a Associação, possibilitaram conhecer, de maneira mais ou menos aproximada, o pensamento e a posição de Irmãos e Colaboradores Leigos sobre essa presença do Leigo na escola lassalista, o que Irmãos e Colaboradores têm em comum na Comunidade Educativa Lassalista, qual a missão e quais as tarefas específicas de ambos na mesma comunidade, qual a atitude e qual o papel que os Colaboradores esperam que o Irmão exerça em relação a eles; por fim, como os Colaboradores Leigos se situam em relação à missão e à espiritualidade lassalianas. As respostas a essas questões revelaram existir uma boa compreensão, de ambas as partes, do aspecto doutrinal no referente ao papel de ambos na comunidade educativa lassalista.

Com referência à Associação, objeto das perguntas do segundo bloco, buscou-se saber se tal associação era necessária, as razões pelas quais ela ainda não existia, se haveria interessados em participar dela e, em caso de vir a ser criada, quais as características de que deveria se revestir. As colocações dos Irmãos e dos Colaboradores Leigos apontaram para uma significativa discordância e revelaram, em especial, o desconhecimento do sentido que deveria ter tal associação para a Missão.

Além das observações ao longo de "As Respostas e seu Conteúdo"[335], pareceu conveniente uma referência maior a três aspectos: Uma possível "luta pelo poder" entre Irmãos e Colaboradores na Comunidade Educativa, a questão da confiança entre eles e, por fim, a quem deveria caber a iniciativa de propor a criação da associação.

Já na linha das "Pistas e Prospectivas", de uma relação de temas recorrentes ao longo das respostas, foram selecionadas as "Prospectivas", ou seja, temas cujo aprofundamento daria ao trabalho uma dimensão mais ampla e profunda. Tais temas são: a Formação de Irmãos e Colaboradores Leigos para a Associação em vista da missão, complementada pelo resgate da história das iniciativas havidas na Província Lassalista de Porto Alegre nessa linha. Como segundo núcleo, "A Teologia do Leigo Lassalista", envolvendo o estudo de diversos aspectos,

---

[335] "2. As Respostas e seu Conteúdo", p. 111. a 129.

entre os quais a identidade de Irmãos e Colaboradores Leigos, por sua interferência na associação e na missão, a especificidade do ser lassalista e a explicitação da “Comunidade de fé, fraternidade e serviço”, objetivo da ação de Irmãos e Colaboradores Leigos na Comunidade Educativa. Encerra essa relação “A questão do poder” na Comunidade Educativa. Como as duas anteriores ela ultrapassa os limites propostos ao trabalho, constituindo-se, por essa razão, em possíveis assuntos de ulteriores aprofundamentos.

CONCLUSÃO

Impressionado pela situação de abandono da infância pobre de seu tempo, João Batista de La Salle, aos poucos, foi deixando o mundo da burguesia para, com um grupo de mestres, a partir de 1679, em Reims, na França, procurar responder às necessidades dessa infância abandonada, através de uma educação humana e cristã de qualidade.

Para alcançar esse objetivo, reuniu os mestres, que, após, assumiram o nome de Irmãos, e com eles passou a viver em comunidade; ao mesmo tempo, dedicou-se a formá-los no sentido de abraçarem inteiramente a instrução e a educação cristã. Por essa razão, optou pelo caráter laical para o Instituto nascente: sem os encargos do ministério sacerdotal, os Irmãos poderiam dedicar-se inteiramente à tarefa educativa.

Momento importante na vida da Comunidade aconteceu em 1694, quando La Salle e doze Irmãos emitiram o Voto de Associação, pelo qual se comprometiam a, juntos e associados, procurar a glória de Deus através da mantença das escolas destinadas aos "filhos dos artesãos e dos pobres".

Esse Voto foi de fundamental importância para a existência da Comunidade das Escolas Cristãs e se tornou a alma que continuou a impulsionar a vida do Instituto após 1717, quando um Irmão, conforme o compromisso assumido em 1694, passou a dirigir o Instituto.

Até meados do século XIX, conforme o atesta a História do Instituto, as escolas eram dirigidas e mantidas unicamente por Irmãos. Embora a promoção do Laicato estivesse presente desde as origens do Instituto, com a fundação do Seminário para Mestres Rurais em 1685, primeiro em Rethel e, após, em Reims, não era aceita a presença de Leigos nas Escolas dos Irmãos.

Face, porém, às necessidades surgidas, especialmente nos países de missão do Oriente, a presença dos leigos se tornará uma realidade cada vez mais marcante, especialmente na segunda metade do século XIX e início do século XX.

Por ser algo "novo" na vida do Instituto, essa presença suscitou reações diversas entre os Irmãos. Todavia ela assumiu nova dimensão a partir do Concílio Vaticano II, quando a I-

greja Católica se abriu aos sinais dos tempos, que pediam uma visão diferente da vocação e da missão do Leigo, como integrante do povo de Deus, e, como tal, chamado a participar da missão salvífica da Igreja e do anúncio do Reino, construindo comunhão e solidariedade.

Ao mesmo tempo, muitos cristãos passaram a manifestar aos Institutos de Vida Consagrada o desejo de participarem da espiritualidade e da missão inerentes ao carisma congregacional como elemento inspirador de sua missão como Leigos.

Foi na eclesiologia conciliar e nesse desejo de muitos Leigos engajados em suas obras e atividades que o Instituto encontrou a fundamentação para sua ação em favor deles. Abriu-se aos Leigos que se propunham viver a radicalidade batismal segundo o espírito próprio do Instituto e desejavam participar da missão do mesmo.

Um dado histórico permite acompanhar a evolução da posição do Instituto em relação aos Leigos: se o Capítulo Geral de 1956 viu a presença do Leigo como “um fato providencial”, o de 1966/1967 falou em “colaboração” e “participação” dos Leigos, o de 1976, em “Graus de Pertença” dos Leigos, o de 1986, em “Família Lassalista”, o de 1993, em “Missão Partilhada” e o de 2000, em “Associação para o Serviço Educativo a Pobres”.

Hoje, por novos sinais dos tempos, entre os quais predominam os progressos científicos e tecnológicos, geradores de uma revolução cultural profunda e de novos tempos, o Espírito impele a uma tomada de posição, clara e decidida, em favor de uma participação plena dos leigos na vivência do carisma lassaliano.

É a partir desse retrospecto, em sua parte final fruto da reflexão do XI Capítulo realizado pela Província em 2005, que deve ser vista a pesquisa realizada para aquilatar a compreensão desse embasamento doutrinal e sua vivência, ou prática, no dia-a-dia, na relação Irmãos e Colaboradores Leigos na Província Lassalista de Porto Alegre.

Através das respostas, foi possível verificar um bom domínio do conteúdo doutrinal, e, ao mesmo tempo, a necessidade da assunção, de forma mais decidida, do relativo à prática de tais princípios, para que Irmãos e Colaboradores Leigos possam, juntos e associados, dar novo impulso à realização da missão de anunciar o Evangelho pela Educação.

Assim procedendo, os Colaboradores Leigos, como batizados, e os Irmãos, como batizados e consagrados, estarão vivendo, cada vez mais plenamente, seu compromisso batismal

de anunciar o Evangelho através da missão educativa, especialmente à infância e à juventude, hoje vítimas de tanto tipos de pobreza e exclusão.

BIBLIOGRAFIA

ÁLVAREZ GÓMEZ, Jesús. *Historia de la vida religiosa* v. 3: Desde la "Devotio moderna" hasta el Concilio Vaticano II. Madrid: Publicaciones Claretianas. 1990. 585 p.

BANNON, Edwin. *La Salle*: Peregrino y Fundador. Una lectura de la vida del Fundador de los Hermanos de las Escuelas Cristianas a la luz del Itinerario Evangélico de San Juan Bautista de La Salle, primer volumen de la tesis doctoral de Miguel Adolfo Campos Marino, FSC. Trad. de José Maria Bourdet. Santafé de Bogotá: RELAL. 2004. 242 p.

BÉDEL, Henry. *Initiation à l'Histoire de l'Institut des Frères des Écoles Chrétiennes* – Origi nes 1651-1726. Études Lasalliennes (EL 5). Rome: Maison Généralice FSC. 1994. 190 p.

_____. *Iniciación a la Historia del Instituto de los Hermanos de las Escuelas Cristianas* – El Siglo XVIII 1726-1804. Estudios Lasallianos (EL 6). Roma: Hermanos de las Escuelas Cristianas, 2002. 260 p.

_____. *Initiation à l'Histoire de l'Institut des Frères des Écoles Chrétiennes* – XIX Siècle 1805-1875. Études Lasalliennes (EL 9). Roma: Maison Généralice FSC. 2001. 212 p.

BERNARD, Frère. *Conduite admirable de la Divine Providence em la personne du vénérable Serviteur de Dieu Jean-Baptiste de La Salle, prêtre, docteur en théologie, ancien chanoine de l'église cathédrale de Reims et Instituteur des Frères des Écoles Chrétiennes.* Edition du ms. 1721. In: CAHIERS LASALLIENS no. 4. Rome: Maison Saint Jean-Baptiste de La Salle, 1965. 105 p.

BLAIN, Jean-Baptiste. *La vie de Monsieur Jean-Baptiste de La Salle Instituteur des Frères des Écoles chrétiennes – I.* In: CAHIERS LASALLIENS no. 7 (Blain 1 – 1B). Reprodução fotomecânica da original. Rome: Maison Saint Jean-Baptiste de La Salle. 1961. 448 p.

_____. *La vie de Monsieur Jean-Baptiste de La Salle Instituteur des Frères des Écoles chétiennes – II*. In: CAHIERS LASALLIENS no. 8 (Blain 2 – 2B). Reprodução fotomecânica da original. Rome: Maison Saint Jean-Baptiste de La Salle. 1961. 504

BRAATEN, Carl E., JENSON, Robert W. (Eds). A Igreja. In: *Dogmática Cristã.* São Leopoldo: Sinodal – IEPG. 1995. v. 2. p. 193-253.

CAMPOS MARINO, Miguel Adolfo. *Itinerario Evangélico de San Juan Bautista de La Salle* – Contribución al estudio de los fundamentos evangélicos de la vida religiosa. Madrid: Bruño, 1980. 312 p.

Catecismo da Igreja Católica. 4ª. São Paulo: Paulinas, Loyola, AveMaria / Petrópolis: Vozes, 1993. 744 p.

Código de Direito Canônico. 9ª. São Paulo: Loyola. 1995. 849 p.

CONFERÊNCIA do EPISCOPADO LATINO-AMERICANO (CELAM). *Conclusões da Conferência de Medellín – 1968*: Trinta anos depois, Medellín é ainda atual? São Paulo: Paulinas, 1998. 290 p.

_____, *Evangelização no Presente e no Futuro da América Latina.* In: Conclusões da III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano – Texto Oficial (Puebla). 6ª. São Paulo: Paulinas, 1984. 448 p.

_____, *Nova Evangelização Promoção Humana Cultura Cristã*. In: Conclusões da IV Conferência do Episcopado Latino-Americano – Santo Domingo – Texto Oficial. São Paulo: Paulinas, 1992. 264 p.

CONFERÊNCIA LATINO-AMERICANA DE RELIGIOSOS (CLAR). *Pelo Caminho de Emaús*. São Paulo: CLAR/CRB/ Loyola. 3ª. 2001. 140 p.

_____,. *Projeto Palavra Vida 1988-1993*. Rio de Janeiro: Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB). 1988. 96 p.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). *Igreja*: Comunhão e Missão na Evangelização dos Povos, no Mundo do Trabalho, da Política e da Cultura. In: Documentos da CNBB, no. 40. São Paulo: Paulinas, 1988. 125 p.

_____, *Missão e Ministérios dos Cristãos Leigos e Leigas*. Documentos da CNBB nº 62. São Paulo: Paulinas. 1999. 131 p.

CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL (CRB). *A Leitura Orante da Bíblia*. São Paulo: CFB/ Loyola, 1990. 80 p.

DALLA COSTA, Antônio Amélio. *Os Ministérios Leigos*: contribuição histórico-teológica na formação e acompanhamento dos ministros leigos. Santa Maria: Biblos, 2003. 360 p.

EICHER, Peter (Cord.). *Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia*. Trad. João Rezende Costal. São Paulo: Paulus, 1993. 1037 p.

FIORES, Stefano de; GOFFI, Tulio. *Dicionário de Espritualidade*. Trad. Augusto Guerra e Isabel Fontes Leal Ferreira. São Paulo : Paulus. 1993. 1037 p.

GALLEGO, Saturnino. *Huellas Fecundas* – Compendio de la Historia del Instituto de los Hermanos de las Escuelas Cristianas. Madrid: Gráficas Villena, 1981. 318p

_____. *São João Batista de La Salle* – fundador dos Irmãos das Escolas Cristãs (1651 – 1719). Trad. Ruperto Antônio Jaeger. São Paulo: Loyola, 1993. 249 p.

_____. *Vida y Pensamiento de San Juan Bautista De La Salle* – I vol. Biografia. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1986. 635 p.

_____. *Vida y Pensamiento de San Juan Bautista De La Salle* – II vol. Escritos. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1986. 901 pp.

GARNOT, Benoît. *Société, cultures et genres de vie dans la France moderne XVI – XVIII siècle.* Paris: Hachette, 1991.

GIL, Pedro Maria. *Tres Siglos de Identidad Lasaliana* – La relación misión-espiritualidad a lo largo de la Historia FSC. Études Lasalliennes 4 (EL 4). Rome: Maison Généralice FSC. 1994. 395p.

HENGEMÜLLER, Edgard. *La Salle Uma Leitura de Leituras* – O Padroeiro dos Professores na História da Educação. Canoas: La Salle, 2000. 259 p.

HERMANOS DE LAS ESCUELAS CRISTIANAS – Consejo Internacional de Estudios Lasalianos. *El Carisma Lassaliano.* Estudios Lasalianos Nº 13. Roma. 2005. 278 p;

HERMANS, Alphonse. *L'Institut des Frères des Écoles chrétiennes à l'a recherche de son statut canonique: des origines (1679) à la bule de Benoît XIII (1719).* In: CAHIERS LASALLIENS no. 11. Rome: Maison de Saint Jean-Baptiste de La Salle, 1962. 414 p.

_____. *Pratique du Réglement journalier* – Règles communes des Frères des Écoles chrétiennes – Règle du Frère Directeur d'une Maison de L'Institut d'après les manuscrits de 1705, 1713, 1718 et l'édition princips de 1726. In: CAHIERS LASALLIENS no. 25. Rome: Maison de Saint Jean-Baptiste de La Salle, 1965. 165 p.

_____. *Les Voeux des Frères des Écoles Chrétiennes avant la Bulle de Bonoît XIII* – Vol. I. In CAHIERS LASALLIENS no. 2. Rome: Maison Saint Jean-Baptiste de La Salle, 1960. p.42.

HERMANS. Alphonse, GAREIS, Arturo. *Contribution à l'étude des sources du Recueil des différentes petits traités.* In: CAHIERS LASALLIENS, nº 16. Rome: Maison Saint Jean-Baptiste de La Salle, 1961-1964, 104p.

IRMÃOS DAS ESCOLAS CRISTÃS. *O Irmão das Escolas Cristãs no Mundo de Hoje*. Coleção Lassaliana – 2. Canoas: La Salle, 1988. 88 p.

_____. *Regras Comuns e Constituições – 1947.* Mimeografada. Canoas. 72 p.

_____. *Regra dos Irmãos das Escolas Cristãs – 1986*. Roma. 2002. 288 p.

_____. Circular nº 403 – *40º Capítulo Geral.* Trad. Joaquim Sfredo. Porto Alegre: Editora Emma. 1976. 85 p.

_____. Circular 422 – *41º Capítulo Geral: Proposições e Mensagens*. Roma: Conselho Geral. 1986. 22 p.

_____. Circular 435 – *42º Capítulo Geral.* Trad. Joaquim Sfredo. Canoas: E.P. La Salle Gráfica – Editora. 1993. 113 p.

INSTITUTO ANTÔNIO HOUAISS. *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa* – Versão Eletrônica. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

JOÃO PAULO II. *Vita Consecrata*. Exortação Apostólica Pós-Sinodal. Documentos Pontifícios 269. Petrópolis: Vozes, 1996. 214 p.

_____. *Christifideles Laici*: Vocação e Missão dos Leigos na Igreja e no Mundo. Exortação Apostólica Pós-Sinodal. São Paulo: Paulinas, 1989. 191 p.

JOHNSTON, John. Carta Pastoral *A Defesa das Crianças, o Reino de Deus e a Missão Lassalista*, Trad. Arnaldo Mário Hillebrand. Canoas: La Salle Gráfica - Editora. 1999. 78 p.

_____. Carta Pastoral *O Desafio: Viver Hoje Nossa História Fundacional.* Trad. Arnaldo Mário Hillebrand. Canoas: La Salle.2000. 88 p.

JUSTO, Henrique. *La Salle Patrono do Magistério.* 4ª ed. ampliada e atualizada. Canoas: La Salle, 1991. 374p.

LAPIERRE, Charles. *Anda na minha presença*. (Trad. Joaquim Sfredo, Rev. Afonso Ludwig) Canoas: La Salle, 1993. 206 p.

LA SALLE, João Batista de. *Meditações*. (Trad. Albino Affonso Ludwig. Rev. por Joaquim Sfredo). Canoas: La Salle, 1988. 510 p.

_____. *Du Culte éxterieur et publique que les chrétins sont obligés de rendre à Dieu et des moyens de lellui rendre* Troisième partie des Devoirs d'un Chrétin envers Dieu (DC). In

CAHIERS LASALLIENS no. 22. Rome: Maison Saint Jean-Baptiste de La Salle, 1964, p. 355.

_____. *Les Devoirs d'um chrétien envers Dieu (DA).* In CAHIERS LASALLIENS no. 20. Rome: Maison Saint Jean-Baptiste de La Salle, 1964, p. 377.

_____. *Instructions et Prières pour la Sainte Messe la Confession et la Communion avec une Instruction méthodique par demandes et réponses pour apprende à se bien confesser* (I). In CAHIERS LASALLIENS no. 17. Rome: Maison Saint Jean-Baptiste de La Salle, 1963, p. 213.

_____. *Méditations pour les Dimanches et les principaux Fêtes de l'Année* (MF). In CAHIERS LASALLIENS no. 12. Rome: Maison Saint Jean-Baptiste de La Salle, 1962, p. 173.

_____. *Recueil des differents petits traités à l'usage des Frères des Écoles Chretiennes* (R). In CAHIERS LASALLIENS no. 15. Rome: Maison Saint Jean-Baptiste de La Salle, 1963, p. 4.

_____. *Les Règles de la Bienséance et da la Civilité Chrétienne* (RB). In CAHIERS LASALLIENS no. 19. Rome: Maison Saint Jean-Baptiste de La Salle, 1964, p. 146.

LE GOFF, Jacques (Dir.). *A História Nova*. (Trad. Eduardo Brandão). 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988. 318 pp.

MAILLEFER, Francisco Elias. *Vida do Senhor João Batista de La Salle, sacerdote, doutor em teologia, ex-cônego da igreja catedral de Reims e fundador dos Irmãos das Escolas Cristãs.* (Trad. Joaquim Sfredo e Albino Affonso Ludwig). In: COLEÇÃO LASSALIANA v. 3.. Canoas: La Salle, 1991. 233 p.

MILLIOT, Vincent. *Cultures, sensibilités et société dans la France de l'Ancien Regime*. Col. 128 Histoire. Paris: Nathan Université, 1996. 128 p.

MONDIN, Battista. *As Novas Eclesiologias*: Uma imagem atual da Igreja. (Trad. Pier Luigi Cabra.) Col. Teologia Hoje. São Paulo: Paulinas, 1984. 436p.

MONDONI, Danilo. *Teologia da Espiritualidade Cristã.* Coleção CES 3. São Paulo: Loyola, 2000. 172p.

Nouveau Dictionnaire de l'Academie françoise. Paris: Jean-Baptiste Coignard, 1718.

PAULO VI. *Evangelii Nuntiandi.* Exortação Apostólica sobre a Evangelização no Mundo Contemporâneo. 6ª. Documentos Pontifícios 188 – Petrópolis: Vozes, 1984. 73p.

POUTET, Yves, PUNGIER, Jean. *La Salle e os desafios de seu tempo*. (Trad. e notas: Henrique Justo). Canoas: La Salle, 2001. 176 p.

RAHNER, Karl. *Curso Fundamental da Fé*: Introdução ao conceito de Cristianismo. (Trad. Alberto Costa). São Paulo: Paulus, 1995. 540 p.

REY, Alain (Dir.) *Dictionnaire historique de la langue française.* Paris: Le Robert, 1992.

RODRÍGUEZ ECHEVERRIA, Álvaro. Carta Pastoral *O Rosto do Irmão Hoje – A Centralidade de nosso Quarto Voto.* Trad. Arnaldo Mário Hillebrand. Canoas: La Salle. 2000. 27 p.

_____. Carta Pastoral *Ser Irmão em Comunidade: Nossa Primeira Associação.* "Prometo unir-me e permanecer em sociedade com os Irmãos das Escolas Cristãs". Trad. Arnaldo Mário Hillebrand. Canoas: La Salle. 2001. p. 39.

SAUVAGE, Michel. *Catequesis y Laicado* – Participación de los laicos en el ministério de la Palabra divina y misión en la Iglesia del religioso laical educador. Tomo I – Investigación histórica. Colección Sínite 6. Madrid: Tejares – Salamanca: Instituto Pontifício S. Pio X, 1963. 526 p.

_____. *Catequesis y Laicado – Participación de los laicos en el ministerio de la Palabra divina y misión en la Iglesia del religioso laical educador.* Tomo II – Investigación doctrinal. Colección Sinite 7. Madrid: Tejares – Salamanca: Instituto Pontificio S. Pio X, 1963. 525 p.

SEBÁ LÓPEZ, Hernando. *La Salle hoy somos nosotros!* Santafé de Bogotá: Distrito Lasallista de Bogotá.1996. 283p.

TAVARD, George H. *A Igreja, Comunidade de Salvação*: Uma Eclesiologia Ecumênica. Trad. Euclides L. Calloni. São Paulo: Paulus, 1998. 425 p.

UNIÃO DOS SUPERIORES GERAIS. *O Irmão nos Institutos Religiosos Leigos*. São Paulo: Loyola, 1992. 79 p.

Livros Grátis

(http://www.livrosgratis.com.br)

Milhares de Livros para Download:

Baixar livros de Administração
Baixar livros de Agronomia
Baixar livros de Arquitetura
Baixar livros de Artes
Baixar livros de Astronomia
Baixar livros de Biologia Geral
Baixar livros de Ciência da Computação
Baixar livros de Ciência da Informação
Baixar livros de Ciência Política
Baixar livros de Ciências da Saúde
Baixar livros de Comunicação
Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE
Baixar livros de Defesa civil
Baixar livros de Direito
Baixar livros de Direitos humanos
Baixar livros de Economia
Baixar livros de Economia Doméstica
Baixar livros de Educação
Baixar livros de Educação - Trânsito
Baixar livros de Educação Física
Baixar livros de Engenharia Aeroespacial
Baixar livros de Farmácia
Baixar livros de Filosofia
Baixar livros de Física
Baixar livros de Geociências
Baixar livros de Geografia
Baixar livros de História
Baixar livros de Línguas

Baixar livros de Literatura
Baixar livros de Literatura de Cordel
Baixar livros de Literatura Infantil
Baixar livros de Matemática
Baixar livros de Medicina
Baixar livros de Medicina Veterinária
Baixar livros de Meio Ambiente
Baixar livros de Meteorologia
Baixar Monografias e TCC
Baixar livros Multidisciplinar
Baixar livros de Música
Baixar livros de Psicologia
Baixar livros de Química
Baixar livros de Saúde Coletiva
Baixar livros de Serviço Social
Baixar livros de Sociologia
Baixar livros de Teologia
Baixar livros de Trabalho
Baixar livros de Turismo